

Promessas **E**scuras (Dark Promises)

01 - Meia-**N**oite

ELISA **A**DAMS



EQUIPE:

Disponibilização: Pégasus Lançamentos & RTS

Revisão inicial: Regina Evans

Revisão final: Elis C.

Formatação e Leitura Final: Soryu



Resumo

Amara Daniels foi traída, despedida e dada como morta no mundo artístico.

Agora a atriz é sequestrada por um homem que diz ser um vampiro.

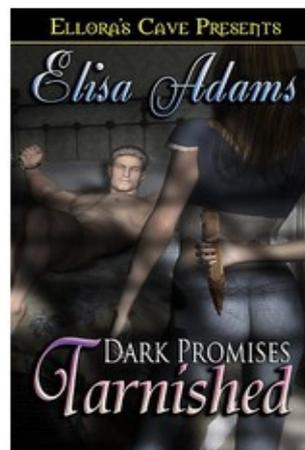
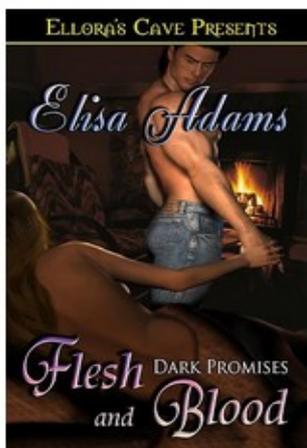
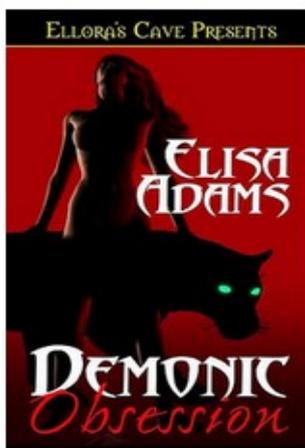
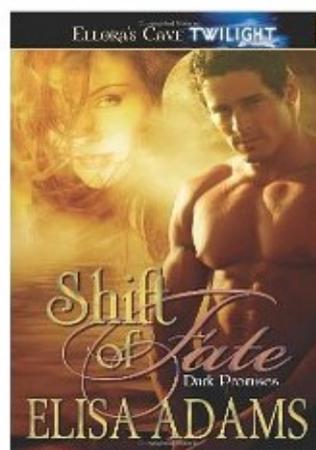
Mas sua vida mudará radicalmente quando uma poderosa atração nasce entre ela e seu suposto vampiro que passará do ponto de ebulição.



Storm Tattoo Studio - (11) 4675-1222

SÉRIE PROMESSAS ESCURAS

- 01-MEIA NOITE – DISTRIBUIDO**
- 02- OBSESSÃO DEMONÍACA – EM BREVE**
- 03- MUDANÇA DE DESTINO – EM REVISÃO**
- 04- CARNE E SANGUE – A REVISAR**
- 05-MANCHADA – A REVISAR**



Capítulo 1

Amara saiu de seu camarim. Suas botas altas de couro sintético faziam um barulho horrível a cada passo que dava. Seria melhor andar com sacos de lixo entre as pernas. O efeito seria o mesmo. Puxou a parte dianteira do top preto que tentava em vão conter seus seios. Quando as pessoas iriam entender que existia uma enorme diferença entre um número M e o número G? Quem fosse o responsável por desenhar esta coisa tinha que levar um tiro. Eles pareciam encolher a cada filme. Tinha achado muito ruim quando colocou as calças de couro no primeiro filme. Em seguida, as calças foram substituídas por uma mini-saia, que havia sido trocada mais tarde por uma micro-mini-saia e um top curto. Assombrava-se que, enquanto os filmes ganhavam popularidade e os orçamentos subiam como um foguete, o material usado em cada traje era menor. Os produtores deviam pelo menos enviar recursos para cobrir seu traseiro.

— Tudo bem, Amara?

Amara se virou, pôs as mãos nos quadris, preparada para soltar suas frustrações. De repente apareceu no corredor o diretor, Robby Baker.

— Não, Robin. Nem sequer posso me mover com esta roupa. Não entendo como espera que eu corra com isso. Eu mal consigo caminhar sem que alguma parte do meu corpo fique presa.

— Vamos, Amara. Para sua idade, você tem um corpo fenomenal.

Sua idade? Ela tinha trinta anos, mas ele falava como se depois dos trintanos, a velhice batesse sua porta.

— Muitas mulheres têm que pagar para conseguir seios como os seus. Não são abençoadas pela natureza como você, docinho.

A última vez que se considerou 'abençoada' por seus seios, tinha sido na oitava série. Aprendeu que era divertido caminhar o dia inteiro com dois montes de melões pendurados no peito.

— Não vou mostrar meus seios à câmera. Se for isso que quer, pode procurar outra.

— Bem, isso é algo que precisamos conversar.

Empurrou-a para uma sala vazia no final do corredor, fechando a porta silenciosamente atrás deles.

— Os produtores querem levar os filmes Midnight a uma nova dimensão.

Merda! Aquilo não era um bom sinal. Estavam planejando matar o seu personagem? Esperava que não. Midnight era o filme mais popular do momento. Contava a história de Midnight e seu amante humano J.T., mas sem sua personagem Midnight, a série perderia sua linha dramática.

— Continue.

— Bem, o que queremos é dar aos filmes um sabor mais... adulto.

Ela bufou.

— Desde quando essa série é destinada ao público infantil. Os adultos não estão satisfeitos?

— Bem, na verdade não.

Olhou-o fixamente por um momento, tentando deduzir se estava brincando. Não, não estava.

— Que droga, Robby, eu não participarei de um filme pornô.

Robby suspirou e andou pela sala.

— Escuta Amara. A franquia de Midnight não é tão popular como no início. Com seu rosto e seus seios, poderíamos fazer fortuna se você apresentasse um pouco mais de safadeza. Derek está de acordo, o restante do elenco também. Você é a única que resiste.

— Porque essa súbita obsessão pelos meus seios?

Estava procurando uma boa razão para não estrangulá-lo por aquele comentário. Apertou os dentes e as mãos, tentando se manter calma.

— Deixe de besteiras, doçura. Existem muitas cenas eróticas nos cinco filmes Midnight. Merda, você só tinha vinte e quatro anos quando filmaram o primeiro. De todos os modos, qual o problema em deixar as coisas um pouco mais reais? Estará protegida, se for isso o que te incomoda. Derek usará camisinha, se é o que quer. Não terá que se preocupar em pegar uma doença.

Eles achavam que ela não tinha moral?

— Há uma grande diferença entre sexo simulado e penetração real. – negou com a cabeça e puxou seu espartilho mais uma vez. — Não vou fazer.

— Será somente com Derek, doçura. Você sabe, seu noivo. Por favor, não me diga que nunca fizeram sexo.

— O que Derek e eu fazemos em nosso quarto não é da conta de ninguém, e certamente não será explorado para ganhar mais dinheiro.

Robin passou uma mão por seu cabelo oleoso.

— Que engraçado, porque será Derek não fez nenhuma objeção?

— Não fez?

— Não. De fato, parecia bastante entusiasmado em fazer sexo contigo na frente das câmeras.

Derek seria um homem morto quando chegasse em casa.

— Não vou fazer.

— Você não tem muita escolha.

— Isso é um tipo de ameaça? – cruzou os braços sobre o peito, mas teve que descruzá-los quando o escasso Top se enrugou indecentemente.

Robin não perdeu a visão do decote que inconscientemente o atraiu. Os olhos

dele se abriram e seu sorriso se alargou, ela o teria esbofetado se ele não estivesse sustentando sua frágil carreira, na palma de sua mão pequena e gordurenta. Em troca, fulminou-o com o olhar, e ele teve a decência de parecer envergonhado.

— É obvio que não, doçura. Jamais te ameaçaria. Mas sejamos sinceros, onde estaria se não fosse por estes filmes? Teve alguma outra oferta ultimamente?

Não. Fazer *Midnight Morris* em seu primeiro filme tinha sido o céu e o inferno para sua carreira. Claro que o primeiro filme se estendeu em quatro sequencias, incluindo uma grande publicidade que se estendeu a criação de um brinquedo de ação, passando por cereais a roupas, mas também tinha acabado com suas esperanças de ser levada a sério em Hollywood. Todos os diretores acreditavam que ela era somente a borbulhante loira vampiresca e, portanto inadequada para qualquer outro papel. Ainda assim, não iria comprometer seus princípios transando em frentes as câmeras, mesmo que o homem em questão fosse seu noivo, com quem supostamente se casaria em duas semanas. Não importava quanto dinheiro pudesse obter com o filme. Tinha aprendido que dinheiro não era tudo, especialmente se sua dignidade estava envolvida. Claro que tinha passado uma parte de sua vida adulta fazendo uma efeminada vampiresca de gibis, com mais peito que cérebro, mas tinha que por limites em alguma parte.

— Não vou fazê-lo, Robin, e ponto final.

— O que posso fazer para que mude de ideia? O que quer? Mais dinheiro? Uma casa maior? Um carro esporte?

— Nada do que está me oferecendo! – cerrou os olhos e fitou o pequeno homem. Ela não era muito alta, mas os saltos de dez centímetros, combinados com a pequena estatura dele lhe davam algumas vantagens. Ele retrocedeu, mas se manteve firme.

— É sua resposta final?

Assentiu, com os lábios franzidos.

— Bem, então sinto muito, tenho que pedir que vá embora.

— Não acredito. Temos um contrato.

Não podiam quebrar o contrato.

— Por se negar a seguir a ordem do diretor e produtor, tecnicamente está descumprindo o contrato.

— Não diga bobagens. Em nenhum lugar do contrato diz que tenho que fazer sexo com meu co-protagonista.

Definitivamente, depois de tirar aquele pedacinho de traje, iria para casa e ligaria para seu advogado.

— Mas tampouco dizia especificamente que não tivesse que fazê-lo.

Aquele homem era um descarado! Pensar que em alguns momentos de sua vida o considerou como um amigo.

— Não pode fazê-lo.

— Não, provavelmente não possa – piscou para ela – Mas posso contar aos produtores sobre a pequena festa privada que participou a algumas semanas, na empresa de limusines.

— Não se atreveria!

Robin sacudiu a cabeça.

— O que pensariam sobre a nossa garota de ouro? Você e três homens em uma limusine. E só Deus sabe que tipo de drogas e álcool usaram – seu sorriso se alargou – Tenho certeza que a imprensa sensacionalista aproveitará o máximo possível essa situação.

Respirou sobressaltada, procurando alguma forma de escapar daquilo. Infelizmente, não parecia haver nenhuma. Não importava que nada tivesse acontecido dentro da limusine. Só estava ela, Derek e um par de casais, seus velhos amigos da universidade. Não tinha dormido com nenhum deles e a substância mais forte que havia no carro era cerveja. Mas seria sua palavra contra a dos outros e ela sabia que tinha participado de uma ou duas festas selvagens. Agora estava sendo ameaçada com o que mais temia, perder seu emprego. O que seria sem aquele papel? Era somente uma garota velha com uma tintura ruim no cabelo e um título de bacharel em humanas em uma faculdade de Vermont.

— O que quer que eu faça?

— Simplesmente tire a roupa para a câmera, doçura, e Derek se encarregará do resto.

Ela negou com a cabeça. Não faria aquilo por nada nesse mundo! Por muito que desfrutasse de seu trabalho, haveria outros. Era um golpe devastador, mas terminaria superando. Depois de uns meses, as coisas se ajeitariam e ela poderia fazer seleções para outros papéis novamente. Certamente alguém lá fora iria querê-la para alguma coisa.

— Isso não vai acontecer. Tenho que ir para casa e falar tranquilamente com Derek.

— OH... Acho que essa conversa com Derek será inútil, ele não vai mudar de ideia.

Ao escutar aquilo ficou arrepiada. Não queria ouvir o que ele tentava lhe dizer, mas tinha que perguntar de todas as formas.

— Por que diz isso?

Robin riu.

— Ele não é tão contido como você, suponho. Por que você não dá uma olhada nisso enquanto fica se lamentando em casa?

Entregou-lhe uma fita de VHS.

— O que é isso?

— Apenas o último projeto de Derek. Desfrute-o, doçura. Tenho certeza que o fará.

— Derek?

Amara entrou na casa que ambos compartilhavam. Foi recebida pelo silêncio. Que estranho. Ele já devia estar em casa. Encolheu os ombros e pôs sua bolsa sobre a mesa de café, contente de se livrar daquele maldito Top. Certamente sua pele arderia durante semanas.

Serviu-se de um copo de vinho e colocou a fita no vídeo, curiosa por ver no que Derek estaria trabalhando sem informá-la. Pelo que sabia, as únicas coisas em que baseava sua carreira eram os filmes da série Midnight e um par de anúncios de celulares.

O título “Mais que Amigos” apareceu na tela, seguido pelo nome de Robin como diretor. Piscou com força quando viu surgir o nome de Derek. Que demônio ele estava fazendo ali? Ele sempre tinha pensado que os filmes independentes não valiam a pena. Por que de repente estava atuando em um, e fazendo-o sem contar nada para ela?

Descobriu muito mais do que queria quando o filme começou, Derek apareceu totalmente nu de frente as câmeras e obviamente bastante excitado. OH meu Deus! Ele realmente estaria com problemas quando voltasse para casa. O que mais a surpreendeu, embora devesse ter esperado depois dos comentários de Robin, foram as quatro mulheres nuas que surgiram. Quando uma delas, uma ruiva alta e magra, com peitos obviamente falsos, rodeou o pênis de Derek com a mão, Amara desligou a televisão.

— Derek, seu filho de puta!

Se não estivesse tão furiosa, teria ouvido antes os ruídos. Mas estava muito atordoada pelo que tinha descoberto para se dar conta. Sentou-se no sofá, com o controle na mão, durante uns cinco minutos, antes de perceber os chiados da cama. Então se sentiu completamente furiosa. Saltou do sofá e se dirigiu a escada, subindo os degraus de dois em dois. Abriu a porta do dormitório em um empurrão, esperando encontrar Derek com a ruiva do filme. Seu queixo caiu quando viu que estava com Steve, um dos fornecedores da série.

— Merda – não podia acreditar no que estava vendo – Mas que merda você está fazendo?

— Olá, querida.

Nem sequer tinha a decência de parecer arrependido. Em troca, continuava introduzindo seu pênis, um pênis que nunca mais voltaria a entrar dentro dela novamente, no traseiro de Steve. Steve, por outro lado, parecia totalmente mortificado. Seu corpo inteiro se tornou vermelho brilhante e fechou os olhos, mas Derek não o deixou ir.

— Por que não se une a nós, Amara? Conte tudo ao Steve sobre seu maravilhoso corpo.

Aquilo nunca iria acontecer novamente.

— Nunca terá a oportunidade de me ver nua novamente, amigo.

— Oh, vamos, Amara, venha se divertir um pouco, pelo menos uma vez na vida. Não tem nada de mal em dar um pouco de estímulo a nossa vida sexual.

— É por isso que está com Steve, é por isso que está fazendo esses filmes? Para estimular nossa vida sexual? Que meda, Derek. Se estava aborrecido, deveria ter dito.

— Aborrecido??? Essa palavra não pode sequer descrever meus sentimentos em relação a nossa vida sexual, neném. Preciso muito mais do que você me dá. — Derek se contorceu e suspirou de absoluto prazer. — Steve é muito melhor. Sabia? Chupa-me sempre que quero e não fica doente com a ideia de engolir.

De fato, ele ficava contrariado com aquilo.

— É um filho da puta, Derek.

— Simplesmente quero me divertir. Vamos, Amara. Poderíamos nos divertir todos juntos.

O pobre Steve tinha ficado mais vermelho. Agora era uma encantadora sombra púrpura. Retorceu-se para escapar, mas enormes mãos de Derek o mantiveram aonde queria.

— Cheirou outra vez, Derek?

Aquilo atraiu a atenção dele. Parou a penetração e saiu de Steve. O homem engatinhou para conseguir suas roupas e saiu correndo do quarto. Amara ouviu a porta da rua se fechar com um único golpe uns poucos segundos depois.

O rosto de Derek estava cinzento.

— Como pode me perguntar isso? Sabe que larguei faz uns meses.

E aparentemente tinha acumulado outros maus hábitos. Não sabia o que odiava mais, se era a droga, ou seus indiscriminados encontros sexuais com qualquer coisa que se movesse.

— Acredito que deva ir. Recolha suas merdas e vá embora. E não volte.

— Vamos superar isso. Passamos por coisas piores e sempre superamos — ele estendeu a mão para tocá-la, mas ela esquivou. Seu estomago tremia ao pensar em suas mãos sobre sua pele.

— Há quanto tempo é gay?

— Não sou gay. Eu gosto de mulheres também.

— OH, sim. É verdade. Vi o suficiente do vídeo para ver que as mulheres também te deixam duro. Quantas vezes me enganou?

Dirigiu-lhe um olhar solene.

— Nenhuma. Eu a amo muito.

— Nenhuma? O que interrompi então? Um exame de próstata?

Derek suspirou, olhando-a de um jeito mais aborrecido do que tinha direito.

— Nunca dormi com nenhuma outra mulher, Amara. Não desde que ficamos noivos.

— E as mulheres do filme?

— Elas não contam. Pagaram-me por isso. E os homens tampouco contam. Isso não é realmente sexo.

O que ele estava inventando agora?

— Quantos homens estiveram aqui?

Amara o viu contar dez com seus dedos e logo franzir a testa.

— Não estou certo. Perdi a conta em algum momento do mês passado.

Ela fechou os olhos e respirou profundamente, contendo-se para não o bater. Ele merecia, mas não valia a pena quebrar uma unha ou duas. Não tinha passado horas lixando e polindo suas unhas por nada.

— Fora daqui!

— Não é justo. Interrompeu-me, ao menos deveria me dar um pouco de alívio.

— Como é?

— Ainda estou duro. Por que não me chupa e me alivia?

— Deve estar brincando. Nenhum pênis que tenha estado empurrando ao redor do traseiro de um homem vai estar dentro de qualquer parte do meu corpo.

Pegou as roupas de Derek e as atirou em cima dela.

— Saia imediatamente da minha casa. Recolherei suas coisas e poderá contratar alguém para que venha buscar mais tarde.

Ele se descontrolou e falou:

— Isso significa que o casamento está cancelado?

— Oh... não sei. Você possivelmente poderia casar-se com Steve ou talvez com aquela ruiva cheia de silicone.

Capítulo 2

Dois meses depois...

Amara se encontrava sentada, folheando os anúncios de empregos pela segunda vez naquela manhã. Mesmo uma atriz desempregada como ela tinha que encontrar algo. Compareceu a cada entrevista que seu agente lhe conseguiu, inclusive uma delas às escondidas e mesmo assim continuava desempregada.

Tomou um gole do seu café, sem saboreá-lo realmente. Era a quarta xícara da manhã e realmente começava a sentir os efeitos da cafeína. Suas mãos tremiam quando tentou dobrar a página do jornal. Ou talvez o tremor fosse causado pelo artigo que tinha lido na seção de espetáculos.

Parecia que Derek não estava tão mal como ela. Não só tinha conseguido ficar com o papel de Midnight, como também recentemente o tinham contratado para fazer uma tele-comédia em uma cadeia de televisão importante e também uns comerciais para uma empresa de refrigerantes.

Deu um suspiro e enrugou o papel. Sua vida estava desmoronando. Por que Derek, o maior pilantra de todos os tempos, conseguia esses contratos? Provavelmente fez sexo com os produtores da tele-comédia e dos comerciais. Isso explicaria sua confortável situação. Não era a primeira vez, que sentia aquela estranha sensação, como se alguém a observasse. Olhou ao redor, mas todos pareciam normais. Claro que ela vivia nos subúrbios de Los Angeles e todos pareciam fora do normal. Ninguém se sobressaia, ao menos não que ela pudesse percebê-lo.

Nas duas semanas anteriores, também sentiu esta sensação várias vezes. Quando se moveu para procurar alguém, não encontrou nada. Provavelmente estava paranoica, mas sentia um nó estranho na boca do estômago. Isto vinha acontecendo há algum tempo, mas algo lhe dizia que hoje era o dia D. Algo ia acontecer. E ela não ia esperar que acontecesse aqui.

Estava a ponto de partir quando uma mulher se aproximou, lhe tocando o ombro.

— Me perdoe. Não pude deixar de notar que você se parece com a protagonista de uma série de filmes de vampiros. Qual era o seu nome? Twilight? Sunset?

Amara levantou sua mão para proteger seus olhos da luz brilhante do sol.

— Midnight. Sou eu.

A mulher sacudiu a cabeça.

— Não. Isso é impossível. Essa mulher morreu. Li no National Gossip ontem, e é por isso que foi substituída por essa outra garota, Mitzy Anderson. Todas as revistas dizem que vai ser a estrela no próximo filme, já que a atriz original está morta.

— Não, não estou morta. Eu fiz Midnight Morris nos cinco primeiros filmes.

A mulher voltou-se para seu companheiro, um homem de meia idade.

— Qual era o seu nome? Emily ou algo assim?

Isso não podia estar acontecendo.

— Meu nome é Amara. Amara Daniels.

Há poucos meses, ela era a coisa mais quente na cidade. Agora todos pensavam que estava morta? Estava disposta a apostar que Derek e Robby tinham algo a ver com aquela intriga.

— Não me recordo desse nome. – a mulher franziu o cenho e sacudiu sua cabeça. – Poderia jurar que era Emily. Emily Douglas.

Ah, por todos os céus. Aquilo não a levaria a parte alguma.

— Como? O Gossip diz que você morreu!

A mulher encolheu os ombros.

— Algo sobre envenenamento de silicone. Um implante de seios que arrebentou. – seus olhos se iluminaram – Sim, era isso. Recorda quando vimos aquele filme, Peter? Disse-te então que aqueles seios tinham que ser implantes. Suspeito que tinha razão.

Agora Amara estava soltando fumaça. Que confundisse seu nome, que mentissem a respeito de sua morte a todos que quisessem, mas não se atreveriam a dizer que seus seios eram falsos. Eles eram autênticos, e ela tinha os músculos de suas costas doloridos e estirados para demonstrá-lo.

— Lamento lhe decepcionar, mas você se equivoca. – ela olhou a mulher furiosamente. – São autênticos.

— Céus, querida. Não sei por que se incomoda com isso. – a mulher sacudiu a cabeça e pôs suas mãos sobre seus quadris – Está levando isso de forma muito pessoal.

Isso era pessoal. Ela não ia perder mais seu tempo escutando essas pessoas. Tomou o resto do café, deixou um par de gorjetas sobre a mesa e afastou-se com passos majestosos do casal. Enquanto caminhava pela calçada, podia ouvi-los ainda falando sobre mortes induzidas por silicone e de Mitzy Anderson. Queria gritar.

“A estrela de Midnight morre por envenenamento em implante de silicone.”

Marco amassou o jornal de baixa qualidade em seu punho, atirando-o em uma lata de lixo enquanto seguia caminhando. Noventa e nove por cento do que dizia aquele jornal era lixo, mas de vez em quando uma história tinha ao menos um grão de verdade. Tinha-a visto há poucos dias, sabia que não estava morta, mas só se sentiria tranquilo quando a visse novamente.

Parou na calçada em frente do apartamento de Amara. Não escutou nenhum ruído ou movimento dentro. Ela não estava em casa, mas a esta hora do dia não era novidade. Pensou que poderia saber onde encontrá-la... Em uma pequena lanchonete onde lia o jornal a maior parte das manhãs.

Sua fixação por ela tinha começado fazia uns meses, quando ele tinha visto seu último filme. Embora não aprovasse esse tipo de filmes, Amara Daniels o cativou desde o começo. Ela o fascinava além de provocá-lo, conduzia-o a um comportamento obsessivo que tornava-se cada vez mais difícil controlar.

O que tinha começado como curiosidade inocente mesclada a um sentimento de cólera se converteu em algo mais, algo que não compreendia totalmente. Algo que realmente não queria, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso. Tinha padecido de algo assim em outro tempo de sua vida, e tinha terminado horrivelmente. Não podia deixar que acontecesse outra vez, mas não podia se manter afastado.

A lanchonete era próxima do apartamento dela, mas o sol que batia sobre suas costas lhe incomodava horrivelmente. Ajustou seus óculos de sol e baixou a cabeça até que pôde sentar-se sobre um dos guarda-chuvas que cobriam as mesas. Uma vez ali, suspirou de alívio, tanto por estar relativamente protegido do sol, quanto porque ela estava ali.

Desta vez não estava sozinha. Um casal mais velho sentava-se ao lado de sua mesa. A mulher parecia discutir com Amara. Esforçou-se por ouvir o que diziam, mas só foi capaz de pegar o final da conversação antes que Amara se levantasse da mesa e se afastasse.

Ela foi em direção a seu apartamento. Seu carro estava estacionado ali, assim não tinha outra opção, senão segui-la. Manteve distância, não querendo assustá-la. As mulheres dessa época eram imprevisíveis. Era provável que o atacasse ou que chamasse a polícia se sentisse ameaçada.

Ela entrou no edifício, fechando a porta. Ele ficou atrás, mas perto o bastante para que seus ouvidos escutassem o clique de sua porta ao fechar-se. Deveria ter partido agora, já que descobriu que ela estava viva.

Mas não o fez.

Apoiou-se contra seu carro, seu olhar fixo focado naquela porta fechada. Ela não sabia que ele estava ali, mas de algum modo se sentiu desprezado. Fechou seus olhos e gemeu. Isto era demais. Tinha que fazer algo, antes que aquela obsessão consumisse sua vida.

* * * * *

Amara afundou no sofá, as lágrimas fluindo de seus olhos. Aquilo era demais. Fez todas as entrevistas e testes que encontrou, e ninguém a quis. Embora fosse atriz, não possuía nenhuma outra qualificação.

Provavelmente deveria ter escutado seu colega de colégio quando a alertou que um título de artes não a levaria muito longe. Naquele momento ela o mandou

cuidar da própria vida, lhe disse que seria uma grande estrela um dia. Ser atriz era tudo o que queria ser, mas seu maldito padrasto tinha insistido que fosse à universidade, pelo menos durante uns dois anos. Se tivesse escutado alguém, não estaria nesta situação agora.

Suas economias a manteriam um pouco mais, mas logo ia ter que encontrar um trabalho, preferentemente um que não implicasse servir gordurentas batatas fritas ou tirar a roupa. Infelizmente isto parecia ser tudo o que era disponível.

Agora, o que devia fazer? Tinha olhado aos anúncios classificados durante duas semanas e não tinha encontrado nada que se parecesse com seu papel de vampira que amava as festas. O mais próximo que encontrou era de atendente de um sex-shop local e duvidava que pagassem bem. As coisas não estariam tão ruins se tivesse um homem, mas ia tentar ficar sozinha por um tempo. Ainda estava em choque pela mudança da preferência sexual de Derek.

Uma batida na porta deteve seus pensamentos. Perguntou quem se incomodaria em visitar uma morta. Se fosse a imprensa, o que era uma boa possibilidade, não estava preparada para lidar com eles. Encontrava-se ainda em um mau momento e não seria totalmente responsável por suas ações.

Aproximou-se da maçaneta da porta para abri-la, mas parou. Uma sensação de problemas a golpeou duramente, quase como um golpe físico. Fechou os olhos e suspirou, esperando que o sentimento passasse. Desta vez não passou. Devia retornar à poltrona, fingindo que não estava em casa. Mas não podia. Tinha que abrir a porta, inclusive sabendo que se o fizesse, mudaria sua vida para sempre.

Engoliu a saliva e levantou a trava de segurança, o estalo agudo da fechadura se escutou forte e duro. Ela tinha sentido coisas antes, mas nunca algo como isto. Nunca havia sentido que estava em perigo, mas precisava fazer algo sobre isso. A maçaneta girou facilmente em sua mão e abriu de repente a porta, incapaz de escapar da sensação de que estava convidando o seu próprio destino a entrar.

Um olhar ao homem que estava na sua frente fez com que sua boca secasse. Um suor frio apareceu sobre sua testa e a fez sacudir sua cabeça. Tinha-o visto antes, ao redor da lanchonete algumas vezes. Sua presença nunca a tinha incomodado ali, mas havia uma grande diferença entre sentar-se a umas mesas de distância e o ter ali na sua frente. Quase podia sentir a tensão que emanava dele. Se tivesse sido capaz de conseguir que suas pernas se movessem, teria fugido.

Seu cabelo era marrom, com algumas mechas ligeiramente mais claras no topo. Um pouco comprido, mas arrumado. Seus olhos eram um pouco mais escuros que seu cabelo, tão profundos que quase poderiam chamar-se de negros. Havia algo a respeito dele que não podia dizer, algo que a deixava totalmente arrepiada.

Respirou profundamente antes de falar, esperando manter seus últimos momentos de calma. Provavelmente ele tinha uma boa razão para estar em sua porta, não queria acreditar que era uma espécie de maníaco.

— Posso ajudá-lo?

— Você é Amara Daniels? — Sua voz era profunda, quase hipnótica, ele tinha

um pouco de sotaque. Era espanhol? Italiano? Não podia afirmar.

— Hum, sim. — Respondeu devagar, cautelosamente. Tentava entender porque ele deixou todos seus sentidos em alarme, pronta para lutar ou escapar ante o mais leve movimento de sua parte. Aquilo poderia ter algo a ver com sua expressão macabra, a roupa escura e a barba escura que cobria sua mandíbula.

Ou poderia ser pelo fato de que era muito parecido com um jogador de futebol americano, e tinha colocado seu pé na porta aberta, assim não havia nenhum modo de poder fechá-la.

— Pensei que fosse — Seus olhos brilharam com uma luz estranha, quase animal. Contemplou-a com uma sobranceira arqueada, sua expressão uma mescla de intriga e cólera.

Ela involuntariamente deu um passo para trás, tentando calcular um modo de conseguir fechar a porta, e chamar à polícia.

— Não lhe farei mal. — Ele rapidamente empurrou a porta e entrou antes que ela pudesse fazer algo e fechou-a.

— Não muito, de todos os modos.

Ela correu para a cozinha, às cegas para alcançar o telefone. Agarrou-o e levantou o receptor a seu ouvido. A linha estava muda. Seu coração pulsou fortemente e uma fina capa de suor frio a cobriu. Não queria perder sua vida dessa maneira.

— O que quer?

Ele tomou o telefone mudo de sua mão e o pôs na base. Passou um dedo ao longo de sua mandíbula.

— Quero lhe ensinar uma lição.

— O que? — sua voz saiu como um grasnido. — Nunca o vi até agora. O que lhe fiz para que queira me fazer mal?

Ele sacudiu sua cabeça e afirmou:

— Realmente pensa que seus atos em seus filmes não têm consequências?

Oh, Deus. Ele era um maluco total.

— Não fiz nada. Nunca tentei fazer mal a alguém. Esses filmes são apenas fantasias. Não sei do que fala.

— Não sabe? — Ele sorriu com satisfação. — Em seu mundo, os vampiros são oniscientes. Certamente, você não tem nem ideia de como somos realmente.

Nós? Ela piscou ante o nós. Ele realmente pensava que era um vampiro?

— O que lhe fiz para que ficasse tão zangado?

Ele suspirou profundamente.

— Somente ser você, Amara. Somente você.

Ele seguiu acariciando sua mandíbula, mas ela não pôde deter o pequeno calafrio que a atravessou. Estava assustada, mas havia algo mais ali, um pouco

mais difícil de definir.

Algo que ela precisava definir, posto que o homem obviamente não era de confiança.

— O que você vai fazer comigo?

— Vou te mostrar a verdade. — Ele riu, mas não havia um indício de suavidade nisso. — Compreenderá, custe o que custar, tenho que fazer que entenda.

Ele passou uma mão em seu cabelo e atirou sua cabeça para trás.

— Está claro?

— Claro? Ah, sim. Como o cristal. Prometo não rir dos vampiros nunca mais. Serei uma garota boa e...

— Cale a boca!

— Sinto muito.

Ele fixou seus olhos nos dela, ao mesmo tempo em que sua boca se alinhava em um sorriso.

— Nenhuma outra palavra.

Ela fechou a boca com força e engoliu saliva. Sua visão se turvou, e a última coisa que viu antes de cair no piso foi o olhar mortal fitando-a.

Capítulo 3

Mas que merda.

E agora? O que faria com ela? Teria sido muito mais fácil caminhar com ela até seu carro. Não podia simplesmente jogá-la sobre seu ombro e sair. Certamente ela teria vizinhos curiosos. Todas estas pequenas vizinhanças os tinham.

Baixando o olhar para ela, uma pontada de culpa o cobriu. Não queria lhe fazer nenhum mal.

Ou sim?

Talvez. Mas controlar seus impulsos não era seu forte.

Ela era muito menor do que tinha esperado. Na tela parecia tão grande, como uma boneca Barbie de carne e osso, com seu cabelo tingido de loiro claro, uma juba provocadora, além da maquiagem que cobriam seu rosto. Tinha também seios enormes, mas se perguntava se eram realmente verdadeiros.

Tombada sobre o chão da cozinha, com seu cabelo loiro estendido ao redor dele, quase parecia frágil. Mas, inclusive com roupas normais, podia ver indiretamente o corpo tentador que sabia que possuía. O mesmo que ostentava com descaramento em seus filmes.

Tinha que deter seus pensamentos agora mesmo. Se ia lhe dar uma lição, e definitivamente tinha planejado fazê-lo, teria que levar a cabo seu plano original. Seu plano original não implicava que admirasse esse corpo incrível e cheio de curvas deliciosas. Mais tarde, teria tempo para isso. Agora a pergunta continuava, como ia tirá-la da casa?

— Ei! Amara. Acorda.

Nada.

— Amara? — Ele se inclinou e a sacudiu levemente. Ela se moveu, mas não abriu seus olhos.

Maravilhoso. Deveria ter planejado melhor. Se tivesse pensado mais atentamente...

Sem lhe dar muito tempo para reagir, Amara se levantou de um salto e tentou lhe dar um murro. Golpeou o seu rosto com algo duro. Ela estirou para trás seu braço outra vez, mas desta vez ele estava preparado. Agarrou seu punho e o apertou. Ela gritou e deixou cair o que sustentava em sua mão, o objeto fez um ruído ao golpear contra o chão.

— Deixe-me ir!

Ele arfou, sustentando-a com pouco esforço. Tinha que admitir, não esperava que fosse tão forte. Por ser uma coisa tão pequena, ele podia imaginar como se defenderia de qualquer um.

Mas não dele. Não era páreo para ele. Nenhuma mulher o era, e ele se assegurava que ela fosse consciente disso.

— Por que não passeamos um pouco em meu carro?

Ela se acalmou e o olhou iradamente.

— É isso é uma espécie de eufemismo para fazer sexo? Isso é o que quer de mim?

Ele riu.

— Não procuro sexo — Embora a vendo pessoalmente, poderia mudar de opinião referente a isso. — Só quero falar contigo um pouco.

Ele esfregou sua mandíbula, que doía um pouco pelo golpe.

— Com o que me golpeou?

— Com um bule.

— Um bule? — Ele tinha sido alvejado por balas, apunhalado, atropelado, e golpeado muitas vezes, mais do que poderia contar, mas ninguém lhe tinha batido com um bule antes. Era um pouco inquietante que tivesse tentado golpeá-lo com um instrumento de cozinha. O que ia fazer depois, tentar cortá-lo com um ralador de queijo?

— Se vier por vontade própria será muito mais fácil.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Não conte com isso.

— Então acredito que vou ter que fazer isso difícil.

Ele tirou do bolso de sua jaqueta uma comprida corda e atou suas mãos às costas. Ela se contorceu, e ele quase se envergonhou de estar desfrutando de seu medo.

Quase. Não sentia completamente o remorso que deveria sentir.

Não deveria sentir-se perverso. Em algum lugar de sua mente sabia que o que estava fazendo era errado. Mas esta fixação que tinha desenvolvido tinha nublado seu bom julgamento. Sentiria a culpa mais tarde, provavelmente mais do que poderia suportar, mas agora mesmo, só sentia a necessidade de encontrar uma forma de libertar seus pensamentos dela.

Ela afundou o salto de sua bota em cima de seu pé em um esforço desesperado de salvar-se. Ele riu da ideia de que uma mulher tão pequena tentasse vencê-lo. Isso nunca tinha lhe acontecido antes, nem sequer quando era humano, e não ia permitir que ocorresse agora. Começou a apertar mais seus pulsos, mas mudou de opinião no último minuto.

Em troca, a puxou contra seu peito e suas mãos se aproximaram perigosamente de seu pênis. Ele cometeu o engano de inalar seu aroma, uma mescla rica de canela e especiarias, e isto quase o tirou do sério.

Ele resistiu ao impulso de gemer e se recordou que estava ali por outra razão que nada tinha que ver com sexo. Apesar de que seus pensamentos se centravam na visão dela nua em sua cama, um pensamento que só durou um minuto, tinha coisas mais importantes que fazer primeiro.

Afastando seu cabelo, inclinou-se e lambeu a zona sensível de seu pescoço.

— Sabe o que vou fazer contigo?

— A única coisa que quero que faça é que me deixe partir.

Ela se contorceu contra ele, inconsciente de que cada movimento enviava uma onda de calor por todo seu corpo. Seus dedos roçaram seu pênis que se endureceu rapidamente. Ele poderia sentir o calor deles através do tecido de seu jeans. Inalou mais de seu especial aroma e fantasiou sobre o sabor de seu sangue.

Iria prová-la, possivelmente em mais de uma maneira. Mas ainda não. Ele resistiu ao impulso de afundar suas presas em sua delicada carne para obter uma pequena amostra. Por hora, se contentaria com a degustação do medo que sentia em sua pele, com uma nota doce, quase sensual, que não tinha planejado.

— Tenho grandes planos para você, Amara. Não posso esperar para te levar para a minha casa e conseguir saborear seu quente sangue. Já posso sentir a palpitação em suas veias.

Ela tremeu. Quando falou, seu tom era muito submisso, mas bem incerto.

— Se me deixar ir agora, prometo não te denunciar. Fingirei que isto nunca aconteceu.

— Quando terminar contigo, querida, me assegurarei de que seja impossível de que o esqueça.

Ela gemeu e suas pernas pareceram abandoná-la. Deixou-se cair com força contra ele e o deixou sem fôlego ao sentir seus pulsos roçar contra seu pênis. Ela tinha que saber quão duro estava, seria impossível que não pudesse senti-lo. Empurrou-a um passo de distância dele, tentando conseguir se controlar antes de cometer a estupidez de lhe arrancar a roupa e tomá-la ali mesmo na cozinha.

Ele rugiu e golpeou a parede. Nunca se permitiria tocá-la com intimidade sem seu consentimento. Não importava quanto a quisesse, não a tomaria sem sua permissão.

Ao menos não no sentido sexual. Ele tinha vindo aqui com a intenção de levá-la para a sua casa e mantê-la ali até que ela tivesse aprendido a lição e não permitiria que essa atração estúpida pela mulher o detivesse.

— Vamos — Ele agarrou seu braço um pouco bruscamente, tentando compensar sua falta de controle incomum.

— Aonde vai me levar? — Ela tropeçou e ele teve que reduzir a velocidade dos seus passos para que ela pudesse continuar. Ele respirou profundamente várias vezes. Quando finalmente esteve preparado para enfrentá-la, foi capaz de mostrar uma espécie de sorriso malvado em seu rosto.

— Não posso lhe dizer isso enquanto estamos aqui. Isso arruinaria a surpresa.

Ele a conduziu até seu carro e teve que lutar com ela para conseguir que se instalasse no assento de passageiros. Quando ela abriu a boca com a intenção de gritar, ele rapidamente pôs sua mão sobre a boca dela.

— Isso não seria uma boa ideia.

Ela mordeu sua palma e ele deixou cair sua mão. Em um segundo ela gritou a todo pulmão.

— Alguém me ajude!

Umhas poucas pessoas pararam para olhá-los.

Ele colocou Amara no assento de passageiros e levantou uma mão. Sustentando-a para mantê-la ali com a outra mão, pressionando com força contra seu ombro, Marco fez gestos para as pessoas que estavam na rua.

— Mexam-se, amigos. Sou um agente policial. Esta mulher está sob fiança, e tenho que levá-la a delegacia de polícia.

Eles aceitaram sua mentira sem dúvida nenhuma, voltando para seus assuntos enquanto faziam vista grossa ao vê-lo terminar de acomodá-la no assento de seu carro com as mãos atadas às costas.

Ele riu, pensando que isso não poderia ter passado em branco em nenhuma outra parte, menos em Nova Iorque ou Los Angeles.

Colocou o cinto de segurança ao redor de Amara e fechou a porta, rodeou o carro e se instalou atrás do volante. Uma vez que pôs o carro em movimento, ela se voltou para ele.

— É um bastardo. — Ela se moveu no assento, ajustando suas mãos. — Pior que um bastardo. É... é...

— acredite, querida, já me chamaram de coisas piores que você não poderia nem imaginar. — ele se deteve quando o semáforo ficou em vermelho e se voltou para ela.

— Estaria mais cômoda se te inclinasse para frente e descansasse suas mãos contra o respaldo do assento.

— Vá para o inferno.

— Já estive ali. Não foi tão ruim. — A luz mudou para o verde e ele girou à esquerda, dirigindo-se para a estrada que os levaria a sua casa. — Por que não relaxa e desfruta do passeio? Vamos demorar um pouco.

Ela levantou seu nariz para ele em um gesto que era quase cômico e olhou pela janela. Sua voz era arrogante quando falou.

— Se não me levar para minha casa neste instante, não vou dirigir uma palavra a você enquanto durar o passeio.

* * * * *

Ah, as coisas não podiam piorar? Tinha sido ruim não ter encontrado um trabalho, mas estar desempregada não era nada comparado a ter sido levada até uma casa isolada no meio do bosque por um louco que acreditava ser um vampiro.

Esfregou os pulsos, ainda vermelhos e doloridos pela corda com que ele a tinha amarrado. Havia lhe dito que não doeriam tanto se tivesse ficado sentada em vez de tentar liberar seus braços, mas, realmente ele esperava que ficasse sentada ali e lhe permitisse sequestrá-la sem tentar se liberar?

Ao menos tinha desatado suas mãos quando chegaram. Se havia algo que realmente não podia suportar era estar totalmente a mercê de um homem, especialmente quando o homem a ultrapassava em ao menos quarenta e cinco quilos e provavelmente necessitava de sua medicação diária.

Ela olhou pela janela por volta da descorada luz do dia. Inclusive se tivesse a possibilidade de sair pela janela, não poderia fazê-lo de todas as formas. Aquela casa era enorme, muito alta por sinal, e abaixo dela, as rochas cobriam o chão. Se sobrevivesse a uma queda tão grande, teria muitas fraturas para poder fugir. Até que pudesse uma forma de escapar, estava presa a esse lugar.

— Tem fome, Amara?

Ela girou assustada. Não o tinha ouvido entrar. Esperava que ele estivesse de pé na entrada, mas estava a menos de trinta centímetros de distância. Ela andou para trás até que suas costas pressionaram a fria janela.

— Amara?

Ela abriu a boca para falar, mas não podia fazer nenhum som. Sacudiu sua cabeça, esperando que ele partisse. Comer era a última coisa que passava por sua mente naquele momento. Somente queria estar em casa, relaxando em uma banheira quente de espuma com um bom livro e meio litro de seu sorvete favorito.

— Não quer nada? — Sua voz era baixa, com um tom quase sedutor. Ela piscou, não estava certa de onde tinha vindo aquele pensamento. A última coisa em que tinha que pensar era a sedução.

Embora, se isso salvasse sua vida...

Não. Aquilo era uma má ideia, não importava da maneira que a visse. Inclusive se ele não fosse um completo idiota, nem sequer conhecia seu nome.

— Realmente não tenho fome. Ser sequestrada por um homem que ameaça chupar seu sangue até acabar com sua vida tende a causar isto a uma mulher.

Ele riu.

— Chupar seu sangue até acabar com sua vida? Eu nunca faria isso.

— Não é isso o que fazem os vampiros?

— Certamente não — Ele negou com a cabeça, com expressão aborrecida. — Por que todos os humanos acreditam em tudo o que leem em um livro ou veem em um filme? Em minha opinião, as experiências da vida real contam muito mais.

— Oh, e suponho que é uma autoridade na vida real dos vampiros? — Ela arfou, conseguindo irritar um pouco a si mesmo. — Me diga uma coisa, menino Billy. Se você for de verdade um vampiro, como pôde vir a minha casa, a plena luz do dia, e entrar em minha casa sem um convite?

— Ah, as maravilhas de Hollywood — Ele deu um passo para aproximar-se mais e ela desejou que houvesse algum modo de poder derreter-se na janela e desaparecer.

— Me diga senhorita Daniels, sempre acredita, sem dúvidas, em tudo o que vê na televisão?

— Não. Isso seria uma estupidez.

— Então como pretende acreditar que conhece todos os detalhes sobre a minha espécie? De verdade, a maioria dos humanos tem a mente tão fechada que não têm nem ideia do que somos.

Ela girou os olhos. Apesar de seu medo, esta conversa esta saindo do seu controle.

— Parece esquecer um fato muito importante. Os vampiros são seres de ficção! Tudo sobre eles é falso.

— Isso é o que acredita? — Seus lábios se curvaram até fazer um sorriso despojado de humor, revelando o brilho das brancas presas que tinham quase dois centímetros e meio de comprimento.

Ela piscou com força várias vezes, certa de que não estavam ali uns segundos antes. Rindo fracamente, tentou menosprezar a situação.

— Nós poderíamos ter usado o seu maquiador no último filme. Esses são muito bons. Parecem quase reais.

— Quase, Uhh? — Ele caminhou para frente até que seu corpo roçou o dela. — O que diria se te dissesse que são muito reais?

Ele passeou sua língua ao longo das presas e ela tragou ar. Não podiam ser reais. Os vampiros não eram nada mais que seres sobrenaturais, um subproduto da imaginação de alguém.

— O que aconteceria se te dissesse que já vi melhor? — Ela zombou das presas, mas havia um pouco de dúvida em sua voz. Estava tentando a morte sem muito esforço.

— Tem que me deixar partir. Alguém virá a me buscar cedo ou tarde.

Ele se encolheu.

— Não vejo por que. Não tem feito mais que gritar desde que está aqui. Se eu vivesse perto de ti, estaria feliz pelo alívio.

— Não pode falar comigo dessa maneira! Tenho um agente. Tenho um enorme duplex e um carro realmente grande. Tenho uma marca inteira com minha imagem do Midnight por toda parte. — Ela estreitou seus olhos. — Há bonecas com minha imagem!

Ele riu rotundamente daquilo.

— Que bom para você. Deve ser maravilhoso ser imortalizada em trinta centímetros de plástico.

Ela não achou nada disso gracioso.

— Me diga o que quer. Na verdade isso não está acontecendo. Provavelmente bati a cabeça quando caí, e despertarei em minha própria casa com uma terrível dor de cabeça.

— acredite. Sou muito real — Ele se inclinou mais perto até que seus lábios acariciaram seu pescoço.

— Pode ser que você não tenha muita fome, mas eu sim. Acredito que seria uma agradável comida.

OH, Deus. Este homem era mais louco do que ela pensava. Tinha confrontado a admiradores furiosos e dementes uma vez ou duas em toda sua carreira, mas nunca tinha estado a ponto de converter-se no aperitivo de cama de ninguém.

— Espera! Não me faça nenhum arranhão. Tudo o que quer de mim, podemos resolver.

Ele não disse nada, mas ela podia sentir quando ele curvou seus lábios em um sorriso contra sua garganta. Ela tragou, perguntando-se o que poderia fazer para que ele voltasse atrás.

Ou para conseguir que ele se aproximasse mais.

Ela suspirou e desejou para si mesma concentrar-se na situação que tinha entre mãos. Se permanecesse racional, seria capaz de encontrar uma saída sem sair prejudicada. Provavelmente.

— Quem é você?

— Marco.

— Qual é seu sobrenome? — Talvez reconhecesse o nome entre o leque de cartas de admiradores dementes que recebia tão frequentemente.

Ele negou com a cabeça.

— Somente Marco. Normalmente não uso nada mais.

— Bem, Somente Marco. Por que não fazemos um trato? — Ela lutou para ocultar o tremor de sua voz. Ele devia sentir a força de seu pulso palpitando.

— Sem acordos — Ele pressionou suas mãos contra a janela, ao lado da cabeça dela.

Ela suspirou, aproximando-se um pouco mais da loucura. Se perder um pouco de sua racionalidade, estaria totalmente perdida.

— Por favor, me escute durante um segundo. Minha vida está realmente, realmente muito mal ultimamente. Perdi meu trabalho e meu noivo no mesmo dia, não fui capaz de encontrar um trabalho decente em meses, e agora isto. Estou aproximadamente a um passo da loucura, e não acredito que quer tratar com uma mulher histérica neste momento.

— Realmente não me preocupa. — Ele fixou seu olhar até encontrar o seu, sua expressão era indiferente.

— Grite, grite e chore tudo o que quiser. Ninguém te ouvirá de todas as maneiras. Aqui estamos somente nós dois.

Ela ficou sem fôlego. Tinha esgotado mais ou menos todas suas opções.

— Está tentando me assustar?

Ele encolheu de ombros descuidadamente.

— Talvez.

Estava assustada, mas também estava se enfurecendo. Sentia que ele estava brincando com ela, burlando-se deliberadamente para transtorná-la. Ele sentia algum tipo de prazer doentio por sua confusão. Lamentava por não ter algo por perto para golpeá-lo. Não se importava em utilizar sua mão, mas o homem parecia tão sólido que provavelmente romperia seus tendões.

— Me diga uma coisa — disse ele — Qual é a fascinação que os humanos têm com os vampiros?

Ela levantou uma sobrancelha

— E isso o que importa?

— Não posso acreditar que alguém queira fazer esse tipo de trabalho.

— Olhe, colega, necessitava desse trabalho. Realmente não importa por que o fiz, somente que era boa nisso.

Um lado de sua boca se elevou em um sorriso.

— Essa não é exatamente a palavra que utilizaria para descrever sua atuação.

Ela tomou um áspero fôlego, fixando suas mãos antes que fizesse algo tão irracional como a tentação que tinha de lhe quebrar o nariz.

— Tive que fazer o que me disseram. Essa era a natureza do trabalho.

Ele riu.

— Então presumo que alguém te apontou uma arma, te obrigando a te vestir com quase nada e a correr como uma mulher burra e sexy.

— Ah, e o que é o que você gostaria que fizesse? Que continuasse vivendo em um lugar infestado de ratos, servindo mesas em bar de má índole para pagar as contas? — Tinha feito isso durante tanto tempo que estava destrozada. Não tinha que lhe dar aulas de psicologia para desiludi-la. — A série *Midnight* foi o melhor que me aconteceu em toda a vida.

Aquilo era realmente uma loucura. Tinha ouvido algumas histórias de horror sobre caçadores antes, mas aquilo ultrapassava a todas facilmente. Era sua culpa por abrir a porta e convidá-lo que assumisse o controle de sua vida, mas no final não tinha importância. Ele teria encontrado outra via de entrada. Não parecia do tipo que se rendiam facilmente.

Os vampiros eram seres de ficção. Se ela continuasse repetindo-o, talvez fosse capaz de ignorar as presas que sobressaíam entre seus lábios e o brilho faminto em seus olhos, de que duvidava tivesse algo que ver com a comida.

— Marco? — sua voz foi mais um sussurro que a forte ordem que queria haver dado.

Ele levantou uma sobrancelha, mas não disse nada.

— Realmente não bebe sangue, verdade?

Ele riu lentamente.

— Quer averiguar?

Capítulo 4

Ela agitou sua cabeça.

— Não!

Marco fez algo inesperado. Começou a rir.

— Parece que vai desmaiar de novo. Por favor, não o faça. Já foi bastante ruim da primeira vez.

Sua indignação cresceu rapidamente. Não era uma criança que não sabia controlar a situação quando esta ficava um pouco feia.

— Não desmaiei. Eu... eu só estava fingindo.

— Não, a princípio não.

Não, não estava fingindo. Mas, o que esperava? Ser sequestrada por um paciente que escapou de um hospital psiquiátrico com a fixação de que era um vampiro não era exatamente algo que acontecia todos os dias.

— Sim, estava fingindo. E para de rir de mim.

— Deixarei de rir quando deixar de agir como uma boba. Não vou fazer-te mal. Já lhe disse isso antes.

— Muito.

— O que? — sua expressão era desconcertada.

— Muito — repetiu. — Disse que não iria me fazer muito mal.

— Fiz isso? — ele meneou a cabeça, seus olhos nublados. Pareceu ligeiramente alarmado durante uns cinco segundos antes que voltasse o sorriso.

— Suponho que terá que esperar e ver.

Seu sorriso se ampliou e ela notou que as presas tinham desaparecido.

— Como fez isso?

— Fazer o que? — ele se apoiou contra os pés da cama que ocupava grande parte do quarto. Sua posição era casual, mas ela tinha a sensação de que lhe estavam caindo em uma isca.

— Fazer que desaparecessem essas presas de imitação.

Ele piscou os olhos.

— Sei que custa acreditar, mas não são de imitação. Tenho controle sobre elas. Aparecem e desaparecem quando eu quero. Ao menos a maior parte do tempo.

— Ah, certo. — sim, isso era muito razoável. Era só um vampiro com umas presas afiadas como uma navalha de barbear, que desapareciam quando ele não as queria.

— Posso provar isso.

— Esqueça, ok? — ela sacudiu sua cabeça, não muito certa se gostava de como soava isso.

Ela se afastou dele e olhou de novo através da janela. Lá fora já tinha anoitecido completamente, a profunda escuridão apresentava um forte contraste com a luz brilhante dos abajures do dormitório. Seus olhos aumentaram ao ver seu reflexo no vidro. Parecia que tinha sido atropelada por um caminhão do lixo.

Seu cabelo estava ondulado em alguns lugares, liso em outros, sua roupa horrivelmente enrugada e tinha mais rimel escorrendo pelas bochechas que nos cílios. O mínimo que Marco podia fazer, depois de havê-la sequestrado, era lhe dar uma escova de cabelo e um espelho. Passou timidamente uma mão através do cabelo desarrumado, e voltou-se para lhe pedir algo com que lavar-se.

Ela gritou quando tropeçou contra um muro de peito masculino. Cambaleando para trás, olhou para Marco e piscou rapidamente. Como tinha chegado ali? Em um segundo estava parado no meio do quarto.

— Como fez isso? É alguma espécie de truque?

— Posso me mover rápido e silenciosamente quando quero.

— Mas você... eu... não, não, não.

— Como logo descobrirá, coração, algumas de suas pequenas lendas humanas estão muito próximas da verdade.

Ela tragou saliva.

— Você se tele-transporta ou algo assim?

— Não exatamente. — ele se inclinou sobre seu pescoço e respirou profundamente, meneando a cabeça enquanto se afastava.

— É mais uma questão de autocontrole total. Posso me deslocar em distâncias curtas mais rápido do que seus olhos podem me seguir.

Olhou-o, incapaz de formar uma só frase coerente. Um: ou o homem era muito rápido ou algum tipo de ilusionista, ou dois: deveria começar a repensar suas opiniões sobre a existência dos vampiros.

Capítulo 5

Marco tinha saído do quarto depois do pequeno espetáculo, dando a Amara tempo para que o aceitasse. Ela necessitaria de tempo para pensar em tudo antes que aceitasse o que ele era. Podia ver em seus olhos que ela queria acreditar, mas algo a continha. Provavelmente, seu modo de viver de Hollywood a tinha deixado tão cansada que não acreditava em nada, salvo o dia do seu próximo pagamento.

De algum jeito, ela não era a única que estava cansada. Ele tinha vivido durante muito tempo, e tinha visto tantas coisas que o deixaram enfurecido. Tinha estado bastante furioso para matar muitas vezes, embora nunca tivesse cedido ante a tentação.

Ele nunca tinha sequestrado ninguém, tampouco.

Quando tinha escapado o controle da situação? Realmente não tinha nenhuma desculpa para o que tinha feito. Não deveria tê-la sequestrado, mas tinha estado tão inquieto, tão obcecado que agiu por instinto. Tinham havido poucas ocasiões em sua vida onde tinha estado cego pela fúria, só uma vez tinha estado perto disto. Era o que tinha tentado esquecer a maior parte de sua vida, mas sabia que nunca o obteria.

Era uma absoluta loucura. Deveria deixá-la voltar para sua vida, mas por alguma razão que não podia explicar, não podia fazê-lo. Quando estava perto dela, não podia considerar suas ações. Sua arrogância estimulava sua cólera e sua curiosidade, e seu medo o atraía de algum jeito.

O que lhe alterava em supremo grau era quanto a desejava. Pensava em aproximar-se mais dela, aprender que ela não era a mulher que ele acreditava que era, seria suficiente para apaziguá-lo. Não era o que ele tinha pensado, mas isso não o ajudava a conseguir afastá-la de sua cabeça. Havia algo nela que o atraía.

Tinha estado zangado com ela quando a tinha sequestrado. Agora ele não sabia o que era.

Por que a tinha colocado em seu dormitório? Havia tantos quartos na casa para alojá-la. Sua comodidade não deveria estar de nenhuma forma em seu pensamento. Ela não merecia o melhor quarto da casa, mas não podia mudá-la agora. Tinha cometido um engano ao agarrá-la, e agora tinha que dar conta disso.

Negou com a cabeça enquanto descia pelo corredor por volta de um dos dormitórios de convidados. Tinha-a posto em seu quarto devido a uma razão. No instante em que a viu em pessoa, em jeans e em camiseta, em vez de vestida com couro sintético e com quilos de maquiagem, soube que tinha que possuí-la.

Mas não poderia.

Depois da forma em que a tinha sequestrado, Amara não estaria de acordo em nada. Tampouco entenderia o maldito desejo que atravessava suas veias sempre que estava a três metros dela. Não entendia que, por alguma razão, ele se alimentava tanto do medo que sentia nela como com o desejo que tinha visto em

seus olhos.

E tinha estado ali. Ela o negaria, mas ele o tinha visto. Ela o desejava tanto como ele a ela, e ela não se alegrava disso, tampouco.

Ele queria possuí-la.

Negando com a cabeça, tentou desfazer-se daquela loucura temporária. Encontrava mulheres atrativas, mas certamente não eram necessárias no grande esquema das coisas. Eram brinquedos temporários, desfrutava-as brevemente antes das mudar por um modelo mais jovem, mais fresco. Não era certamente algo para manter.

Toda a vida.

Não podia manter a uma mulher humana, não importava quanto sua enganosa mente pensasse que a queria. Ela não era sua para tomá-la, e não era sua para mantê-la. Tinha sua própria vida, uma sobre a qual ele não conhecia nada, e não aceitaria amavelmente ser o animal doméstico permanente de um vampiro de quatrocentos anos.

Deteve-se fora da porta fechada do dormitório, sabendo que era a única coisa que o separava da tentação que estava ao outro lado dessa débil parte de madeira e até da débil fechadura. Aquilo poderia guardá-la em seu interior com eficácia, ainda quando nunca poderia mantê-lo fora se perdesse o controle.

Ele pressionou sua palma contra a porta, sentindo os batimentos do seu coração através da madeira. Era sua imaginação, ou seu sangue começava a golpear um pouco mais rápido em suas veias?

Negou com a cabeça, estava perdendo tempo e agindo como um lunático. Ela provavelmente estava dormindo profundamente, não lhe dedicando nenhum outro pensamento a mais que uma dolorosa vingança.

Partiu antes que prevalecesse o impulso de violá-la como o animal que era. Agora mesmo, o sono estava em primeiro lugar. Estudaria o que teria que fazer com Amara depois que conseguisse descansar por umas horas. Tinha estado acordado durante mais de vinte e quatro horas, e era hora de se recarregar antes de ter que enfrentá-la outra vez.

* * * * *

Amara, sentada na borda da cama, distraidamente trocava os canais da pequena TV que tinha encontrado dentro do armário ao lado. Não havia relógio no quarto, mas podia ver a luz descorar-se fora outra vez. Tinha passado um dia inteiro, e seu estômago protestava fortemente contra a ausência prolongada de alimento.

Levantou-se da cama e golpeou na porta.

— Olá! Preciso comer! Vamos, Marco, até os prisioneiros condenados à morte são tratados melhor que eu.

Golpeou a porta tão forte como pôde até que seus punhos se intumesceram,

mas era inútil. Conseguiu a mesma resposta que tinha conseguido todo o dia.

Nenhuma.

Ali estava ela, preparada para consumir-se, e Marco, o Vampiro estava provavelmente na cama, tirando seu sono de beleza.

Ela tinha se mantido acordada a maior parte da noite pensando nisso. Por muito que lamentasse admiti-lo, tinha sido sequestrada pelo que parecia ser um vivo, e lhe abanem o rabo, vampiro. Ou ao menos ela pensava que ele estava vivo e respirava, mas não podia estar certa. De ficção não era, mas quando tinha estado apertada contra seu peito o havia sentido muito vivo. Sobre tudo a parte dele que respondeu a seu agito.

Aquela parte havia sentido impressionantemente, até através das camadas de tecido.

Levantou suas mãos para golpear a porta outra vez, mas não golpeou nada. A porta estava aberta, e ela esmurrou o ar. Levantou os olhos, olhando diretamente os escuros olhos de Marco. Olhos que a olhavam sonolentos, de olhar ausente, e um pouco aborrecido.

— Oh, merda. — ela deu um passo involuntário para trás.

Ele avançou através do quarto e deixou uma bandeja sobre a mesinha de noite.

— Não sei se mencionei que sou um urso porque não dormi direito.

Ela estremeceu por dentro por seu resmungão tom de voz.

— Ah, sinto tanto. Da próxima vez me privarei de comida até que tenha a necessidade de te alimentar de mim. Adivinho que não sou muito experimentada na etiqueta de vítima sequestrada.

Ele estreitou seus olhos.

— Aqui está a comida. Volto para a cama.

Um repentino pânico se apoderou dela com o pensamento de que ele saísse e fechasse com chave a porta detrás dele.

— Espere!

Ele deu a volta, seus braços cruzados no peito.

— O que?

Ela não tinha nenhuma ideia do que queria lhe dizer, mas por estranho que soasse, não queria estar sozinha. Tinha tantas perguntas para lhe fazer. Se ele esperava que ela aprendesse mais sobre vampiros, ela tinha que investigar, certo?

— Não precisa comer ? - ela fez um gesto para a bandeja com a comida.

— Não preciso comer isso.

— Mas pode?

Ele se encolheu.

— Se desejasse, mas depois de uns cem anos tudo tem o mesmo gosto.

Uns cem? OH, menino.

— Uff, sempre dorme durante o dia?

Ele assentiu.

— Faço quando não tenho alguém aqui tentando destroçar as portas e rompendo meus tímpanos.

Ela girou os olhos.

— Se acostume. Sei que pode sair à luz do sol, porque foi a minha casa no meio da tarde. Por que dorme durante o dia se a luz do sol não te incomoda?

— Ela realmente me incomoda. Sou muito sensível à luz do sol, mas não é mortal a não ser que fique fora muito tempo. É muito mais cômodo dormir durante o dia, e estar acordado quando está escuro.

Ele suspirou e bocejou.

— Há algo mais que precise, ou posso voltar para a cama?

— Olhe. Estive sozinha desde ontem à noite em uma casa estranha com nada que fazer, salvo olhar programas de televisão imprecisos em uma televisão menor que o meu celular. Nem sequer tem cabo. Perdoe-me por querer um pouco de conversa normal.

E quanto mais averiguasse, mais fácil aprenderia como fugir dele. Ele era forte, concedia-lhe isso, mas ninguém era invencível.

— Não sou capaz de ser normal até as seis da tarde.

— Ria de mim — ela se sentou na borda da cama e apanhou meio sanduíche da bandeja. Enrugou seu nariz quando o aroma acre da manteiga de amendoim a golpeou. — Que nojo.

— Se acostume. É tudo que o tenho na casa

Ela suspirou e mordeu um bocado, tragando-o rapidamente para não ter que prová-lo. Deixou o resto do sanduíche e empurrou para trás o prato. Uma dentada era suficiente por hora.

Marco esteve de pé na entrada durante um longo momento antes que suspirasse e entrasse no quarto. Para sua decepção, ele fechou com chave a porta atrás dele, metendo no bolso a chave e deixando a ambos encerrados no quarto.

— No caso — ele se jogou na cama e fechou seus olhos.

Tinha que haver outra maneira de escapar dali. Se tinha aprendido alguma coisa do infinito desfile de padrastos que sua mãe lhe tinha mostrado, era como cuidar a si mesma de homens ameaçadores. Embora Marco aparentasse ser menos ameaçador curvado em suas costas na cama, com os olhos fechados e os braços estendidos detrás de sua cabeça.

Perguntando-se se ele estava dormido, empurrou-lhe ligeiramente o quadril. Um grande engano. Com um rápido movimento a sujeitou contra o colchão, seu

grande corpo cobrindo o seu.

— Não volte a fazer isso!

Ela choramingou ao senti-lo sobre ela.

— Hum, sinto muito.

Ele negou com a cabeça.

— Ainda não sabe com o que trata, senhorita.

Ela lambeu seus lábios, com nervosismo, mas Marco tomou com outro significado. Seus olhos se obscureceram extremamente e esmagou sua boca contra a sua.

Ele forçou sua língua entre seus lábios separados e ela pensou que ia desmaiar ali mesmo. Um beijo, sobretudo com um homem que até agora não conhecia, não se supunha que fosse tão bom. Ela deveria afastá-lo, lhe dizer onde deveria meter suas presumidas ideias.

Em troca, envergonhou-se pelo gemido que saiu de sua boca, rodeando com seus braços o pescoço. Não havia se sentido assim em muito tempo, talvez nunca, e que a condenassem por não desfrutar disso. Se preocuparia mais tarde do fato que ele era um completo idiota que a tinha sequestrado.

Marco empurrou uma mão sob sua camisa, cobrindo seu seio por cima do fino tecido de seu sutiã. Ela arqueou suas costas, obrigando-o a apertar mais seu seio. Sua respiração se cortou quando ela esmagou sua pélvis contra a dele, e ela sorriu um pouco pela satisfação. Ela mordeu seu lábio, mas compreendeu seu engano quando ele separou sua boca.

— Fazer isso outra vez seria um engano, meu amor. — seu fôlego lhe abrasou a garganta. Ela podia sentir o ligeiro arranhão de suas presas contra sua carne e trouxe ar.

— Está me custando muito me controlar. Isto me está levando diretamente ao limite, a menos que queira brutal, sugiro que se abstenha de ter qualquer tipo de contato.

Ela soprou asperamente.

— E se o quero violento?

O olhar fixo de Marco encontrou com o seu, procurando e ardente ao mesmo tempo. Finalmente rodou para afastar-se dela, ficando de costas no colchão.

— Você não me quer violento, ao menos não do tipo de violência que eu quero.

— Poderia se surpreender. — o que estava dizendo? Ele a tinha sequestrado, e tudo no que podia pensar era quanto queria seus dentes afundados nela...

Mas que droga! Agora era ela a que estava perdendo a cabeça.

— Sabe o que? Tem razão. Não o quero violento. Não te desejo absolutamente.

Ele rodou a seu lado e brincou com uma mecha de seu cabelo.

— Mentirosa.

Ele tinha razão, certamente. Era uma mentirosa. Queria-o, e não podia fazer nada contra isso. A única coisa que a fez sentir melhor foi o impressionante vulto que se inchava em suas calças, o que lhe indicava que ele estava na mesma situação. Ela quase riu pelo pensamento, mas o olhar preocupado em seus olhos a fez trocar de opinião.

— O que foi?

— Tem um pouco de sangue aqui. — ele roçou com sua mão através de sua boca e seus dedos se separaram manchados de sangue.

Ela piscou e lambeu seus lábios, provando o sangue.

— Lamentável. Não é meu. Adivinho que deve ser seu. Deve ter passado quando mordei seu lábio.

Ele percorreu sua boca com a mão.

— Deve ter sido isso. — ele fechou seus olhos e suspirou, soltando-a devagar.

— Não quis te fazer mal.

Ele abriu seus olhos.

— Não me fez mal.

— O que supõe que significa isso?

— Provavelmente nada. Esquece. Somente tome cuidado com o que faz a meu redor, de acordo? Eu gosto da dor.

Ela esfregou seu rosto com força contra suas mãos, tentando seguir o fio do que tinha acontecido, um pouco de prudência antes que lhe arrancasse toda sua roupa e o montasse até que gritassem de prazer. Finalmente, a prudência prevaleceu em forma de limpeza. Ela só podia imaginar o aspecto terrível que aparentava. Por que ele tinha que tocá-la?

— Sabe, realmente acredito que necessito uma ducha.

Ele assentiu, sua expressão tanto afligida como aliviada.

— Suponho que precise de roupa limpa, também.

— Bom, isso seria agradável.

— Bem. Acredito que posso me encarregar disso. — ele caminhou até a porta.

— Estarei de volta em um segundo.

Capítulo 6

— Espera um minuto, você fez o que? — Ellie o confrontou, com suas mãos em seus quadris. — Por favor, me diga que é uma brincadeira.

Marco encolheu os ombros.

— Não.

— Bom, já fez. Sempre soube que havia algo que estava errado contigo. E agora tenho a prova. — Ellie gesticulou deixando cair as sacolas sobre a cama. — Não é muito tarde para devolver essas coisas à loja. Poderia deixá-la ir.

— Não me dê ideias. — disse ele cruzando seus braços sobre seu peito. — Ela fica.

Ellie sacudiu sua cabeça com incredulidade.

— Amara Daniels é um personagem público. Alguém sentirá falta. Francamente, Marco, não pode ir sequestrando as pessoas porque você não gosta do que fazem em seu trabalho.

— Não é somente isso, Ell. — suspirou andando pelo quarto. — Não me entenderia.

Ela levantou uma sobrancelha diante aquela observação, obviamente irritada.

— Ah, não?

— Bom, talvez um pouco.

Ellie riu baixinho, mas não pareceu totalmente convencida.

— Um pouco? Penso que te conheço melhor que ninguém.

Ela havia chegada à questão. Mas ele nunca o admitiria.

— Obrigado por me trazer o que te pedi, Ell. Devo-te uma.

— Por que tenho o pressentimento de que vais me dever muito mais quando recuperar o juízo e deixar de tentar assustar a essa pobre mulher? Vai ter que deixá-la ir para casa logo, certo?

— Com o tempo. Somente vai estar aqui por agora. — disse ele suspirando. — Só tenho que conseguir resolvê-lo. Tenho que conseguir tirá-la de minha mente.

— E pensa que vais obter sequestrando-a? — Ellie o olhou fixamente sem perder detalhe. — O que passa com você? Sei que pode ser impulsivo de vez em quando, mas está violando a lei ao fazer isso.

Ele passou uma mão por seu cabelo. Por que estava fazendo isto? Tinha começado dando pancadas em estado de cólera, mas tinha convertido em algo mais. Mais rapidamente e menos suave do que teria gostado.

— Você não pode me confundir, Ell. Talvez ao final vou estar louco.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Não. Isto aconteceu faz muito tempo. Conseguiu dissuadi-la?

— Não.

— Por que não? —Ellie o olhou iradamente, seus olhos azuis virtualmente o perfuravam. Aquilo sempre o fazia enlouquecer, mas principalmente era imune. Apartou o olhar e olhou à distância.

— Está louco?

— Obviamente, mas não tanto como acredita. Olhe, não posso te deixar vê-la agora mesmo. Possivelmente mais tarde. Além disso, agora deve estar provavelmente dormindo, de todos os modos. — ele tinha se afastado de Amara só durante umas horas. Não sabia o que fazer com ela. Sua vingança seria mais fácil se pudesse estar no mesmo quarto com ela e não querer jogá-la sobre a cama.

Ellie se colocou de pé diante dele, com suas mãos nos quadris. Inclinou a cabeça para um lado, provavelmente tentando ler mais da situação do que se mostrava em realidade. Ele sacudiu sua cabeça.

— Esqueça. Não vou fazer-lhe mal.

Ele sabia, e Ellie também. Sabia que ele não era capaz de fazer algum mal fisicamente a uma mulher, ao menos não de um modo mal intencionado. Ellie era sua amiga. Mas ela não tinha que conhecer tudo sobre sua vida sexual.

Esta era a razão principal pelo que ele não podia manter Amara. As mulheres humanas tendem a ser danificadas pelos vampiros. Não era intencional, mas o controle de situações físicas ou emocionais não era o seu forte.

Ellie franziu seus lábios e lhe olhou fixamente no que pareceu uma eternidade. Finalmente suspirou pesadamente.

— Espero que saiba o que está fazendo.

Ele riu.

— Certamente que o faço.

Não. Ele não sabia. Tinha errado estupidamente, mas não queria mudar. Desejava Amara ali, e aquilo soava completamente demente.

— Certo. Acredito que deveria retornar com minha avó antes que jogue a casa abaixo outra vez. Talvez um dia desses possa me ajudar a convencê-la para que se mude a Massachusetts comigo. Não teria que fazer tantas viagens se ela estivesse ali. — Ellie caminhou para a porta.

— Sim, provavelmente possa fazê-lo. Certamente, sentiria saudades de suas visitas.

— Também poderia se mudar para lá.

— Não. Realmente eu gosto de Califórnia. — mentiroso. — Não quero ter que me mudar e viver na neve.

Ellie o olhou diretamente.

— O que não quer é tratar com minha família, que é a única que tenta cuidar

de você. Sei que podem chegar a ser um pouco desagradáveis, mas realmente não são tão maus.

Era verdade. Mas havia algo quando quatro mulheres muito bem educadas lutavam entre elas para ver quem conseguia ser a mãe substituta, que fazia com que um menino quisesse procurar um lugar para se esconder.

— Muito obrigado por sua ajuda, Ellie.

— Sabe que eu faria qualquer coisa por você. Bom, quase tudo. — ela beijou sua bochecha.

— Sabe, um destes dias vou te cobrar um dos muitos favores que me deve. Mas agora mesmo estou somando.

Realmente devia muito ao Ellie. Durante anos, quando ele tinha estado ferido, lhe tinha dado um lugar onde ficar e o ajudou a recuperar-se totalmente. Sem mencionar que a mulher era um milagre com os ordenadores. Tinha-o ajudado a mudar sua identidade em duas ocasiões ao longo dos anos. Estaria contente de lhe fazer algum favor quando o necessitasse, somente que agora mesmo não. Neste momento, tinha suas mãos ocupadas com uma decidida atriz, e não sabia o que fazer com ela.

Agarrando as sacolas das compras que Ellie havia trazido, subiu ao seu dormitório, onde Amara provavelmente estaria soltando fumaça. Fazia horas, havia lhe dito que precisava tomar banho. Não era sua culpa que Ellie tivesse demorado uma eternidade em fazer as compras que lhe tinha pedido.

A mulher tinha sorte de que Ellie tivesse na cidade. A maior parte do tempo vivia em Nova Inglaterra, na mesma pequena cidade costeira onde ele a tinha encontrado fazia anos. Só se aproximava de Califórnia para visitar sua avó que estava ligeiramente senil. Se Ellie tivesse estado no Stone Harbor em vez da Califórnia, ele sim que teria tido um sério problema.

* * * * *

Aquilo simplesmente estava mau. Tinha ficado esperado, e ele ainda não tinha retornado com nada para ela pudesse usar. Bem, tinha esperado tudo o que podia, e tinha tido que padecer em um estado asqueroso, cheia de lodo. Ela só queria uma ducha e envolver-se com os lençóis ou algo, até que ele trouxesse o que tinha prometido.

Caminhou para o banheiro continuo e abriu toda a água quente que podia, mas sem que lhe queimasse a pele. Despiu-se, jogando sua suja roupa em um lado do quarto. Ele poderia recolhê-los mais tarde, presumindo que alguma vez decidisse voltar por ali.

Ficou de pé sob a ducha quente, a água golpeando seu cabelo e corpo. Começou a lavar o cabelo, tomando seu tempo, e logo incrementou a temperatura sobre seu corpo. Aquilo serviria para que ele ficasse sem água quente, ele merecia.

Depois de uma meia hora, fechou a água e saiu. Secou-se com uma toalha

grande e se penteou com os dedos o melhor que pôde, já que não viu nenhuma escova quando jogou uma ligeira olhada ao seu redor. Não quis compartilhar a escova de dentes com o homem louco que a tinha sequestrado, por isso pôs um pouco de pasta de dente em seu dedo e fez todo o possível para limpar. Quando por fim se sentiu um pouco melhor, deu um passo para o dormitório e uma onda muito estranha de vertigem a golpeou totalmente.

Deitando-se sobre a cama, tomou um par de profundas inspirações. Aquilo provavelmente se devia por sair do banho cheio de vapor ao quarto com ar condicionado, este tinha um ar seco e gelado. Provavelmente estaria bem em um minuto.

Mas não foi assim. Pensou em abrigar-se com algo a seu redor, mas não podia fazer com que seus músculos se movessem. Seus braços eram de chumbo e sua cabeça parecia que estava cheia de bolas de algodão. Deixou que seu corpo caísse para trás na cama, com a esperança de que estivesse corretamente coberta antes que ele retornasse, antes que ele batesse na porta, enquanto ela permanecia nua sobre sua cama, muito cansada, muito esgotada para fazer algo.

Deitar sobre o colchão ajudou um pouco. Não se sentiu menos enjoada, mas ao menos não tinha que lutar com seu corpo para que permanecesse direito. Respirou profundamente um par de vezes, com inspirações lentas, mas só serviram para aumentar o sentimento de intumescimento de seus membros. Parecia que tinha estado sem dormir durante uma semana.

Puxou o lençol sobre seu corpo, sabendo que deveria ter se vestido com a roupa que dispunha. Inclusive, embora estivesse suja, era melhor que nada. Em troca, deixou passar, cedendo ante a estranha e nova sensação. Como se tivesse mais controle sobre seu corpo. Havia algo mais ali agora, tomando algo dela. Deveria lutar com isso, mas estava muito cansada para se preocupar.

* * * * *

Marco fez uma pausa na porta do quarto, não estando certo se entrava ou partia. Amara estava reclinada sobre a cama, com os olhos fechados, um fino lençol cobria seu corpo. A porta do banheiro estava aberta, a luz acesa e uma enrugada toalha no chão. Ao que parece, ela não tinha querido esperar a roupa limpa para tomar uma ducha.

Seu cabelo úmido formava um leque sobre o travesseiro, sua cor natural era um brilhante contraste contra os brancos lençóis. Seu corpo era firme e arredondado, como a forma de um relógio de areia, isto era difícil de encontrar em uma mulher naqueles dias. Suspirou ao recordar o tempo quando as mulheres cobiçavam possuir um corpo como o de Amara. Recordou aqueles momentos difíceis.

Seu braço estava repousado sobre seu peito, o lençol lhe obstruía a visão de seus amplos seios. Lambeu os lábios, desejando prová-la. Seu pulso se acelerou só com esse pensamento.

— Vai ficar aí de pé toda a noite, ou entrará dentro do quarto? — ela o assustou quando falou.

Tomou um segundo para recuperar o controle antes de responder.

— Pensei que dormia. Tenho a roupa que me pediu.

— Não a pedi. Ofereceu-me isso. — disse ela suspirando, seu peito subiu e baixou ao tomar um profundo fôlego. — Era o mínimo que podia fazer, sabe, já que me mantém cativa.

Quando ele a escutou, mais ridículo lhe soou, mas não podia fazer nada para resolver aquilo agora. Não ia admitir agora que se equivocou, ao menos não nesta vida.

— Encontra-se bem? — até se surpreendeu pela preocupação que mostrava ele para ela.

— Não. Não estou. Seu gel de banho contém alguma espécie de droga ou algo parecido? — ela falou devagar, pausadamente, quase como se acabasse de despertar.

Ele sacudiu sua cabeça, negando.

— Não sei de que fala.

— Não posso me mover. Não posso pensar com clareza. Tudo está confuso. — respirou desigualmente. — Drogou-me de algum modo?

— Eu não faria isso. — sua resposta soou mais áspera do que queria. — Encontra-se doente? — isso era justamente o que faltava, em cima de todo o resto, um humano doente. — Quer que veja se posso te conseguir algum medicamento?

— Para que? O único sintoma que tenho é este cansaço... até não posso me explicar bem. Somente esquece. — ela permaneceu em silêncio durante um longo momento antes que finalmente falasse outra vez.

— Por que eu?

— Do que fala?

— Por que me escolheu? Com todas essas mulheres por aí. Acredito que um tipo bonito como você não teria que recorrer ao sequestro para conseguir a uma mulher.

Ele riu brandamente, a ação de lhe perguntar por isso, fez que sua irritação para ela se mesclasse com a admiração. Era emocionalmente muito mais forte do que se imaginou.

— Foi um momento de debilidade.

— De debilidade? É isso! Mas bem, foi momento de ser um idiota dominante.

Seu braço caiu para baixo e o lençol escorregou por seus seios. Sua boca se secou ao ver seus dilatados mamilos. Lambeu seus lábios outra vez e lutou por manter suas presas retraídas. Deus, o que ele não daria de ter um pequeno gosto dela agora mesmo. Simplesmente um diminuto bocado.

Mentalmente fechou a porta para estes pensamentos. Amara não era para saborear. Ela devia aprender, e isso era tudo. Mantém em mente este objetivo,

companheiro. Não está aqui para ser seu brinquedo pessoal.

— Odeia às pessoas ou o que?

Sua pergunta o surpreendeu. Ele não odiava nada; estava muito longe da verdade.

— Por que diz isso? Eu fui humano antes.

— Então por que faz isto?

Ele pensou e não gostou da resposta que repicava dentro de sua cabeça, o que lhe teria que dizer? Que estava obcecado com ela, o que esta obsessão crescia rapidamente, que isto lhe tinha levado a fazer algo tão insensato como sequestrá-la e levá-la a sua casa?

Obcecar-se com uma mulher humana seria sua queda. Já tinha visto acontecer em muitas ocasiões para saber que isto quase nunca terminava bem. A única esperança seria que ela estivesse de acordo em mudar.

Esta forma de pensar lhe ia levar claramente ao desastre. Ele não podia continuar vendo seu corpo nu, porque o estava distraíndo. Tinha que manter sua cabeça clara, sem distrações, ou ela ia se aproveitar da situação.

Ela mudou de postura sobre a cama.

— Não vou fazer mais esse tipo de filmes, sabe? Esta pequena experiência contigo me tem feito aprender a ser amável até certo ponto.

— Por que não?

Ela suspirou outra vez, e ele lutou com o impulso de aproximar-se dela. Perdendo a batalha com suas presas. Queria afundá-los em seu pescoço. Sua pele era tão lisa e cremosa, um convite...

— Despediram-me. É por isso que não faço mais filmes do Midnight. — havia dor em sua voz e estremeceu um pouco. — Estive procurando outro trabalho.

Ele tentou lhe dizer que não se preocupasse, mas sua curiosidade pôde com ele.

— O que aconteceu?

— Os produtores queriam tirar mais proveito do êxito desses estúpidos filmes, então decidiram que a seguinte seria denominada X.

Ele se estremeceu ante esse pensamento, mas não quis concretizar o porquê.

— Oh.

— Sim, Oh. E o pior foi meu que co-protagonista, meu ex-noivo, estava totalmente de acordo. Acontece que deitava com outras mulheres diante das câmeras, e com outros homens em nosso quarto.

Ela riu, mas ante o mero pensamento, estava perto das lágrimas.

— Então já sabe. Suponho que já pode me deixar ir para casa agora, não vou mais fazer os filmes... já não necessito reparação.

As lágrimas começaram a brotar e ele não soube o que fazer com elas. Por fim

entendeu um pouco mais por que não lhe tinha olhado.

— Deve matar-te oferecer a imagem de forte todo o tempo.

— Não. Estou bem, em realidade. É somente a tensão. Nunca choro.

Ele acreditou. O que tinha passado em sua vida para ter a necessidade de ocultar suas emoções?

— Posso te trazer um copo de água ou alguma outra coisa? .

— Não. Somente deixa a roupa aí e vá. Me vestirei em um segundo.

Ela rodou para um lado da cama, para a parede em vez de onde estava ele.

Ele sacudiu sua cabeça enquanto andava sobre o tapete e subia na cama com ela. Colocou-a contra ele e a sustentou enquanto ela chorava, alheio às sensações que lhe provocava. Nunca em sua vida tinha tentado consolar uma mulher. Prazer, certamente que sim, e em numerosas quantidades. Sabia que ele causava alguma pequena dor com o tempo, também, quando a situação ficava difícil, mas consolar era algo novo para ele.

Inclusive quando esteve casado, não tinha estado ali para apoiar sua esposa. Essa era a razão por que ela não tinha aguentado mais, e fugiu com outro homem. Ainda lhe doía recordar esse dia, quando confessou, mas estar ali com Amara tinha diminuído essa dor de forma inexplicável. Sentiu-a diretamente em seus braços, como se ela tivesse sido feita para permanecer contra ele. Aquilo era ridículo, considerando que ela era quase quatrocentos anos mais jovem que ele.

Amara estava rígida a princípio, mas logo relaxou contra ele. Sua respiração se fez mais pausada, mas não dormiu. Ele se encontrou compassando sua respiração com a dela. Sua palma tocava a pele nua de seu estômago e esfregou seu rosto em seu cabelo recém lavado. Encheu seu corpo de uma sensação agradável que tocava seu espírito. Poderia acostumar-se a ela.

Sim, ele definitivamente poderia se acostumar a ter a Amara em sua cama. Agora que estava relaxada, outra coisa além da comodidade veio a sua cabeça. Uma necessidade ardente tinha começado sobre seu ventre e tudo o que ele podia fazer era tentar desprezar essa ideia lentamente. Era difícil fazê-lo quando a mantinha nua em seus braços. Retirou o cabelo de seu pescoço e com muito cuidado acariciou a carne de sua garganta com sua língua.

Aquilo foi um engano. Um segundo depois seus sentidos despertaram grosseiramente. Seu controle se rompeu, suas presas se alargaram totalmente, e seu pênis se endureceu fortemente. Inspirou asperamente, lutando por conseguir algum vestígio de controle, mas não o encontrou. Não havia nada que pudesse fazer por isso agora. Não lhe importava que não lhe pertencesse. Naquele momento só lhe importava ela, inclusive se fosse só temporário.

Beijou seu comprido pescoço, observando com cuidado se por acaso havia algum sinal de protesto. Quando não houve nenhum, tomou seu lóbulo em sua boca, chupando-o com cuidado, raspando com suas presas a suave pele. Ela emitiu um suave gemido que só serviu para aumentar sua necessidade.

Descansou uma mão sobre seu quadril, enquanto a pressionava contra ele. Ela pôde sentir sua ereção que empurrava contra ela quando juntou sua pélvis

com a dela.

Ela se apoiou e agarrou seu pulso, fazendo que ele pensasse que ela ia separar sua mão dela, mas não o fez. Manteve-o, sujeitando-o contra ela.

— Suas mãos estão tão quentes.

— Esperava que fossem de outra maneira?

Ela fez uma pausa.

— Bom, sim. Assim acreditava.

Ele descansou sua mão em seu quadril, descendo por seu estômago. Quando ele acariciou a parte inferior de seu abdômen, ela apertou seu pulso mais forte.

— Pare.

Ele baixou sua boca até seu ouvido, sobre a sensível carne que tinha detrás da orelha, paralisando-a.

— Realmente quer que pare?

Seu gemido foi suave quando o disse, já que tinha encontrado um ponto muito sensível de seu corpo.

— Não, somente... espere.

Ele sustentou sua mão quieta, mas seguia acariciando a sensível carne que tinha sob seu ouvido com a ponta de sua língua. Aos poucos, ela inclinou sua cabeça para lhe dar um melhor acesso. Desta vez, quando ele desceu sua mão mais abaixo por sua suave pele, ela não protestou. Ele enredou seus dedos em seus cachos antes de cavar a mão sobre a colina que formava seu sexo.

— Tenho que te provar, Amara.

Ela ficou rígida em seus braços.

— Não acredito que seja uma boa ideia.

Tinha-lhe parecido uma ideia aterradora.

— Tem medo de mim?

Ela fez um pequeno som de incredulidade.

— Para falar a verdade, sim. Não é todo dia que um homem diz a uma mulher que quer prová-la, quando literalmente ele quer dizer mordê-la de verdade.

Ele deixou que suas presas raspassem seu pescoço, não rompendo a pele, somente para fazê-la tremer.

— Será algo muito bom. Posso te dar muito prazer assim.

— Quem diz que quero que me dê prazer absolutamente? — disse essas palavras, mas seu tom lhe disse que estava mentindo.

— Você?

Ela respirou profundamente.

— Eu... Suponho que o faço. Ainda estou indecisa. Não sei o que quero.

Nesse estado, entre a fadiga e a letargia, seria muito fácil de convencê-la. Ele não estava muito orgulhoso daquele fato, de que estivesse disposto a tentá-lo, mas não queria lhe fazer mal. Se realmente ela quisesse que parasse, o faria, mas tinha que ouvi-la dizer. Escorregou seus dedos para dentro de sua vagina, acariciando seu clitóris com cuidado. Seu toque era suave, desenhado para fazer aumentar a luxúria, mas não lhe daria o que ela necessitava, que era o alívio. Funcionou. De repente sua mão, que ainda estava agarrando seu pulso, tentava pressioná-la contra seu sexo. Mas ele retirou sua mão completamente, e ela suspirou.

Ele retirou a mão de seu pulso, retendo-a e colocando-a sobre sua coxa. Tocou com seu cotovelo um joelho para que separasse suas pernas, levantando sua perna para o alto, e deslizou sua mão entre suas pernas outra vez.

Ele colocou sua boca contra seu pescoço, sorvendo a pele com força enquanto escorregava um dedo em sua fenda molhada. Acariciando-a ritmicamente, pressionando seus clitóris ao mesmo tempo. Levou-a a beira do orgasmo antes que ele retirasse sua mão outra vez.

— Por que parou?

— Precisa algo de mim. Eu também necessito algo de ti.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Não. Não quero que me faça mal.

Ele riu contra sua pele.

— Não haverá nenhuma dor. Prometo-lhe isso.

Seus dentes roçaram sua carne, o bastante para beliscar, rompendo um pouco de pele. Ela gritou e ele pressionou sua mão contra seu seio, seus dedos rodearam seu engrossado mamilo. Retorceu contra ele quando tomou o mando do instinto primitivo de seu corpo. Ele queria violá-la, mas algo o parou. Ela precisava tomá-lo devagar, e enquanto pudesse, ele o faria por ela.

Nunca em sua vida tinha tido que lutar com tanta força para manter o controle sobre si mesmo. Não havia muito para empurrá-lo até a borda. Uma diminuta gota de sangue se formou na ferida que lhe havia infligido, e isto lhe fez sentir mais selvagem. Pressionou ainda mais seu mamilo entre seu polegar e seus dedos, afundando suas presas totalmente na delicada pele de seu pescoço.

Ela soltou um fôlego que terminou sendo um gemido.

— OH, Deus.

Ele sentiu o mesmo. Ela nunca saberia o que ele sentia. Cada sensação que ela sentia, duplicava-se nele. E ele ainda estava completamente vestido.

O gosto de seu sangue em sua boca o envolvia. Sentia o batimento do coração, seu pulsar sob seus lábios e o chocar de seu corpo energeticamente contra o seu. Ela estava perto de orgasmo, e ele iria enviá-la até à extremidade do mesmo.

Ele acariciou seus lábios vaginais, estendendo suas dobras. Arqueou contra

ele quando deslizou um dedo mais profundamente. Ela estava tão quente, tão molhada, que não podia esperar para tê-la. Seria essa noite. Não havia nenhuma dúvida sobre isso em sua mente naquele momento. Ela era tão flexível, tão disposta dentro de seus braços. Poderia fazer com ela tudo o que desejasse.

Seu pênis estava tão endurecido que lhe doía. Depois que terminasse de alimentar-se, teria que entrar dentro dela. Não tinha nenhuma outra opção. Era simplesmente um fato, ou ele não conseguiria dormir outra vez. Na vida.

Seu sabor era melhor que qualquer mulher que tivesse provado. Seu corpo se moveu com esforço e ele seguiu chupando. Não tinha bastante dela, não. A mulher era puro fogo sob seu toque, e ele se acendia com sua resposta também.

Se retorceu contra ele quando retirou o dedo de sua fenda. Um impulso com seu dedo e ela alcançou o orgasmo. Seus tremores contra ele quase foram sua destruição. A única coisa que evitava lhe fizesse mais mal que o já produzido, apesar da força que lhe tinha mostrado, era que parecia tão frágil a seu lado. Isso, e a horripilante compreensão de que Amara Daniels muito bem podia ser sua companheira.

Com um último gole de seu sangue, separou-se dela e girou para um lado. Em mais de seus quatrocentos anos, tanto em sua vida mortal como na de vampiro, não tinha encontrado uma mulher que o destino proporcionasse para ele. Tinha pensado que a tinha tido antes, em duas ocasiões, mas ambas tinham sido só enganos. Tinha perdido toda esperança fazia tantos anos que não podia recordar exatamente quando se manifestou.

Amara era uma humana. Não somente uma humana, uma humana cética. Estes eram do pior tipo. Possivelmente não podia ser mulher para ele. Simplesmente não tinha que fazer caso ao feito de que havia sentido algo ao estar juntos. Aborrecia ter que chamá-lo destino, já que o destino não ditaria que tivesse que sequestrar a uma mulher para conseguir sua atenção.

— Isto foi... Uau! — sua voz estava sem fôlego quando ela se demoliu e descansou sua cabeça sobre seu peito. Ele ainda podia sentir seu corpo tremer depois de seu orgasmo. — Mas, e você?

— Estou bem. — esta era, possivelmente, a maior mentira de sua vida. Se ela voltasse a tocá-lo, explodiria. Não podia arriscar-se a lhe fazer mal. De fato, a primeira coisa que ia fazer pela manhã era devolvê-la aonde pertencia. O mais longe dele.

Sua mão descansava sobre seu peito e esta começou a descer pela cintura de suas calças. Ele estendeu as mãos para tocá-la, mas ela o afastou.

— O que deseja, Marco?

— Acredito que deveria sair para que possa dormir um pouco.

Se ela o tocasse, ele teria que penetra-lá. Não havia nenhuma dúvida nesse assunto. Se transasse com ela, teria que tomar mais de seu sangue. Não seria capaz de resistir. Mas não lhe faria mal tampouco. Já tinha tomado o bastante, e não sabia quanto mais poderia tomar sem que isto a afetasse.

Ele tentou sentar-se, mas ela o empurrou para trás.

— Fica imóvel durante um segundo, pode?

— Amara, pare. Isto não é uma boa ideia. Precisa descansar depois do que tirei de você.

Ela levou sua mão a sua garganta e tocou os sinais que suas presas tinham deixado. Tragou com força, mas ao final riu.

— Não me fez mal. Bom, não muito.

— Claro, já te disse que não lhe faria isso.

— Sim, bom nunca sei no que acreditar contigo.

O som de seu zíper chamou sua atenção. Ele olhou para baixo quando ela começou a deslizar suas calças por suas pernas.

— Pode ficar nu? Não quero perder mais tempo.

Ele teria rido se não tivesse tão perplexo. Tinha conseguido distraí-lo o bastante para começar a despi-lo sem dar-se conta que o fazia. Era a primeira vez que lhe acontecia.

Antes que pudesse pensar nas consequências, tirou o resto de sua roupa. A pele de Amara avermelhou com o desejo, e podia ver em seus olhos claramente como lhe desejava. Deixou-lhe um pouco confundido. Em geral as mulheres humanas simplesmente dormiam depois de ficar satisfeitas. Não podia acreditar que ela necessitasse ainda mais.

Ou ela tinha pensado nele mais do que esperava.

— Está certa de que isto é o que quer? — perguntou ele. — Não quero nenhum arrependimento depois.

Ela assentiu.

— Quero isto. Não tem nem ideia de quanto quero isto. Agora te cale durante um minuto, certo?

Quem ia discutir isso?

Ela sustentou seu pênis na palma da mão e seu toque lhe pareceu fogo. Ela estava quente por toda parte. Deixou acariciá-lo durante um minuto ou dois, até que já não pôde suportar mais. Então com cuidado tirou sua mão e a fez rodar até que ficou de costas. Tomaria com cuidado esta primeira vez. E aquilo provavelmente o mataria. Algumas carícias a mais e... não poderia ser responsável por suas ações.

Fez uma breve pausa e a olhou fixamente.

— Tenho que saber uma coisa antes que sigamos com isto. Está protegida?

— Se por protegida se refere ao controle da natalidade, estou sim. Tomo pílulas. — disse ela franzindo o cenho, enrugando seu nariz.

— Se preocupa?

— Sim. Não preciso me preocupar com enfermidades sexuais. Meu sistema imunológico é muito forte para ser afetado por essas enfermidades ou ser o

portador. Mas gravidez é um assunto totalmente diferente.

— Um vampiro ainda pode procriar?

Ela realmente tinha muito por aprender.

— Sim. É difícil que ocorra com um humano, mas definitivamente, não é algo impossível.

— Bem, estou preparada, então não há nada com o que se preocupar.

Sua voz foi um sussurro, mas mostrava uma ligeira rouquidão.

Ele se moveu entre suas pernas, colocando seu pênis ereto na entrada de sua vagina. Fez uma pausa, olhando-a se por acaso tinha alguma objeção de última hora. Quando não encontrou nenhuma, deslizou seu pênis totalmente nela. Ela gemeu brandamente, movendo sua cabeça para trás, contra o travesseiro.

Durante um longo momento, ele não pôde mover-se. Sentia-a tão quente e apertada, tão deliciosa, queria saborear a sensação. Logo ela elevou seus olhos meio que fechados para ele, com uma expressão cheia de desejo e ternura.

Mas ele não queria sua ternura. Não a merecia, não depois do que lhe tinha feito. Mas tomaria, e algo mais do que lhe oferecia essa noite. Ele não podia possuí-la como queria, mas ao menos teriam aquele momento antes que ela o abandonasse para voltar para sua verdadeira vida.

Ele não podia recordar a última vez que se preocupou com a mulher com que se deitou. Isto tinha acontecido a centenas de anos, já que foi nesse tempo que se permitiu preocupar-se deste modo. Amara poderia mudar tudo isto, se ele deixasse. Ele não tinha contado com isso.

Seus gemidos de protesto finalmente o incitaram a mover-se. Com cada golpe, mantinha sob controle seu lado selvagem, a parte dele que era mais animal que humana, tornando-se cada vez mais difícil. Queria possuí-la de cada forma possível, marcá-la para que ela soubesse que seria sempre dele.

Mas não lhe faria mal. Repetiu isso, tentando se controlar. E se ela não deixasse de cravar suas unhas em seu bunda, ia fazer algo que os dois lamentariam. Começou a lhe sugar os seios, chupando seus escuros mamilos até fazê-la gemer descontroladamente.

— Mais — ela gritou quando ele separou sua boca.

Ele passou sua língua ao longo de sua clavícula, por cima de sua garganta, através de sua mandíbula. Tinha sabor de suavidade, frescura, uma mescla de sensualidade e inocência, um sabor que o deixou cambaleante. Ele beliscou seu pescoço com supremo cuidado em vários lugares, ganhando outros arranhões ao longo de sua bunda.

Ela levantou seu queixo, expondo seu pescoço como uma oferenda. Tanto que tivesse gostado de afundar seus dentes nela, mas não podia. Ainda não, quando recentemente se alimentou dela. E definitivamente não quando estava tão fora de controle. Nunca lhe faria mal intencionalmente, mas acidentes podiam acontecer nessas situações.

Ela parecer sentiu suas reservas.

— Vamos, Marco. Por favor. Preciso tudo de ti.

Apertou-lhe o traseiro e cravou suas unhas em suas nádegas, rompendo seu último grama de controle. Com um gemido selvagem ele palpitou dentro dela, cada golpe mais forte que o anterior, preocupando-se em estar dentro dela e pelo prazer de seu corpo que enchia seus sentidos.

Ele afundou seus dentes em seu pescoço outra vez, necessitando um pouquinho mais de seu sabor. Isto se acrescentava a que estava chegando ao clímax, e também aumentaria a intensidade do de Amara. Soube quando sentiu a mudança na respiração dela.

Ela o encontrava com cada impulso, arqueando seu traseiro e agarrando-o de um modo felino. Ela gritou quando chegou ao orgasmo, com suas unhas cravando-se profundamente até que brotou sangue. Ele sabia que ela arrancou rebordos de sua pele e esta dor foi o bastante para lhe enviar a bordo de seu próprio orgasmo, e sua quente semente se precipitou dentro dela.

Derrubou-se em cima dela, incapaz de mover-se. Gemendo contra a quente carne de seu pescoço. Amara se moveu contra ele e emitiu um prazeroso suspiro. Passou sua mão ao longo de seu traseiro, parando quando encontrou os arranhões que lhe tinha feito, e que haviam desaparecido.

— Realmente te fiz uns cortes?

Ele rodou até ficar sobre suas costas.

— Não se preocupe. Tive feridas mais graves ao longo de minha vida.

— Sim, mas não queria te fazer mal.

— Às vezes uma pequena dor pode aumentar as sensações. — na realidade, tinha sido muita a dor que tinha padecido, mas ele não ia contar agora.

Sua respiração era ainda um pouco pesada, o que não o surpreendeu. De fato, ela deveria estar esgotada agora mesmo. Ele certamente o estava.

— Está bem?

Ela riu.

— Por que não deveria estar? Simplesmente tive o melhor sexo de minha vida.

Ele assentiu, estando de acordo. Quem teria pensado que ele seria tão compatível com a mulher que tinha sequestrado?

— Sente-se bem?

— Certamente. Pareço que estou flutuando em cima da cama. — riu um pouco mais. — Avisarei quando pousar sobre ela de novo.

Ele não pôde evitar. Riu por sua tão aberta honestidade.

— Deveria dormir um pouco. Vai precisar.

— Estou bem. — disse bocejando. — Só estou um pouco cansada.

Ele se apoiou e beijou sua cabeça, escutando sua respiração quando finalmente se fez mais pausada. Em instantes ela estava dormindo. Precisava

muito mais que ele. Se ele fosse outro tipo de homem, se afastaria agora mesmo antes que as coisas ficassem ainda mais complicadas.

Nunca lhe tinham tachado de ser cortês. Mas de arrogante, egoísta e egocêntrico. Sempre se assegurou de conseguir o que queria, e agora, por alguma estranha razão, só queria abraçá-la. Era algo novo para ele, mas por hora, ia aproveitar a situação. Iria se repreender mais tarde, estava certo disso, mas por enquanto, desfrutaria de tudo o que pudesse agora.

Ele nunca ficou a noite toda, ou o dia se este fosse o caso, mas podia fazer uma exceção com Amara, já que ela estava em sua cama. Envolveu-a em seus fortes braços e se uniu a ela no sono.

Capítulo 7

Amara despertou sozinha algum tempo depois. O lado da cama onde Marco tinha estado ainda estava quente. Não fazia muito tempo que se fora. Amara se estirou, todo seu corpo tenso por ter feito amor.

Ou só foi sexo? Sentiu que era muito mais complicado e emocional que isso, mas não sabia o que sentia Marco. Piscou, seus sentidos retornando lentamente. Não conhecia Marco absolutamente. Acabava de experimentar um sexo selvagem, fora de controle e totalmente desinibido com um completo estranho. Bem, tornou-se louca de tudo.

Não é que realmente lhe importasse, o homem era um vampiro. Ela não tinha nenhum futuro com alguém tão diferente... bom, ainda não estava certa de como descrever o que era, exceto que bebia sangue.

Já não estava segura sobre a parte do não morto. Definitivamente, pulsava-lhe o coração. Havia-o sentido palpitar diretamente contra o seu. Ele respirava, seu fôlego tinha sido quente e erótico contra seu sensível pescoço. Diabos, se esse homem podia procriar, então, de alguma forma devia estar vivo.

Vivo ou não, isso não mudava o fato de que seu amante era um vampiro. Acreditar isso era assombroso, inclusive depois dele beber seu sangue. Esse era um sentimento ao que poderia acostumar-se. Jamais se tinha vindo tão duramente em sua vida. Seu clitóris ainda doía. Sua vulva ainda palpitava. De fato, se ainda estivesse com ela na cama, provavelmente teria saltado sobre ele sem um segundo pensamento.

Sentiria ele o mesmo que ela? Foi seu clímax tão forte como o seu, ou foi simplesmente como outro qualquer para ele? Se tivesse ficado, poderia ter perguntado. Onde tinha ido furtivamente à metade da noite, ou possivelmente do dia? Tinha permanecido tanto tempo nesse quarto, que tinha perdido o conceito do tempo.

Ele tinha desfrutado, embora provavelmente o negasse mais tarde como qualquer macho típico, mas tinha sido tão bom para ele como para ela. É possível que inclusive melhor. Engole essa, Derek! Já não havia nenhuma Amara aborrecida no quarto. Marco parecia tirar seu lado mais selvagem. Talvez devesse a si mesmo, e seu próximo amante exploraria plenamente este novo jogo de possibilidades. Se Marco estava disposto, definitivamente ela seria capaz de fazê-lo.

Como teria sido para ele beber seu sangue? O pensamento de provar o sangue de alguém sempre a tinha repugnado, mas agora sentia curiosidade. Tinha sentido Marco tão bem dentro dela. O fato de alimentar-se tinha aumentado seu prazer? Sentiria ela o mesmo se...?

Um segundo. Estava ficando louca? Humanos não bebiam sangue. Humanos não pensavam em beber sangue. Bom, não a menos que tivessem sérios problemas mentais. Era humana, portanto não estava bem fantasiar sobre beber o sangue de Marco.

Fim da discussão.

Onde estava ele, de todos os modos? Saiu da cama e buscou entre as sacolas que ele tinha deixado no chão. Tirando um par de jeans e uma camiseta, vestiu-se. A roupa ficava um pouco folgada, mas era preferível a usar as sujas que tirou antes de tomar banho.

Surpreendeu-se quando provou maçaneta da porta e esta se abriu de repente. Humm. Ele tinha deixado aberta. Isso queria dizer que era livre de vagar por sua casa? Ou somente desejava que partisse? Talvez tivesse mudado de opinião sobre mantê-la ali agora que tinha averiguado que era tão fácil de conseguir.

Deixou escapar um gemido. Que impressão devia ter dela. Geralmente não ia à cama com um tipo que acabava de conhecer. Sua única desculpa era que tinha estado sob muita pressão ultimamente. Finalmente tinha se derrubado.

A parte de baixo da casa estava escura, a única luz vinha de uns candelabros na parede. As paredes eram bege escuro, um pouco mais claras que o chão de madeira dura. A maior parte da decoração eram antiguidades que ele provavelmente tinha estado recolhendo durante anos. Provavelmente muitas delas as tinha comprado novas.

Este pensamento a assustou.

Foi à cozinha e agarrou um copo de água. Bebeu rapidamente, mas fez uma careta ao notar um estranho sabor metálico em sua boca. O relógio da estufa marcava onze horas e o céu se via negro através da janela da cozinha. Isso significava que tinha dormido durante todo dia.

Como tinha acontecido? Ela normalmente vivia com umas poucas horas de sonho cada noite. Quando chegou a ser tão preguiçosa para dormir quase vinte e quatro horas sem sequer piscar?

A porta de trás estava aberta, o som dos grilos enchia o ar da noite. Abriu a porta e saiu. Marco estava sentado em um banco de madeira no alpendre. Lançou-lhe um olhar por cima quando a viu, e pela primeira vez realmente sorriu.

— Dormiu bem?

Ela assentiu.

— Suponho que sim. Por que me deixou dormir tanto tempo?

Ele se encolheu de ombros.

— Precisava descansar. Não tinha nenhum direito de tomar seu sangue.

— Se não tivesse querido, haveria dito que não.

Sentou-se ao lado dele, sua perna roçando contra seu joelho. Tentou não lhe deixar ver que até o menor toque a afetava, mas estava aprendendo que não havia muito que pudesse lhe ocultar.

— Não queria te sequestrar. Mas isso não me deteve.

Ela pôs os olhos em branco.

— Isto é novidade. O grande vampiro alfa, sentindo remorsos.

— Não comece. — sua voz mostrou um simples tom de advertência.

— O que vai fazer, me morder? — levantou uma sobrancelha desafiante. — Embora tenha que te advertir que eu gostei.

Ele sacudiu sua cabeça e riu.

— Supõe-se que devia gostar.

— É sempre assim?

—Agradável? Sim, a não ser que deliberadamente queira fazê-lo doloroso. Durante o sexo, o prazer que isto traz é incomparável. De que outra forma seríamos capazes de conseguir que alguém estivesse de acordo? — fez uma pausa. — Mas da maneira que foi entre nós não é usual. Não sempre é tão forte.

— Mas o é, algumas vezes? — estava preocupada. O que havia sentido era quase muito intenso de suportar.

— De vez em quando.

— Com que frequência?

Marco suspirou.

— Não recordo a última vez que foi tão bom. É isso o que queria ouvir?

Ela sacudiu sua cabeça. Não, isso era exatamente o contrário do que queria ouvir. Poderia lidar com bom. Demônios, poderia lidar com ótimo. Mas demolidor era outro tema completamente distinto. Não sabia como dirigir seus sentimentos quando era consciente de que nada poderia sair deles. Além das diferenças óbvias no modo de vida, ela não sabia virtualmente nada sobre ele. Não tinha certeza se queria ficar, mas se sentiu tentada ante o pensamento de outra sessão de seu particular sexo.

— Suponho que queira ir já. — ele não parecia feliz sobre isso. Bom. Possivelmente era sua vez para um par de lições.

— Pensarei nisso.

Ele pareceu surpreso, mas o escondeu rapidamente. O céu proibia ao homem mostrar um pouco de emoção além da cólera ou a irritação.

Quanto mais pensava nisso, mais considerava ficar por uns dias. Estar ali com Marco era certamente melhor que vadiar em sua casa na cidade, esperando amontoados de promissórias enquanto era incapaz de conseguir outro trabalho. Preferia estar ali durante um tempo a esperar na mesa de algum restaurante de má qualidade outra vez.

Sua expressão se clareou. Tinha tomado uma decisão.

— Não há nada que pensar. Não vai a parte alguma.

Bom, parecia uma boa ideia até que ele abriu sua boca. Quem ele acreditava que era, tentando obrigá-la? Se ela fizesse algo, seria por sua própria vontade.

— Deixou a porta aberta.

— A porta do dormitório. Somente a porta do dormitório. As portas exteriores

permanecerão fechadas a não ser que esteja contigo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Espera um segundo, depois de ontem à noite ainda vai me manter prisioneira aqui?

Ele assentiu.

— Esse era o motivo de te trazer aqui. Isto não é uma excursão social.

Ela suspirou e contou até dez, tentando controlar o impulso de lhe dar um murro. Por que era tão difícil para ele admitir que tinha passado um bom momento?

— Expliquei que terminei com esses filmes. Que mais quer de mim?

— O que faria se te deixasse ir agora? Correria para seus amigos, as revistas sensacionalistas, e lhes falaria de mim? Coloquei a mim, e a muitos outros, em perigo quando te disse quem sou realmente. Tenho que saber que posso confiar em você antes de te deixar partir.

— Por favor. Vivo nos subúrbios de Los Angeles. Sabe quantos psicopatas andam por aí pensando que são vampiros? — perguntou-lhe. — Além disso, o que te faz pensar que não pode confiar em mim? Apenas me conhece.

— Exatamente por isso preciso te manter aqui durante algum tempo. A confiança é algo muito difícil de ganhar, especialmente quando tenho a sensação de que está procurando um modo de escapar.

— Pode ler mentes ou algo parecido?

Ele riu.

— Não. Não posso ler mentes. Embora por alguma razão, estou conectado a ti.

Ela estava conectada a ele também, mas não ia compartilhar esse conhecimento ainda. Poderia ser de utilidade mais adiante, a não ser que ele decidisse deixar de tentar controlar sua vida.

— Então vais me manter aqui, contra minha vontade, até que sinta que pode aprender a confiar em mim?

— Realmente está aqui contra sua vontade?

Ela pensou nisso. Por uma parte, faria algo para escapar. Por outra parte, aonde iria? Não tinha vida, nem trabalho, nem amigos que não estivessem interessados em seu dinheiro. O que ficava? Marco. E que grande prêmio de consolação que era.

Ele continuou.

— Considere como umas férias surrealistas. Relaxe e desfrute. Quando for para casa, sinta-se liberada de alertar às autoridades. Confia em mim em que nunca me encontrarão.

E ela estaria totalmente sozinha. Tão insegura como estava sobre ele e o que tinham, não gostava da ideia de que jamais lhe veria outra vez.

— O que faria se eu partisse?

— Seguiria adiante. É o que sempre faço, quando estou em um lugar por muito tempo.

— Simplesmente partiria? Assim? Sem se despedir de ninguém?

— Não tenho muitos amigos. Não é seguro para mim.

Levantou-se da mesa e caminhou para o corrimão do alpendre, olhando fixamente à escuridão da noite.

— Os poucos amigos que tenho entendem minha situação. Ellie, a mulher que trouxe sua roupa, é provavelmente a única de quem sentiria falta. Mas nunca permaneço longe dela por muito tempo.

Ellie? O ciúme surgiu em seu interior, confundindo-a. Não tinha nenhum direito sobre Marco. Ela não queria reclamá-lo de maneira nenhuma. Direito? Ele a tinha sequestrado. Entrou em sua casa e a levou, trouxe-a aqui e a encerrou em seu dormitório durante dias.

E era o melhor amante que nunca tinha tido. Isso tinha que significar algo. Ao menos para ela. Não tinha nem ideia sobre suas práticas sexuais. Por isso sabia, os vampiros tinham selvagens orgias todo o tempo.

— Quem é Ellie? — disse devagar, não muito segura de querer saber a resposta.

Marco riu. Deu a volta ao corrimão e caminhou para ela.

— Um pouquinho irritada?

Negou com a cabeça rapidamente.

— Certamente que não. Somente... curiosidade.

— Curiosidade — ele suspirou. — Ellie é somente uma amiga próxima. De certo modo é como uma irmã pequena. Por outra parte, é mais como uma mãe protetora. É uma relação complicada, que explicarei isso em outro momento. Acredito que já sabe bastante por agora.

— Então, vocês dois nunca...

— Ellie e eu não dormimos juntos. Nem o faremos, tampouco.

Talvez ela fosse uma besta horrível. Sorriu, sentindo-se um pouco melhor.

— Ah. Ellie é um vampiro, também?

Ele sacudiu sua cabeça.

— Não, Ellie não é um vampiro. Mas é a única mulher que me compreende.

Aquela observação a incomodou.

— Entendo.

Ele elevou uma sobrancelha.

— De verdade? Acredito que não.

Ela agitou uma mão no ar.

— Por favor. Não é tão difícil de entender. Quando quer algo, toma. Não pergunta, porque isto seria um sinal de debilidade. As mulheres não têm lugar em sua vida, exceto como brinquedos. Quando se enfurece, age primeiro e se preocupa com as consequências depois. É impulsivo, arrogante, e se sente com direito a tudo o que quer. Pensar em outras pessoas é secundário.

Inclinou a cabeça para um lado e esperou sua resposta. Ele não disse nada.

— Não te incomode em negá-lo, porque posso ver em seus olhos que tenho razão.

Ela sacudiu sua cabeça.

— E me acredite, não tem nada que ver com que seja um vampiro. Isso somente parece ser um grupo de impulso que têm a maior parte dos homens.

— Tem uma opinião muito ruim de mim, mulher.

Ela encolheu de ombros.

— Todos os homens são iguais. O que posso dizer?

— Embora tenha um pouco de razão, nós os humildes machos temos também algumas boas qualidades.

— E quais seriam?

Ela ainda tinha que as ver. Inclusive aqueles em que pensava que poderia confiar, como Robby, eventualmente a roubavam.

Nem sequer ia pensar no Derek. Em realidade tinha pensado em casar-se com ele. Alegrou-se de lhe haver dito que utilizasse camisinha como resguardo suplementar até depois do casamento. Quem sabe que enfermidades poderia ter pegado, já que ele, ao parecer, deitou-se com qualquer que conhecesse.

— Vai ter que averiguar por si mesma. Não será muito difícil, se realmente está interessada em procurar.

Ele andou em direção a geladeira.

— Tem fome?

— Um pouco.

Ela o seguiu.

— Por que não me diz algum de seus pontos bons? Começo a me perguntar se tem algum.

— Posso cozinhar. O que quer comer?

— Marco...

Levantou uma mão fazendo-a calar.

— Me deixe te preparar primeiro o café da manhã. Podemos falar depois.

— O jantar. São mais de onze, quase pouco para a meia-noite.

Ele encolheu os ombros.

— Tudo depende de como se olhe. Quer ovos? Torradas?

Lançou um bufo.

— Não a essa hora da noite. Já tenho suficientes problemas tentando esquecer que são seis da manhã. É de noite. Quero um hambúrguer com queijo.

— Um hambúrguer com queijo? — piscou umas vezes. — Certeza que isso é o que quer?

— Sim.

Como iria ficar de férias, ia desfrutá-las. Já não teria que viver com uma folha de alface e um par de cenouras ao dia para conseguir encaixar em seus estreitos trajes ou adaptar-se ao errôneo conceito de beleza de Hollywood. Agora comeria como um ser humano e não como um coelho.

— Por favor?

Ele a olhou com assombro, mas aceitou.

— Bem. Verei o que posso fazer.

* * * * *

Marco olhou como Amara terminava a última parte do hambúrguer com queijo. Ficou um pouco surpreso quando lhe tinha pedido algo tão simples. Ela parecia acostumada a comidas de gourmet. Por que queria algo que poderia obter em qualquer restaurante de comida rápida do país?

Embora o estivesse desfrutado. Os pequenos sons que fez enquanto comia rivalizaram com os que tinham feito na noite passada na cama. Secou sua boca só escutando.

Alegrou-se de haver pedido a Ellie que trouxesse um pouco de comida, ou Amara teria passado fome. Sabia de primeira mão que ela não comeria a manteiga de amendoim, e isso era a única coisa nos armários.

Parecia diferente sentada frente a ele na mesa da cozinha de como nos filmes. Agora estava mais relaxada, mais natural, e menos parecida com a pirralha que a princípio tinha acreditado que era. Estava aprendendo muito sobre ela, e o que aprendia lhe assustava. Com cada frase que saía de sua boca, tinha menos e menos razão para odiá-la.

De fato, se chateava em saber que começava a gostar dela.

Desejar seu corpo era uma coisa, mas realmente admirá-la como pessoa era inadmissível. A este passo, a mulher ia lhe converter em um mole até o final da semana.

— Me diga de onde obtive a ideia de minha verdadeira natureza.

Ela encolheu os ombros e terminou o último pedaço do hambúrguer.

— Enquanto crescia, minha mãe se casava com um homem diferente a cada dois anos. Tive sete padrastos e muitos tios. Aprendi muito somente observando-os.

— Não tem uma grande opinião dos homens, certo?

— Está brincando? Por que deveria tê-la? Cada homem em minha vida resultou ser um gigantesco fracasso.

— Talvez ainda não tenha encontrado o homem correto.

— Aonde quer chegar com isso? — continuou com expressão irritada. — Sua opinião das mulheres parece bastante baixa.

— Sim, e tenho um bom motivo para isso, também.

— Qual é?

Estudou-a, debatendo o fato de quanto lhe dizer. Se lhe contava a história inteira, a espantaria para sempre. De novo, isso certamente solucionaria o problema de ligações emocionais não desejadas.

— Estive casado uma vez. Foi há muito tempo.

— Bem.

— Minha esposa não era exatamente o que você chamaria de fiel.

Suspirou profundamente, a dor do que tinha passado ainda esta ali, ainda quando o mantinha sob controle.

— Sinto muito.

Ela parecia fazê-lo. E ele se arrependeu do que estava a ponto de lhe dizer, mas não havia nenhum modo de fazê-lo com suavidade.

— Quer saber por que sou um vampiro?

Ela assentiu, embora não parecia muito segura.

— Ia ser executado por matar a minha esposa e a seu amante.

— Você o que???

— Já me ouviu perfeitamente a primeira vez. Não vou repetir. Fui condenado por matar aos dois, mas antes de ser enforcado, o pai de minha esposa tomou o assunto em suas próprias mãos e me apunhalou. Havia um vampiro vivendo em nosso povoado. Suponho que o cheiro de meu sangue foi uma verdadeira tentação para ele. Ele veio para mim e me ofereceu um modo de poder viver em troca de comida.

— O resto é uma longa história, e não quero entrar em detalhes sórdidos, mas acredito que tem que saber exatamente o que sou.

Ela lambeu os lábios e ele teve o repentino impulso de sugá-los com sua boca. Sacudiu a cabeça para lembrar a si mesmo que estava tentando afastá-la a de seu lado, e não atraí-la mais perto.

Olhou-a estreitamente, esperando a inevitável repulsa que sabia que viria. Mas não chegou.

— Já entendi. Mas isso não responde a minha pergunta de como chegou a ser um vampiro.

Soltou o fôlego. Tinha esperado seu medo, quase lhe dando boa vinda, mas não sua curiosidade.

— Expliquei como cheguei a ser quem sou. Que mais precisa saber?

— Não quem, Marco, mas como. Como aconteceu? Ele fez que te alimentasse dele?

Sentou-se na borda de sua cadeira, esperando sua resposta. Não gostou de sua impaciência.

— Por que precisa conhecer os detalhes técnicos?

— Não preciso. Quero.

Ele se afastou da mesa.

— Talvez algum dia lhe diga isso. Mas não esta noite.

Surpreenderia de quão simples realmente era. Antes que pudesse protestar, escapuliu da cozinha.

Capítulo 8

Homens!

Justamente quando acreditava que estava chegando a alguma parte com eles, tornavam-se calados e irritáveis.

Amara terminou de limpar o último dos pratos com os quais Marco não tomou o incômodo de ajudar, e estendeu a toalha com cuidado para que secasse. Fez uma pergunta perfeitamente razoável. Era muito esperar de sua parte uma resposta na mesma noite? Não acreditava, mas aparentemente o escuro e meditado homem tinha outras ideias.

OH, bom. Ele perdia. Se não queria falar com ela, tudo bem. Mas seria melhor que não esperasse nenhum privilégio na hora de ir para a cama até que aprendesse a deixar de ser tão idiota.

Ficou confortável no sofá com o controle remoto, decidindo-se por fim pelas notícias da noite. Com três canais onde escolher, a escolha não era exatamente difícil.

Ele queria que considerasse aquilo como umas férias. Bom, não eram exatamente suas sonhadas férias. Em sua fantasia, estaria em uma ilha tropical, sozinha, sem um só homem à vista para prejudicar seus planos. Passaria os dias absorvendo o sol e as noites relaxando em uma rede no alpendre dianteiro de seu bangalô.

Sem nenhum homem aborrecido que lhe arruinasse o humor.

Certamente não estaria pegando moscas no meio de nada, fechada em uma casa onde a única companhia era um homem que mudava de humor tão frequentemente como ela lavava o cabelo.

Não podia suportar mais. Depois de viver a maior parte de sua vida na ruidosa Los Angeles, precisava algum tipo de ruído. Outro par de dias e ia se tornar tão louca como Marco.

Levantou-se do sofá e caminhou até a porta da frente. Girou a maçaneta umas vezes, mas não pôde abri-la. Sacudiu-a mais fortemente, disposta a quebrá-la se precisasse. Por Deus, o homem nem sequer tinha um aparelho de som, ao menos nenhum que pudesse encontrar. Precisava de um pouco de ruído em sua volta.

Estava considerando golpear com o punho o vidro quando uma mão se fechou sobre a sua e quase saltou fora de sua pele.

— Vai a algum lugar, Amara? — a voz de Marco foi um grunhido baixo e seu fôlego quente contra sua pele. Um pouco muito quente. Estava furioso.

Oops.

Estremeceu.

— Eu... eh...

— Espera que confie em você, quando te deixo um segundo e tenta partir? — suas mãos subiram até lhe rodear o seio. — Ia dizer adeus?

Ela negou com a cabeça. Nada de adeus com aquela garota, nunca. Ela preferia romper limpamente. Não seria capaz de afastar-se de Marco, ao menos não completamente. Ele era o tipo de homem que se metia sob a pele de uma mulher por uma vida. Perguntou-se se planejava deixá-la ir alguma vez.

— Tem medo de mim?

— Não.

Mas agora tinha. Só um pouco. Era aquela confissão que tinha feito. Tinha matado a sua mulher e a seu amante. Isso era algo que não lhe seria fácil esquecer. Não importava quão bom fosse na cama, o homem era capaz de cometer um assassinato.

Era um vampiro. Não eram todos eles capazes da insensata destruição da raça humana? Ou isso só acontecia nos filmes? A realidade não era como estava acostumada a ser.

— Por que insiste em mentir? — mordiscou-lhe o lóbulo da orelha — Posso dizer que não está sendo sincera.

Ele a girou para ficar cara a cara, empurrando-a contra a porta.

— De verdade, acredita que te deixaria ir tão facilmente?

Ela encolheu os ombros, tentando parecer despreocupada.

— Uma garota pode ter esperanças, não?

— Quer ir?

A graça daquilo tudo era que, se ele não a tivesse como refém, não lhe importaria chegar a conhecê-lo melhor. Ser sequestrada tirava toda a diversão.

— Não importa o que eu quero. Não está me dando nenhuma opção.

Durante um segundo, pareceu realmente triste. Mas o encobriu rapidamente.

— Todos têm escolha.

— E a escolha que você fez quando me trouxe aqui não era exatamente a mais sábia.

Ele suspirou, seus olhos se fecharam brevemente.

— Já te disse por que o fiz.

Sim. Tinha-lhe estado dizendo suas razões desde que a tinha levado ali. Estava começando a perder seu encanto.

— Ainda tem que me dizer exatamente o que planeja fazer comigo.

— Ainda não decidi. — puxou-a contra ele. — Acredito que começarei com isto.

Sua boca esmagou a dela em um beijo que era qualquer coisa menos gentil. Obrigou a sua língua dentro de sua boca enquanto seus dentes raspavam seus

lábios e seu corpo se pressionava contra o seu. Quando a liberou, parecia tão agitado como ela. Desta vez nem sequer tentou escondê-lo.

Nenhum homem jamais tinha olhado para ela daquele modo antes. Tinha visto luxúria, calor, entretenimento, e aborrecimento, algumas vezes tudo na mesma noite. Mas isto era novo para ela. Não era sexo. Bom, não era inteiramente sexo. Marco a desejava, não a um corpo quente para afundar-se a cada noite. Não tinha ido procurar outra ontem à noite depois de terem deitado juntos. Em realidade, tinha lhe dado prazer e nem sequer tinha pedido nada em troca. Nunca tinha conhecido um homem como aquele em toda sua vida.

Possivelmente aquelas poderiam ser mais umas férias do que tinha acreditado.

Depois do que Derek a tinha feito passar, merecia um homem que pusesse sua necessidade em primeiro lugar. Merecia um pouco de mimo, um pouco de diversão, e, quem melhor para lhe dar tudo aquilo, senão Marco? Se somente pudesse esquecer o problema do sequestro, estaria genial.

— Realmente vai continuar me mantendo aqui contra minha vontade, inclusive se quisesse ir embora? — perguntou-lhe.

Ele não respondeu, mas o olhar em seus olhos lhe disse tudo o que precisava saber. Sentia-se culpado pelo que tinha feito, inclusive embora não pudesse confessar. Ela enlaçou seus braços em seu pescoço e o puxou para baixo para outro beijo.

Ele pareceu surpreso, mas se recompôs rapidamente. Empurrou-a contra a porta quase imediatamente, as mãos por todo seu corpo. Ela se retorceu contra ele, sabendo que o estava torturando e desfrutava disso cada segundo.

Marco deslizou suas mãos por seus flancos até que estiveram outra vez embalando seus seios. Ela gemeu quando as pontas de seus dedos roçaram seus mamilos, pondo-os duros imediatamente. Suas calcinhas ficaram úmidas em questão de segundos.

Ele estava tão perto que podia sentir o batimento do seu coração contra seu peito. Ela deslizou suas mãos ao longo de seu abdômen, admirando seus duros músculos sob a camisa. Arrastou suas unhas sobre sua cintura, obtendo um comprido gemido.

Ele sujeitou suas mãos e as empurrou longe de seu corpo quando alcançou a cintura de suas calças.

— Por que está me fazendo isto? Tentando me matar?

— Você não gosta quando te toco? — ela lutou contra seu aperto, sendo por fim capaz de separar suas mãos.

— Isso não é o que quero dizer.

Ele fez uma pausa e aspirou profundamente quando os dedos dela roçaram sua braguilha.

— Não sei que está acontecendo aqui. Em um momento quer ficar, e no seguinte tenta te escapular pela porta.

Pouco conhecia de Marco. Nem sequer lhe tinha dado seu sobrenome. Tinha conhecido Derek durante cinco anos antes de aceitar sua proposta, e resultou ser alguém totalmente diferente de quem acreditava que era.

— Ficarei, por hora. Mas unicamente se prometer não me trancar no quarto nunca mais. Foi muito aborrecido e estive a ponto de arrancar o cabelo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não teve tanto tempo para isso.

— Tenho uma capacidade de concentração muito curta.

— Terei isso em conta

Beijou-a árdua e rapidamente, suas mãos trabalhando para libertá-la rapidamente de suas calças. Cavou seu montículo com a palma da mão, seu polegar acariciando através de seus cachos. Separou suas dobras com os dedos e brandamente brincou com seus clitóris.

Os joelhos dela quase falharam naquele momento. Agarrou-se a seus ombros para evitar cair. Seu toque era como um ferro candente sobre sua sensível pele. As pontas de seus dedos penetraram através dela até que as sensações a consumiram e não houve nada mais exceto eles dois. Arqueou seus quadris contra sua mão para lhe permitir um melhor acesso.

Esqueceram de subir. O que tinha de ruim naquele lugar? A porta parecia bastante sólida.

— Marco, por favor.

Ele apoiou sua testa contra a sua, sua respiração desigual.

— Por favor, o que? O que quer, Amara? Quer que pare? Esta é a última vez que vou perguntar. Não quero que sinta como se isto fosse uma obrigação, porque não é. Tem que ser porque você quer. É sua opção, mas terá que tomá-la rapidamente.

Ela negou com a cabeça.

— Não. Morrerei se parar.

Quase acreditava que o faria. Se deixasse de tocá-la, sentiria como se lhe parasse o coração. Necessitava-o, necessitava a ele. Provavelmente quando olhasse atrás se perguntaria se tinha ficado louca, mas seria uma boa punição.

— Vamos subir...

— Não — ele sacudiu a cabeça — Aqui mesmo!

Arrancou o resto de sua roupa e as deixou cair ao lado da porta. Suas costas nuas tocaram o frio vidro da porta e estremeceu. O frio e liso vidro atrás dela se uniu a suas cálidas e ásperas mãos lhe provocando mais excitação que nunca teria imaginado. Ao mesmo tempo, sentiu-se inteiramente exposta ao mundo.

Fez várias coisas selvagens em sua juventude, mas nada comparado com aquilo. Havia uma enorme diferença entre beber um par de barris de cerveja em festas e ter sexo sem parar com um sequestrador imortal.

— A janela... alguém pode nos ver.

— Não há ninguém perto daqui. Estamos absolutamente sozinhos.

Aquilo vinha de um homem que vivia sua vida em relativo isolamento e que não tinha nem ideia do quão longe a imprensa iria para conseguir umas fotos. Ela tinha vivido essa vida durante os últimos dez anos. Não era exatamente divertido.

Não obstante, algo como aquilo era exatamente o que precisava para empurrar no fundo sua carreira. Afundada? Ah!, Seria mais exato dizer completamente morta, apodrecendo de um lado de uma velha e suja estrada. Os escândalos funcionavam para outros tipos de Hollywood. Por que não com ela?

Já podia ver os títulos: "Estrela sequestrada por um vampiro louco e obrigada a ter sexo duro em lugares públicos".

Aquilo não era justo. Para começar, ela não era exatamente uma estrela. Provavelmente tinha seus fãs, mas aqueles círculos eram relativamente pequenos. Realmente, era mais o seguimento de um ídolo.

Segundo, se corresse por toda parte gritando que um vampiro a tinha sequestrado, se veria seriamente comprometida.

Terceiro, ele não a estava forçando a nada. Tudo o que tinham feito, tinha sido com seu consentimento. Ajudava que ele fosse tão sexy que a deixava úmida apenas por olhá-lo.

Ele nem sequer se incomodou em se despir, simplesmente baixou o zíper e liberou seu pênis. Levantou-lhe as pernas e as colocou ao redor de sua cintura, empurrando seu pênis contra seu sexo. Empurrou duramente, preenchendo-a completamente. Ela gemeu e se agarrou a ele, deixando-o no controle do ritmo de seus impulsos. Estava perto do orgasmo, as intensamente prazenteiras sensações fora de seu alcance. Tentou resistir, querendo saborear por completo aquele momento.

Beijou seus ombros e lambeu a pele de sua mandíbula. Fez uma pausa perto do pulsar em seu pescoço, a boca enchendo de água. Quase poderia jurar que ouvia o sangue pulsando em suas veias debaixo da superfície de sua pele. Umedeceu os lábios com a ponta da língua e seu pulso acelerou. Fechou os olhos e inalou profundamente, quase acreditando que podia cheirar seu sangue. Não lhe custaria muito esforço para conseguir. Todo aquele sangue quente, tão perto...

Merda. Ia agir como ele cada vez que fizessem sexo? Poderia optar por umas pequenas dentadas, mas beber sangue era um pouco estranho, inclusive para ela.

A fricção do grosso membro de Marco deslizando-se dentro e fora de seu sexo, seus clitóris esfregando-se contra ele de uma maneira tão excitante, levou-a a orgasmo mais rapidamente do que teria querido. Veio com força, seu corpo fundindo-se com o seu enquanto se agarrava a ele e pedia mais. Ondas e ondas de calor intenso a queimaram até que acreditou que não poderia aguentar mais.

Ele veio depois dela, seu corpo ficou rígido enquanto a pressionava com força contra a porta. Mordiscou seu pescoço, mas não foi em frente. Ela levantou a

cabeça para deixar exposto seu pescoço, pedindo silenciosamente por mais. Ele beijou sua garganta docemente, mas se afastou. Em lugar de lhe dar o que realmente queria, baixou-a até pô-la sobre seus pés.

— Se me der um minuto para recuperar o fôlego, poderemos subir as escadas e ir a um lugar mais cômodo.

Ela assentiu com a cabeça.

— Mmmmm.

Ele sorriu malicioso.

— Bom. Ainda não te saboreei esta noite. Não posso ficar um segundo sem pensar quão incrível é seu sabor.

Excitou-se ao recordar a última vez que se alimentou dela. Tinha ficado assustada, mas se soubesse que era tão bom teria encontrado um amante vampiro muitíssimo antes. Não tinha vontade de voltar para mundo real e encontrar um amante mortal.

— Se alimentar é uma parte necessária para você?

— Não sempre. Às vezes. — fez uma pausa e a olhou. — Se incomoda?

Estava louco?

— Não. Só perguntava.

— Parece que faz muito ultimamente.

— Suponho que sim.

Agora que pensava, tinha feito. De onde tinha saído aquela repentina curiosidade? Provavelmente tinha que ver um pouco porque tinha atuado como uma vampiresca durante muito tempo, e segundo Marco, o tinha feito tudo errado. Uma pequena parte dela se tornou realidade em Midnight Morris, e de algum modo, doía ter essa parte dela desafiando-a.

Também queria ser capaz de compreender Marco. Ele era um mistério para ela, e de algum modo se sentia conectada com ele. Queria aprender tudo o que pudesse sobre o que ele era.

Ou simplesmente estava passando muito tempo sem companhia de ninguém exceto a de um vampiro irritável. Seus costumes estavam enraizados nela. Negou com a cabeça, pensando que quando aquilo terminasse, provavelmente ambos precisariam ser encarcerados.

Marco a levantou e a levou escada acima até seu dormitório.

— Quero ficar com você esta noite. Toda a noite.

Ela assentiu. Não tinha razão para negar o que sentia. Desejava-o ali, ele desejava estar ali. Qualquer problema que tivessem entre eles, não se estendia ao quarto.

Aquilo era uma boa coisa, pois ela nunca tinha conhecido um homem que a fizesse ter um orgasmo tão fantástico sem agir como se fosse o rei do mundo. Odiava admiti-lo, mas o conflito fazia as coisas mais interessantes.

Ela tinha tanto conflito crescendo dentro dela. Nos dois anos passados não tinha tido muitos problemas. Todas as pessoas de sua vida tinham mudado sua forma de pensar para estar de acordo com ela. Bom, o tinha feito antes do assunto do filme pornô. Tinha começado a sentir falta da tensão, de algum modo doente e demente. Com Marco, havia conflitos em abundância. Desfrutava disso muitíssimo, mais nunca lhe diria.

Ele mordiscou seus ombros enquanto a colocava sobre o colchão. Ela estremeceu.

— Está com frio?

Negou com a cabeça. Nem sequer se aproximava. Não tinha frio, ardia em chamas.

Sentia cada nervo de seu corpo ardendo, e tinha medo de não se recuperar nunca. Sentiu a espetada das presas de Marco ao mesmo tempo em que sentiu seu pênis empurrar contra seu sexo. A sensação a arrastou até a borda de outro esmagador clímax. Havia algo naqueles dentes perfurando sua pele... não podia descrever, mas o prazer não era comparável com nada que tivesse experiente antes.

Abraçou a ele desamparadamente, seu corpo inteiro tremendo. Os tremores a invadiram, tornando-se mais intensos pelo sentimento de sua dura vara deslizando-se dentro e fora de seu corpo. Envolveu suas pernas ao redor de sua cintura e cravou os calcanhares em suas nádegas, tentando atraí-lo mais perto. Ele respondeu com um grunhido, levantando seu traseiro com a mão e empurrando mais profundamente.

Os músculos dele estavam tensos e duros sob suas mãos e bebeu de sua garganta mais duramente. Ela elevou o queixo o mais alto que pôde, permitindo-o tomar o que quisesse. Ele cessou muito rápido. Liberou seu pescoço, deixando um caminho de beijos desde sua garganta até a clavícula, e finalmente até seus seios. Mordiscou a sensível pele antes de tomar um dilatado mamilo em sua boca.

Ela gemeu quando sentiu sua úmida e quente boca que lhe enviou uma série de suaves e diminutos prazeres que unicamente a fizeram arder mais. Seus músculos interiores o apertaram fortemente enquanto ele empurrava profundamente dentro dela. As pontas de suas presas raspavam sobre seus mamilos e ao longo dos lados de seus seios até que ela era um montão de nervos trementes, uma bomba relógio disposta a disparar com o mais ligeiro dos toques. Deixou que sua cabeça caísse para atrás sobre o travesseiro, desfrutando da viagem.

Os impulsos de Marco se tornaram mais rápidos e erráticos. Deixou de ser cuidadoso, seu corpo se chocando contra o dela com força. Ela enroscou as mãos em seu cabelo e o atraiu mais perto para beijá-lo. O persistente sabor de seu sangue em sua boca deveria ter quebrado sua excitação. Mas não o fez.

Em troca o fez aumentar. Estava ardendo. Estava no que prometia ser um clímax transcendental e chegaria de repente se conseguisse o ângulo correto. Moveu seus quadris ligeiramente e seu mundo explodiu. Marco explodiu com ela, sua boca abandonando a sua enquanto um grito gutural escapava de seus lábios.

Manteve seu peso fora dela, apoiando-se sobre os cotovelos. Podia senti-lo

tremendo e tentou puxá-lo sobre ela. Ele resistiu. Rodou sobre suas costas, levando-a com ele e deitando-a sobre seu peito. Seu coração pulsava tão rapidamente como o dela. Acariciou brandamente seu cabelo e deslizou as juntas por sua bochecha.

— Sinto muito.

— Por quê?

— Acredito que bebi muito. — suspirou alto. — Devia ter sido mais cuidadoso. Poderia ter feito verdadeiro mal desta vez.

— Não seja idiota. Sinto-me bem. — mas, inclusive enquanto dizia, sentia-se um pouco enjoada. Certamente devido a sua sugestão. Não tinha se alimentado muito.

— Desculpe, não foi por querer. — ele colocou um fio de seu cabelo atrás de sua orelha e beijou o topo de sua cabeça. — Não desconfiava que me sentiria assim com você.

O que significava isso?

— Por que não?

Ele não respondeu. Ela levantou a cabeça para olhá-lo. Seus olhos estavam fechados, mas sabia que não estava dormido. Decidiu não arruinar aquela sensação de bem-estar pressionado ele. Respirou profundamente e deixou sair o ar lentamente, acomodando-se contra ele. Ele queria ficar aquela noite, genial. Mas pela manhã teriam que ter uma conversa. Quando despertassem e a euforia se desvanecesse, poderia interrogá-lo sobre o conteúdo de seu coração. Por hora deixaria estar. Quem sabe, talvez, decidisse contar algo sobre ele, sem que ela tivesse que provocá-lo para isso.

Capítulo 9

Marco ainda dormia quando Amara despertou. Cuidadosa de não incomodá-lo, arrastou-se fora da cama, agarrou o roupão que encontrou pendurado no armário, e desceu à cozinha para tomar o café da manhã. Ou almoçar, já que quase era meio-dia. Todo seu horário tinha sido interrompido, e estava começando a se perguntar se voltaria aonde tinha estado antes de chegar ali. Possivelmente nem sequer queria. Estava desfrutando ser preguiçosa por uma vez, em vez meter-se quatorze horas ao dia no set de rodagem.

Olhou através das gavetas, mas nada lhe agradou. Desistindo de comer, conformou-se com uma cafeteira de café e quando acabou, o levou para sala. Tinha estado nessa sala antes, mas realmente não tinha tido tempo de estudar umas pinturas que viu. Definitivamente queria vê-las melhor.

Uma em particular, um óleo de um verde vale incrivelmente formoso, chamou sua atenção. Era impressionante. A terra estava coberta de árvores, e um amplo rio azul cortava através do vale. Uma grande casa branca se assentava no topo de uma longínqua colina flanqueada por uns vinhedos bastante largos, mas sem muitos edifícios mais ao redor. Perguntou-se onde seria. Era um lugar que certamente gostaria de visitar algum dia, só para ver se a paisagem era tão bela pessoalmente como era na pintura.

Depois de um momento soube que Marco estava detrás dela. Não tinha que dar a volta para vê-lo, só o sentia aí. Era uma sensação estranha, e um pouco inquietante.

— Onde é este lugar?

Se seus novos poderes de percepção o incomodavam, não demonstrou. Aproximou-se e pôs suas mãos em sua cintura.

— É meu lar. Vale do Rio D'ouro, em Portugal.

Isso explicava o notável sotaque.

— É de Portugal?

— Originalmente sim. Essa foi casa minha por um longo tempo. Possuí o vinhedo por quase cem anos.

— É lindo — ia fingir que a parte dos cem anos não a incomodava — Por que foi embora?

— Era hora de seguir adiante. Passei muito tempo lamentando velhos fantasmas, chorando por um passado que não ia retornar. Vendi a propriedade e fui — esfregou seu queixo em seu cabelo. — Os donos atuais a converteram em uma casa rural. Sempre que vou a Portugal fico aí.

— Vai sempre?

— Não tanto como gostaria, mas vou quando posso.

— Eu gostaria de ir contigo alguma vez — escapou antes de sequer ter a possibilidade de deter-se, e desejou poder retratar-se. Ele não a manteria o

suficiente para fazer viagens a países estrangeiros com ela.

Ele a surpreendeu.

— Realmente deseja? Eu gostaria.

Parecia excepcionalmente receptivo hoje, e queria tomar vantagem disso enquanto tivesse a oportunidade.

— Me conte sobre sua família.

Ele suspirou.

— Meus pais eram agricultores. Foram por muitos anos. Tinha um irmão com o que cresci.

— Deve ser agradável ter a alguém com quem brincar.

— Fomos íntimos.

Ficou calado por muito tempo. Tinha medo de que se o deixasse permanecer em silêncio por muito mais tempo, a deixaria de novo fora. Queria saber a respeito dele.

— Trabalha? Ou só anda por aí sequestrando a mulheres ingênuas?

Riu.

— Tive muitos trabalhos durante os anos. Estou tendo um descanso agora, mas até alguns meses atrás, era um agente da bolsa de ações em Wall Street.

— Está brincando! — era difícil imaginar Marco a menos de trinta metros da Wall Street.

— Não, fiz por 10 anos. Agora penso que é tempo para algo mais. Poderia voltar para a pintura por um tempo.

— Pintas? — cerrou os olhos, tratando de ler a assinatura sobre a pintura diante deles.

— É seu, certo?

Ele assentiu.

— Cardoso? Então "só Marco" tem um sobrenome depois de tudo.

— É o nome com o que nasci, mas faz tempo não o uso publicamente.

Moveu-se, empurrando suas costas contra ele.

— Há algo mais que deseje saber?

Não podia ser tão fácil. Onde estava a armadilha?

— Como pode parar por um tempo? Esta casa deve te custar uma fortuna.

— Em quatrocentos anos consegui acumular bastante para me ocupar de minhas necessidades. — fez uma pausa e soltou profundamente o fôlego. — Estou certo que você pode se permitir um tempo de descanso, também.

— Um pouco, mas não fui exatamente cuidadosa em meus gastos.

Não tinha esperado perder seu trabalho. Algumas vezes o peixe pequeno comia ao grande.

— Se ainda está preocupado pelo dinheiro que ganhei graças a sua raça, não o faça. A maior parte desse dinheiro se foi.

Uma parte na dependência de drogas de Derek e todas as caras reabilitações, mas não ia compartilhar isso com Marco.

— Sinto muito — sua voz foi apenas um murmúrio contra seu cabelo.

— Por quê? Você não gastou o dinheiro.

— Não sobre o dinheiro, Amara. Sobre tudo o resto.

Levou um momento para compreender o que dizia. Soltou-se de seus braços e deu a volta para encará-lo.

— Se isto é por me sequestrar, esquece. Está feito. Não pode se retratar agora. Vamos seguir adiante, ok?

Marco suspirou e percorreu sua bochecha com sua mão. Parecia que queria dizer algo, mas não o fez. Só ficou olhando, sua expressão era uma mescla entre culpa e dor.

Ela tentou aliviar seu humor.

— Não se sinta mal. Já superei.

Sua expressão se escureceu. Quando falou, sua voz era um baixo grunhido.

— Não deveria.

Saiu da sala. Amara pensou em ir atrás dele, mas mudou de ideia. Quando estivesse preparado para falar, e não grunhir, sabia onde encontrá-la. Não era como se ela fosse sair ou algo assim.

* * * * *

Estava louco.

Amara não lhe pertencia. Possivelmente ela concordou em ficar por hora, mas isso não lhe dava o direito de segurá-la. Ela tinha estado agindo de maneira estranha por um tempo, primeiro por aqueles enjões que teve e logo com sua agradável atitude. Não a conhecia o suficiente, mas sabia o suficiente para ver que não estava pondo muita resistência em ficar como normalmente o faria. Algo não estava bem nela.

Ela nunca admitiria, então lhe perguntar o que estava errado seria inútil. Jogaria a culpa ao estresse do sequestro e ao feito de que pensasse que era um lunático. Ela tinha razão.

Em algum momento ao princípio de tudo aquilo tinha perdido o juízo. Só esperava que não fosse muito tarde para redimir-se antes que ela o abandonasse, por seu bem.

Segurou o respaldo da cadeira, apoiando seus pés na mesinha que tinha no pequeno escritório. A casa estava relativamente tranquila, tinha ouvido Amara ir para cima depois de que a deixou. Provavelmente já estaria dormindo, seu curvilíneo corpo estendido através de seus lençóis. Seu cabelo esparramado no travesseiro. Seu travesseiro.

Amaldiçoou-se a si mesmo por pensar tais coisas. Precisava se afastar dela por um tempo e deixar a pobre mulher dormir. Provavelmente usaria alguns dias para descansar pelo menos. Alimentou-se muito, a este ritmo a deixaria seca antes de ter a oportunidade de retorná-la para casa.

Essa era outra causa de conflito. Suas intenções originais se torceram no caminho. Esqueceu de ensinar uma lição à mulher, só queria encontrar a maneira para mantê-la ali, algo assim como atá-la a sua cama por toda a eternidade.

Não que atá-la a sua cama não fosse uma perspectiva intrigante. Mas depois de raptá-la de seu lar, tinha a sensação que ela não estaria de acordo com ele, ao menos não por agora.

Isto era ao menos confuso. Nunca em sua vida teria se imaginado que estaria tão afetado com uma mulher, estava tão confuso...

Agora somente tinha que averiguar o que fazer.

Capítulo 10

Amara estava na cadeira em frente da janela da sala que dava à baía, olhando a tranquila noite. Com a janela um pouco aberta para deixar entrar o ar fresco da primavera, os únicos sons eram o gorjeio de grilos e o chapinho ocasional dos peixes no lago a umas centenas de jardas da casa.

A lua estava quase cheia, e era capaz de admirar a beleza do mundo ao redor dela. Por que alguma vez tinha sentido saudades da cidade? Poderia se acostumar a isto. Lástima que não tivesse a oportunidade.

Estava uma semana com Marco. Cedo ou tarde se cansaria dela e a mandaria para casa. Era o que sempre acontecia com os homens em sua vida, cansavam-se dela e se iam. Ou no caso de Derek, dormiam com cada mulher e homem da costa oeste e simplesmente não o diziam.

Era mais de meia-noite, e deveria estar cansada. Mas não estava. Estava muito acordada, embora não tinha dormido o dia todo. Marco lhe tinha mandado para a cama para que dormisse um pouco enquanto fazia umas ligações, mas se deitou e deu voltas durante duas horas. Finalmente se deu por vencida. Não valia a pena.

— O que faz acordada?

Estremeceu quando Marco acendeu o abajur ao lado da janela.

— Ei, encontra-se bem? — parecia preocupado

Encolheu-se.

— Sim, não consegui dormir.

Não tinha comido durante todo o dia, mas não tinha fome. Começou a perguntar se estava adoecendo. Não era normal não sentir os efeitos de um estômago vazio. Tinha vivido com dietas de inanição bastante tempo para conhecer os sintomas.

— Possivelmente deveria ver um médico.

Isso significava que teria que voltar à cidade. Não estava preparada. Acostumou-se muito à tranquila vida de Marco, além da realidade que conhecia para querer retornar. Negou com a cabeça.

— Não?

— Não, Marco — disse — Não quero ir. Nem para ver um médico, de maneira nenhuma.

Parecia preocupado e um pouco zangado.

— Provavelmente, as pessoas vão a notar que não está bem.

Encolheu os ombros.

— Deixe estar.

Marco colocou uma mão sobre cada um de seus ombros.

— Vou te levar de volta amanhã, Amara.

— Amanhã?

Isso não era possível. Não podia deixar que acontecesse.

— Não me pertence. Não é correto te manter aqui como algum tipo de animal enjaulado.

— O que acontece se quero ficar?

Não se sentia enjaulada de maneira nenhuma. Tinha passado tempo desde que havia sentido ameaçada por ele. Algo tinha mudado. Não podia identificar o que era, mas se sentia como se todo seu universo tivesse mudado quando ele tocou à sua porta. Estar ali, estar em qualquer parte, com Marco se sentia bem. Sabia que estava procurando problemas ao protestar, mas não lhe importava. Desejava Marco, e não estava pronta para ir ainda.

Supunha que devia estar ali. Não podia explicar e se o fizesse provavelmente riria dela, mas sabia que ali era onde precisava estar.

— Não pode. Não faça isto mais difícil, docinho — suspirou. — Quero que veja um médico. É muito importante para mim. Que tal se chegarmos a um acordo? Pode ver um médico que conheço. Virá até aqui.

— Por que a pressa com o médico? Disse que estou bem.

Ele não falou por um longo tempo, e se perguntou se realmente a estava escutando. Quando finalmente abriu sua boca para falar, soou preocupado.

— Olhe, algo está te acontecendo, embora pense que esteja bem. Não está dormindo nem comendo, está muito pálida e apática. Vi isto antes. Poderia ser os sintomas de...

Seu coração deu um salto.

— Sintomas do que?

— Nada, esquece — sacudiu sua cabeça — Somente veja o médico, certo?

Ela semicerrou seus olhos.

— Que parte não entendeu? Não quero ver um médico. Não me importa se for seu amigo ou não.

Parecia que ia protestar, mas bateram na porta e se deteve. Abriu a porta e deixou entrar um homem grande. Este não era tão escuro e tenebroso como Marco, embora seu comprido cabelo loiro escuro, amarrado em um rabo-de-cavalo e a camisa com paisagem tropical que usava, recordou-lhe ao típico vagabundo das praias do Sul de Califórnia. Era imponente, mas não em uma maneira que a assustasse.

— Sobre que problema queria me falar?

O olhar do estranho posou em Amara e sorriu.

— Não me dei conta que tinha mascotes. Ei, tem uma linda aí.

Marco se estremeceu.

— Não é assim.

— Claro que não. Nunca o é.

O olhar do homem percorreu devagar cada polegada do corpo de Amara até seus seios. Típico.

— Onde encontrou esta?

Amara cruzou seus braços sobre seu peito e deu um golpe com o pé no piso.

— Antes de mais nada, meu rosto está aqui acima. Segundo, não sou a mascote de ninguém. Posso decidir sozinha. Estou aqui porque quero estar aqui, não porque estou sendo detida.

Bom, tudo menos a última oração era verdade, e de todos os modos, todo aquele assunto já não estava claro.

O homem piscou e se voltou para Marco.

— Desde quando vai pelas que têm mente própria? Acreditei que você gostava de subordinadas e flexíveis.

Retornou o olhar a Amara.

— Espera um momento, não é Midnight Morris?

Amara suspirou forte. Quantas vezes em sua vida ia ter que acertar o discurso?

— Sou Amara Daniels. Midnight Morris é um personagem fictício, quem, segundo Marco, deveria ser aniquilado por ter cada detalhe sobre a vida dos vampiros tão completa e absolutamente equivocada.

Ficou olhando por vários segundos antes de romper em risos.

— Está de brincando? Adoro esses filmes.

— Royce — o tom de Marco era uma advertência.

— O que? Todos não o fazem?

Amara girou seus olhos.

— Marco, aparentemente não. Pensa que os roteiristas poderiam esforçar-se para fazê-los mais realistas.

Royce encolheu os ombros.

— Poderiam. Não é como se andássemos ao redor mordendo a todos ou algo. Mas quem importa? O que é uma vida imortal se não pode ter nenhuma diversão?

— É...?

— Um vampiro? Sim, suponho que posso dizer isso. Tenho umas presas realmente lindas, quer vê-las?

Marco clareou a garganta.

— Uma vez que viu um par, já os viu todos.

— OH, isso não é certo. Os meus são maiores que os seus.

Marco riu.

— O tamanho não importa. É como os utiliza o que conta.

— Aha!

Royce piscou os olhos para Amara.

— Quem quer que criou essa frase, obviamente os tinha pequenos. Os meus são enormes, criatura. Isso é o que conta.

— Embora lamento interromper sua diversão Royce, te chamei por algo mais sério que uma discussão sobre o tamanho das presas.

Marco dirigiu um olhar assassino a Royce e Royce riu.

— Então, qual é o problema do qual me falou por telefone?

Marco negou com a cabeça.

— Podemos falar sobre isso mais tarde. Quando tivermos algum tempo a sós.

— Disse que estaríamos sozinhos esta noite.

Marco encolheu os ombros.

— Pensei que ela estaria na cama.

Amara realmente odiava quando as pessoas falavam dela como se não estivesse presente. Normalmente. Desta vez, possivelmente lhe dava vantagem.

— Não está, né? — perguntou Royce — É algo que preferiria que não escutasse?

Marco suspiro e negou com a cabeça.

— Não importa. Acho que realmente não importa.

Amara começou a levantar da cadeira, tentando lhes dar um pouco de privacidade, mas uma estranha vertigem a golpeou e se sentou de novo.

— Você está bem? — perguntou Marco.

Ela assentiu, porque não pôde falar. Tomou um par de profundas inspirações.

— Estou bem.

Aos seus próprios ouvidos sua voz soou fraca.

— Acredito que tudo simplesmente voltará para o normal.

— Esse é o problema? — Royce perguntou a Marco.

Marco assentiu.

— Sim, está sentido um pouco... desconectada ultimamente.

Royce se voltou para a Amara.

— O quanto?

— O que te importa? — grunhiu

— Só curiosidade — disse — Não quero te ofender ou algo assim, mas você parece como se tivesse amando a morte.

Bem, uh. Não tinha tido acesso a sua bolsa de maquiagem nesta semana.

— É assim que pareço sem maquiagem de palco.

— Não, parece pálida na tela, mas isso é de propósito. Não parece doente.

— Estou bem.

O que acontecia com estes homens? Podia se cuidar sozinha.

Royce sacudiu sua cabeça

— Isso é discutível. Como está dormindo?

— Bem — começava a soar como um disco furado.

— Não está — interveio Marco — Ao menos quando se supõe.

— Está comendo?

— Não está comendo tampouco. Quase não tocou em comida há dias.

A expressão de Royce estava séria.

— Humm.

Bom, agora realmente estava se preocupando.

— Humm? O que significa isso?

Royce a ignorou, em troca, falou com Marco.

— Não te parece um pouco estranho?

— Realmente não. — disse Marco à defensiva. — Você a escutou. Não está comendo bem. E isso é suficiente para causar enjoos.

— Acho — Royce se voltou a Amara — É humana, não?

Seus olhos aumentaram com o susto.

— Certamente.

— Seus pais são humanos?

— Minha mãe o é.

Sua mãe era muito humana. Seu pai, bem, podia ser qualquer coisa. Houve tantos homens na vida de sua mãe quando engravidou que nunca soube quem era o pai da criança. Mas era humano!

Royce se voltou para Marco.

— Se alimentou dela?

Marco encolheu os ombros.

— Não sei como explicar isto. A menos que ela esteja se alimentando de você, isto não deveria estar acontecendo.

Royce comprovou seu pulso e franziu o cenho.

— O que não deveria? Alguém poderia me dizer o que está acontecendo?

Royce a olhou por mais de um minuto antes de falar.

— Se não soubesse melhor juraria... não importa.

— Não, tem que me dizer.

Depois de uma declaração como essa, não ia deixar assim. Seria melhor que estivesse planejando explicar-se.

— Não há nada de errado com ela — interrompeu Marco — Esteve sob muita tensão ultimamente — realmente não queria que ela soubesse a verdade que Royce insinuava.

Ela compreendeu esse propósito, embora soubesse que algo estranho acontecia com seu corpo. Sentia-se diferente, mas não podia explicar como. Assentiu com a cabeça para Marco.

— Sim, estou bem. Nada de errado, absolutamente.

— Aha!

Royce inclinou o abajur da mesinha para que a luz lhe desse nos olhos.

Amara estremeceu e cobriu seus olhos com suas mãos.

— Por que demônios fez isso? Quer me deixar cega?

— Não, estou tratando de provar meu ponto.

— Que ponto é esse? Que é impossível ver quando alguém te aponta uma luz brilhante nos olhos? — olhou airadamente a Marco.

— Se este tipo é tão inquisitivo, posso imaginar como vai ser seu médico.

Royce riu.

— Eu sou o médico.

— Aha, e eu sou a fada dos dentes.

— É médico, Amara. Foi por mais anos dos que viveste, e antes disso era um curandeiro — respondeu Marco.

— Isto é ridículo. Estou bem. Já disse isso. Por que demônios sentiu a necessidade de chamar um médico?

— Só queria que alguém reforçasse essa opinião — disse.

— Queria que viesse aqui e mentisse para você — disse Royce — Queria que dissesse que tudo estava bem, quando sabe perfeitamente que não é assim. Sabe, sendo uma pessoa inteligente, algumas vezes pode ser realmente estúpido.

Amara começou a fazer mais perguntas, mas ele sacudiu sua cabeça de novo. Amara cruzou os braços sobre o peito e se recostou na cadeira. Simplesmente

teria que perguntar a Marco depois para averiguar do que estava falando aquele tipo. Doutor ou não, ela estava mal. Não estava doente, só estressada.

— Bem. Obviamente não é de nenhuma ajuda. Não tem pacientes para os quais voltar ou algo assim?

— Não tem pacientes fixos, somente vai aonde lhe precisa — respondeu Marco pelo Royce — Uma vez cada cem anos até me visita.

— Isso não é justo — disse Royce.

— Não é minha culpa que não nos falamos por tanto tempo.

— Não, não é.

Marco estava ficando melancólico outra vez. Queria perguntar sobre a história depois dos comentários íntimos, mas agora provavelmente não era o melhor momento para fazer perguntas.

Royce ficou olhando um pouco antes de levantar-se e ir onde Marco estava.

— Por que a deixou fazer? Sabia muito bem o que poderia acontecer e a deixou fazer de todos os modos. Precisa aprender que não pode simplesmente tomar sem pensar nas consequências

— Não a deixei fazer nada. Foi um acidente, nada planejado.

Acidente? Que acidente?

— Está bem, isto não tem graça. É melhor alguém começar a me explicar e rápido.

Ignoraram-na e continuaram seu bate-papo privado.

— Isto foi bastante irresponsável, Marco.

— Só foi uma gota. Nada vai acontecer.

— Uma gota é tudo o que se precisa — Royce passou sua mão por seu cabelo— O que vai fazer?

— Nada. Não há necessidade de fazer nada, porque nada vai acontecer.

— É um idiota. Já está acontecendo — deu um estranho olhar a Marco antes de sair da sala.

Marco caminhou e se ajoelhou frente à cadeira dela.

— Como se sente? Pensa que pode ficar de pé?

Sobre isso não estava certa.

— O que está acontecendo?

Marco retirou o cabelo de seu rosto.

— Nada, Royce fica um pouco ciumento algumas vezes. É sua natureza.

— Me deixaram um pouco preocupada.

— Não fique, amor. Tudo vai estar bem. Certo?

Assentiu, perguntando-se o que estava acontecendo exatamente, e por que ninguém lhe dizia nada.

* * * * *

Marco estava na cama quando o sol se ergueu, perguntando-se o que fazer com Amara. Tinha que afastá-la, mas não suportava a ideia de fazê-lo. Algo a estava afetando de um modo errado. Não sabia se era por estar com ele, ou o ambiente, mas estava mudando. Começava a agir como ele, dormindo as mesmas horas e não comendo.

Agora só tinha que convencer a Royce. Seu problema não era tão complexo como Royce fazia parecer. Não podia ser. Logo que Amara retornasse a sua casa, voltaria a ser ela mesma.

Queria que ficasse, mas nunca lhe faria isso. Possivelmente agora não importava, tinha uma vida a qual retornar, a que lhe tinha tirado por suficiente tempo. Ele a levaria para casa pela manhã. Precisava mais de sua vida do que ele precisava dela.

E ele realmente precisava dela. Tinha que haver uma maneira de ficar sem convertê-la. Royce estava equivocado. Tinha que estar. Amara era só Amara. Estaria bem uma vez que voltasse a sua casa. Tinha cometido um estúpido engano ao sequestrá-la, mas realmente não faria nada mais para colocá-la em perigo.

— Marco?

Não tinha notado que ela estava lá até que se sentou no colchão.

Uma sacudida de culpa o transpassou. Nunca sonhou arruinando uma vida completamente. Tinha cometido muitos enganos em sua vida, mas este possivelmente era o pior de todos. Se não a deixasse ir logo, coisas ruins aconteceriam.

— Volte para a cama, Amara.

Havia deixado-a em seu quarto e tinha ido ao quarto de hóspedes para conseguir dormir um pouco. Royce se foi antes do amanhecer, mas tinha prometido entrar em contato para ver como seguia Amara. Os dois vigiarão Amara nos primeiros dias quando voltasse para sua antiga vida. Não a deixaria meter-se em problemas, ainda se não pudesse lhe dizer que estavam ali.

— Irei, se vier comigo.

— Não posso fazer isso.

— Então, fico aqui.

Era ruim aceitar algo dela, em tantos níveis. Ainda não lhe tinha explicado o que poderia estar errado com ela. Não estava preparado para lhe explicar o que Royce suspeitava. Não havia necessidade de preocupá-la por algo que poderia não ser verdade.

Não o aceitaria, ainda não, mas não podia negar a possibilidade tampouco. Só esperava que tudo estivesse bem. Se ficasse sozinha e deixasse de se alimentar dela, possivelmente teria uma oportunidade de se recuperar.

Se não tivesse tomado tanto sangue dela para começar, possivelmente aquilo não estaria acontecendo.

Segurou-a por um longo tempo, contente somente de estar com ela no colchão. Mas ela não se conformou. Apertou-se contra ele, seus dedos percorrendo seu peito. Odiou a si mesmo nesse mesmo momento. Poderia ter arruinado sua vida. Não deveria ter sido tão impulsivo. Se tivesse planejado suas ações, então não teria...

Amara beijou o lado de seu pescoço, mandando um calafrio através de seu corpo.

— Já não me deseja mais, Marco?

Ia querê-la até o dia que exalasse seu último fôlego. Considerando sua extensa vida, queria dizer muito.

— Não quero te machucar.

Ela suspirou e se recostou a seu lado.

— Nunca disse como se transformou em vampiro.

Ele ficou congelado, seus sentidos em alerta. Sua crescente curiosidade lhe preocupava, especialmente à luz do que poderia estar acontecendo.

— Por que quer saber?

— Como posso saber como um autêntico vampiro vive se não souber como se cria um?

Marco não disse nada, não querendo lhe dar aquilo, mas não seguro do por que. Ela não o deixaria ir.

— Realmente envolve a troca de sangue?

Marco suspirou.

— Sim, suponho que sim. Mas é complicado, docinho. Não é nada do qual tenha que preocupar-se.

Realmente não era tão complicado. Somente necessitaria um pouco de si mesmo para que sua mutação começasse, especialmente se seu sangue estava esgotado por suas repetidas alimentações, como estava agora. Estava em agonia por quão fácil seria transformá-la. Então seria sua para sempre. Nunca teria que deixá-la ir.

— Faça, Marco — sua voz era um sussurro contra seu peito — me faça sua.

Sentou-se na beirada da cama, precisando distanciar-se dela antes de fazer o que lhe pedia. Tomou pouco tempo dar-se conta que não havia dito seus desejos em voz alta.

— Como sabe o que estava pensando?

— Não sei. Só o senti.

Amara se aproximou e o abraçou pelas costas. Arrastou sua língua ao longo de seu pescoço, encontrando infalivelmente o lugar onde poderia lhe romper a pele e...

Tinha que recordar que não era uma amante vampira. A mulher era humana. Se a deixasse fazer aquilo, sua vida seria mudada para sempre. Possivelmente nunca lhe perdoaria, uma vez que recuperasse o juízo.

Mas ao mesmo tempo, tinha que tê-la. Só uma vez mais, e logo seria tempo de deixá-la ir. Necessitava aquele tempo com ela, uma vez mais, para fazer amor com a mulher que começava a compreender que não odiava depois de tudo.

Seus dentes beliscaram seu pescoço como se o tivesse feito toda sua vida. Tinha que detê-la. Atirando-lhe de costas, sustentou seu corpo no colchão.

— O que quer, Amara?

Amara sorriu, um sorriso malicioso que o excitou mais que uma carícia que alguma de suas amantes tivesse sido capaz de fazer.

— Foda-me, Marco. Duro e rápido. Só uma vez mais antes que me faça partir.

Marco estava mais que feliz em obedecer. Rasgou sua roupa até que a deixou nua diante dele, estendida na cama como um oferecimento. O pensamento de que partiria logo o empurrou até o limite. Não podia prometer que seria gentil essa noite. Só esperava que ela não saísse machucada.

Acariciou seus lábios brandamente com as pontas de seus dedos. Ela se retorceu em protesto, mas não ia lhe dar o que queria ainda. Tinha suas próprias lembranças de como fazê-lo. Acariciou seus clitóris com longas e lentas carícias desenhados para deixá-la louca. Obteve-o facilmente, em uns quantos segundos ela se impulsionava contra sua mão.

— Vamos, Marco. Por favor — conduziu seus quadris contra sua mão, mas ele não cedeu a suas demandas.

— Relaxe. Temos o dia todo.

— Não quero relaxar, quero gozar. — agarrou seu pulso e tentou tomar o comando de seus dedos, mas ele a afastou.

Estava agindo como um animal contido. Estava matando-o manter o controle sobre si mesmo, mas queria que este dia durasse. Se deixasse se levar e lhe desse o que queria, não duraria nem cinco segundos. Ao menos desta maneira, ela conseguiria atenção também. Merecia-o, desde que parecia que finalmente aceitava que seu tempo juntos ia terminar. Ou era só um estratagema para que a deixasse ficar. Tinha agido diferente os últimos dias, mais tranquila, aceitando tudo.

Tinha que perguntar o que estava planejando?

— Estenda suas pernas para mim, querida.

Amara semicerrou seus olhos, mas obedeceu movendo suas pernas tão longe como podia. Deslizou suas mãos pelo interior de suas coxas antes de inclinar-se e lhe dar um beijo íntimo.

Amara gritou e se balançou contra ele quando sua língua tocou seu clitóris. Ele a lambeu a fundo, levando-a ao clímax uma e outra vez antes de retirar-se. Ela choramingava e se agarrava aos lençóis cada vez que a deixava sobre a margem sem lhe dar a liberação pela que pedia.

Finalmente, cravou sua língua profundamente dentro de sua vagina, saboreando sua excitação e incrementando a sua. Golpear dentro e fora dela era pura loucura. Marco estava no limite também, tanto que uma rajada de vento o derrubaria no orgasmo. Seu pênis doía, suas bolas queimavam e não podia suportar outro segundo mais de espera. Um rápido movimento de sua língua através de clitóris e ela gozou, vertendo seus sucos em seu rosto.

— Querida, seu gosto é tão bom — empurrou sua língua nela outra vez.

Amara gemeu.

— Quero seu pênis, Marco, não sua língua.

Marco riscou um caminho de beijos enquanto subia por seu corpo, devagar, detendo-se para lambe seus dilatados mamilos. Sustentando seus seios com suas mãos, chupou um mamilo até que gritou de novo e moveu sua boca ao outro mamilo. Nunca teria suficiente de seu sabor. Deixava-o louco de um modo que nunca antes tinha experimentado.

Amara enterrou suas mãos em seu cabelo e lhe deu um puxão para encontrar seu rosto.

— Deixa de me provocar — disse através de seus apertados dentes.

Marco riu antes de esmagar sua boca em um beijo que não deixou dúvidas de suas intenções. O tempo de provocar terminou. Levantando seus quadris, enterrou seu pênis em sua vagina de um só golpe. Amara gemeu baixo em sua garganta, seu corpo convulsionando-se enquanto ele empurrava duro e rápido, sem qualquer hesitação.

Nunca havia se sentido tão fora de controle em sua vida. Suas presas completamente estendidas contra sua vontade, algo que não tinha acontecido em anos. Tratou de recuá-las, mas era inútil. Sem pensar, enterrou-os em seu pescoço. Seu sangue fluiu facilmente em sua língua e suas unhas se enterraram em suas costas, de novo. Aquilo foi suficiente para lhe mandar em um furioso clímax que quase o cegou. Enterrou seu pênis dentro dela até a base, aguentando as sensações, perguntando-se se ia perder a consciência. Não o fez, mas tampouco teve força suficiente para retirar-se quando terminou. Muito disso se devia provavelmente ao fato que não se alimentou tão frequentemente como sempre desde que ela chegou aqui. Não quis sair da casa para encontrar um doador, mas não podia alimentar-se sempre dela, cada vez que a necessidade apressasse. Seu frágil corpo humano não o suportaria.

Não se permitiu alimentar por muito tempo. Separou sua boca, ainda quando sua sede não estivesse saciada. Amanhã voltaria para seu programa regular, alimentando-se todas as noites em vez de umas poucas, se alimentaria de completos estranhos. Sem a conexão emocional que sentia com Amara, seus sentidos não estariam tão rendidos.

Amara baixou sua cabeça para um beijo. Ainda depois de acabar de gozar, avançava lentamente sobre ele. Suas mãos estavam em todas as partes. Marco

sabia que Amara tinha o sabor de seu sangue em sua língua, mas não se queixou. De fato, pareceu gostar. Empurrou sua língua dentro de sua boca e gemeu, sua mão se enroscando forte em seu pescoço. Deveria ter tomado aquilo como um sinal para retirar-se, mas estava muito satisfeito para ler suas ações.

Sentiu uma rápida punhalada de dor quando mordeu lhe o lábio. Maldição. Amara rompeu de novo sua pele, e aquilo era mais que uma simples mordida. Tinha-o feito bem. Sentiu um fio de sangue descer por seu queixo. Antes de saber o que estava acontecendo, Amara lambeu sua pele, deixando-a limpa com sua língua.

Assustado, retirou-se.

— O que está fazendo?

Ela piscou, parecia Amara, mas agia como uma espécie de puta.

— Pensei que você gostasse duro.

Assim era, mas não podia ser rude com uma mulher humana.

— Me mordeu.

— Não pareceu se importar quando o fiz antes.

— Sim, bom, agora é diferente — era um eufemismo — Que demônios acontece com você?

— Nada.

— Está me assustando. Supõe-se que eu sou o instável.

Amara riu.

— Não é instável. Todos nós temos nossos momentos onde nos perdemos.

— Como você agora?

Negou com a cabeça.

— Não. Sei exatamente o que faço. Só que não posso parar. Possivelmente não quero.

Amara lambeu seus lábios, mas não havia nada nervoso nisso desta vez. Outro jorro de quente umidade percorreu seu queixo e ele lambeu seu próprio lábio. Saboreou o sangue que ela tirou, seu sangue. E havia muito mais que a última vez, até mais do que ele pensava. Negou com a cabeça. Felizmente se afastou ou quem sabe o que ela poderia fazer...

Nem sequer valia a pena pensar. Não tinha obtido o suficiente para um dano permanente. Uma vez que retornasse a sua casa, estaria bem. Em umas poucas semanas voltaria para a normalidade, dormindo de noite e comendo comidas normais e não tratando de esgotar seu sangue.

Por isso esperava.

Capítulo 11

Aquilo era uma merda.

Fazia dois dias que Marco a tinha levado de volta para a sua casa na cidade, e não se incomodou sequer de telefonar para ela. Nenhuma só vez. Tinha lhe prometido que estariam em contato, mas era mentira. Tinha conseguido tudo o que quis dela e agora saía de sua vida.

Como podia ser tão previsível? Todos os homens faziam o mesmo quando conseguiam o que queriam, tomavam e tomavam e depois caíam fora. Ela não precisava dele. Não precisava de nenhum homem para ter uma vida completa.

Não importava o fato de que ele teve que arrastá-la para a sua casa enquanto dava chutes e gritava. Seus vizinhos provavelmente pensariam que estava louca. Primeiro tinha saído por uns dias e quando voltou tinha agido como uma completa louca.

O pensamento de estar separada dele a tinha assustado até a morte. Era uma estranha reação considerando como se conheceram, entretanto, algo no fundo de seu coração tinha protestado quando ele tentou desfazer-se dela. Ele não quis pensar que poderia ter sido completamente feliz pelo resto de sua vida com ele, tinha assumido que uma vez que estivesse separada dele teria voltado ao normal.

Equivocou-se.

Não podia deixar de pensar nele, enquanto tentava entender como tinha podido causar tal estrago em seus sentimentos em somente umas semanas. Não voltaria a ser a mesma e estar sem ele a deixava doente.

Alguém, provavelmente a mulher que trouxe sua roupa quando estava com Marco, tinha abastecido sua geladeira e limpadado sua casa. Seu automóvel estava onde tinha deixado. Seu correio amontoado na caixa. Era como se nada tivesse mudado, como se não tivesse ido absolutamente.

Ou teria sido assim, se sua secretária eletrônica não lhe atirasse o lixo das chamadas de Robby que tentava renegociar seu contrato.

Ah! Como se isso pudesse acontecer. Mas isso não significava que não pudesse divertir-se um pouco com ele. Tinha alcançado uma relação importante quando tinha estado com Marco. Não precisava de um trabalho, não precisava de Robby, ou de Derek ou do Midnight. Tinha sido ela mesma e já não poderia ser ameaçada nem impelida e já era hora de que Robby entendesse isso.

Saiu para caminhar e a luminosa luz da tarde a deslumbrou. Ao que parecia, todos esses dias e noites nos bosques ainda estava afetando-a. Maldição. O sol nunca a tinha incomodado antes. Tirou os óculos de sua bolsa e os colocou. Muito melhor. Agora poderia caminhar pela calçada sem ao menos cair de braços.

Quando chegou ao restaurante onde teria que se encontrar com Robby, ele já estava esperando-a em uma das mesas ao ar livre. Ele ficou de pé quando ela se aproximou, tomou sua mão e a beijou. Ela pestanejou. Que diabos era isso?

Seu sorriso era dolorosamente doce quando lhe perguntou.

— Ei, querida. Como está?

Havia um nervosismo nele que nunca tinha notado antes. Isto a fez sorrir. Pensar que fazia uns meses, tinha considerado ficar de joelhos e pedir a este homem um trabalho. Realmente nunca o tinha visto assim tão desesperado para salvar o seu emprego.

— Bem, Robby, como está você?

Ele a olhou fixamente durante uns segundos, franzindo a sobrancelha.

— Parece um pouco magra e muito pálida, também. O que te aconteceu?

Ela encolheu os ombros e se sentou.

— Não muito. Só tirei umas férias necessárias.

— Geralmente me retorna as ligações em seguida. Estive te ligando quase toda a semana. Não é normal de você, menina.

Não tinha feito nada normal desde que tinha retornado. Não tinha tido tempo. Tinha passado a maior parte de seus dias dormindo, embora estivesse tentando desfazer esse hábito. Suas noites estavam divididas entre os filmes noturnos e pensamentos sobre Marco e por que diabos não tinha ligado ainda. Tinham passado dois dias e ele tinha prometido que estaria em contato...

Robby seguia falando sobre algo, mas ela não podia focar a conversa. O menor ruído a incomodava, muitas pessoas, o ruidoso automóvel, muitas buzinas soando. Não podia resistir. Como tinha vivido alguma vez nesta cidade, agora era um mistério a ela.

— Então, o que pensa?

— O que?

Ela examinou o pequeno Robby, seu gordurento cabelo, e desejou estar em qualquer outra lugar. Preferentemente em um lugar onde pudesse estar com seu escuro e sexy vampiro. Nu.

— Estava te contando que...

Ela se esqueceu de Robby de novo, concentrando-se na palpitação que começava atrás de sua cabeça. Precisava de uma xícara de café urgentemente, antes que aquilo se convertesse em uma dor de cabeça verdadeira.

O bate-papo do Robby não ajudava. Ele continuou, mas ela não prestou atenção a suas palavras. Concentrou-se na palpitação em sua cabeça. De repente teve a sensação de ouvir o batimento do coração no pescoço de Robby, que golpeava ao mesmo ritmo que a palpitação em sua cabeça. Ela piscou e tragou. Sua garganta se secou e sua respiração se fez desigual.

O que estava fazendo de errado? Era Robby!

— Amara, está bem?

Ela assentiu e lambeu seus lábios, mas era mentira. Não estava bem absolutamente. Sentia como se fosse desmaiar.

— Chamo um médico?

— Não — precisava daquele pulso...

— Está tomando alguma droga?

— O que? — ela tinha que se esforçar para entender o que ele dizia — Não, nenhuma droga.

Deus, o que daria para saber que sabor tinha aquela veia...

Pare! Certo, tinha estado muito tempo vivendo com um vampiro. Agitou sua cabeça duramente e fez gestos a uma garçonete. Precisava uma xícara de café. Ou possivelmente precisava de uma vodca.

Ela precisava de algo, e certo como o inferno que não era o sangue do Robby. Definitivamente, tinha ficado muito tempo com Marco. Agora estava se enganando.

Robby se mexeu em sua cadeira enquanto falava.

— Hum, os produtores estão desejosos de continuar o filme com fundo suave.

Ela riu.

— Não vai acontecer, Robby. Não preciso deste trabalho, e não preciso de você.

Bebeu em goles o café que a garçonete pôs diante dela, mas lhe pareceu amargo e adicionou metade da xícara com leite, a qual ajudou um pouco. Embora estivesse frio, poderia pelo menos engolir.

Afastando a xícara longe, optou pela água que a garçonete trouxe com o café. Pelo menos, aquele não tinha sabor, para começar.

Robby olhou o menu.

— Quer algo para comer, doçura? Parece precisar.

Ela agitou sua cabeça e ondeou sua mão no ar.

— Não tenho fome. E simplesmente para que conste em ata, meu nome é Amara. Se voltar a me chamar de doçura, querida, ou alguma estupidez de novo, vou te rasgar da garganta até o traseiro. Certo?

Os olhos do Robby se alargaram e se moveu perceptivelmente em sua cadeira. Quando falou, sua voz saiu como um grasnido, meneando sua cabeça vigorosamente.

— Sim. Certo. Sinto muito. Entretanto, deve comer algo. Está pior.

Ela suspirou.

— Sabe? Realmente não preciso que administre minha vida. Esta reunião foi um equívoco. Vou antes que faça algo ridículo como se colocar de joelhos para me suplicar que volte.

— É isso o que quer? Quer que suplique?

Tinha que admitir que a ideia lhe pareceu atrativa.

— A que se deve esta repentina mudança?

Robby olhou ao chão.

— Derek não fará o filme a menos que você o faça.

Aquilo era jogar sujo.

— Derek pode ir-se a merda, já terminei com ele.

— Vamos, Amara, tem que me ajudar nisto.

— Por que tudo gira ao redor de Derek? Está dormindo com ele também? — ela golpeou o punho sobre a mesa, fazendo que Robby se sobressaltasse.

Ele não respondeu e manteve o olhar sobre a mesa.

— Não posso acreditar, por que tomou tanto tempo vendo o Derek sendo o bastardo que é? Steve foi ruim o bastante, mas você? O que pensa sua mulher disto?

Ele conteve a respiração.

— Não pode dizer nada a Carol. Não se atreva.

— Por favor, não merece que perca meu tempo, se precisar de algo mais, chame meu agente. — empurrou sua cadeira e se levantou.

— Pensando melhor, não se incomode, está acabado. Adeus, Robby.

Ela o deixou na mesa, enquanto abria e fechava a boca, soltando saliva ao falar. Por que tinha demorado tanto tempo em dar-se conta de quão estúpido era? Quase riu ao pensar nisso. Ao que parecia, Derek, o homem que lhe havia dito que a amaria até a morte, fodia com qualquer coisa que respirasse em dezesseis quilômetros ao redor. Os problemas com as drogas deveriam ter sido um sinal de quão ruim estava. Se não as drogas, sua predileção por brinquedos sexuais depois de terem feito amor, deveriam tê-la advertido.

Permitiu ser usada, permitiu a todo mundo usá-la, principalmente porque estava acostumada a fazê-lo. Sua mãe o tinha feito com sua série de noivos e maridos e quando ela tinha escolhido seu próprio caminho, tinha seguido seu exemplo.

Seu agente sempre a tinha dominado e ela tinha permitido sem pensá-lo duas vezes. Os diretores com que tinham trabalhado tinham feito o mesmo. Era o momento de parar. Agora ia decidir o que faria com o resto de sua vida.

Afastou a gola da camiseta e secou o suor da testa. Possivelmente estava adoecendo. Não estava fazendo calor, mas sentia como se seu sangue estivesse fervendo.

Robby tinha razão em uma coisa, precisava comer... A comida faria que se sentisse melhor. Uma vez que começasse a comer como estava acostumada, olhasse seu peso e comprimisse seu corpo em um vestido para uma garota de doze anos, se sentiria melhor.

* * * * *

Não teve oportunidade de comer. Uns minutos depois de ter chegado em casa, alguém bateu na porta. Um pouco acautelada, pois da última vez um visitante a tinha sequestrado, abriu a porta com um rangido.

Não era um sangrento chupador. Era uma mulher.

— O que posso fazer por você?

— Amara? Podemos falar um momento? Sou uma amiga de Marco.

A mulher sorriu.

— Meu nome é Ellie.

Suspirando, Amara abriu a porta e a deixou entrar. Pareceu-lhe difícil acreditar que só fosse amiga de Marco. Era uns cinco centímetros mais alta que Amara, seu corpo era magro e perfeito. Sua pele era tão fina que parecia quase translúcida e seu cabelo brilhante e negro chegava além de sua cintura. Seus olhos eram uma sombra deslumbrante de azul luminoso que destacava contra sua pele pálida. A mulher poderia fazer uma fortuna em Hollywood, tinha o tipo do momento.

Um pensamento a golpeou. Embora Marco dissesse que ela não era, Ellie parecia um vampiro.

Ellie franziu a sobancelha.

— Tem alguma coisa errada?

— É um vampiro?

— Não, não sou — Ellie riu. — Acho que sou geneticamente amaldiçoada.

Amara suspirou. Abençoada seria mais correto.

— Então, sobre o que quer falar?

A expressão do Ellie se tornou séria.

— Marco.

— Deixe-me adivinhar. Quer que eu me afaste dele. Estou me metendo em seu território e quer que eu caia fora.

Os olhos do Ellie se alargaram antes de cair em gargalhadas.

— Confie em mim. Não é absolutamente assim. Marco é mais um irmão para mim que outra coisa.

O alívio tomou conta de Amara.

— É bom saber.

— Podemos tomar uma xícara de chá?

— Claro, farei um bule e poderemos nos sentar e conversar.

Uns minutos mais tarde, Amara girava a colher em sua xícara de chá, sabendo que não seria capaz de bebê-lo, o mero aroma a estava matando.

Ellie sorriu simpaticamente.

— São momentos difícil para você, certo?

— Quer dizer, o canalha de seu amigo me deixou sem dizer adeus e sem incomodar-se em despedir-se?

— Realmente, quis dizer... — ela fez uma pausa, sua frente sulcou. — Sabe que... não... não importa. Não importa. Como se sente ao voltar para casa?

Acaso era uma qualidade que os amigos de Marco fossem tão discretos todo o tempo?

— Ok, eu acho ... Gostaria apenas que tivesse me ligado.

Ellie tomou um gole de seu chá.

— Se sentiria melhor se dissesse que ele quer te ligar?

— Não, não me faria sentir melhor neste momento — disse tocando a cabeça. — O desejo e o amor são duas coisas muito diferentes.

— Se preocupa com você.

Amara negou com a cabeça.

— Ele se preocupou de conseguir o que queria. Conseguiu-o, e partiu.

— Isso não é verdade. Ele se preocupa mais do que está disposto a admitir — Ellie suspirou ruidosamente. — É um homem muito teimoso, e às vezes pode ser um verdadeiro imbecil.

Amara pestanejou pela forma fácil que essas palavras saíram de sua boca. Ela parecia tão culta, tão refinada. Os insultos não encaixavam nela.

Ellie sorriu e Amara não pôde evitar fazê-lo.

— Sim, estou de acordo contigo nisso.

Ellie ficou calada durante um momento. Acabou seu chá, baixou a xícara, enquanto apoiava seus cotovelos na mesa.

— Você se importa, certo?

Amara nem sequer duvidou.

— Claro que me importo. Provavelmente muito mais do que deveria.

— Ele precisa de alguém como você em sua vida, acredite ou não. Cometeu alguns enganões, e foi ferido antes, mas acredito que é boa para ele. De algum modo não te vejo aguentando nenhum de seus ímpetos — ela deu uns pequenos golpes na mão de Amara. — Não se preocupe. Ele voltará.

Ela encolheu os ombros.

— Veremos. A propósito, como se conheceram?

— Foi há muito tempo. É como se o tivesse conhecido sempre. Eu tinha...

Ah... Alguns problemas com uns vizinhos e ele interveio.

— Não precisa me dizer — ela não quis ouvir os detalhes sangrentos. — Quer outra xícara de chá?

Ellie agitou sua cabeça.

— Não, obrigado. Tenho que ir agora, mas deixarei meu número se por acaso queira conversar de novo. — deu-lhe um pedaço de papel.

— Sinta-se á vontade para me ligar quando quiser e se precisar de alguma coisa, ok?

— Ok, obrigada.

Ela olhou o papel depois de que Ellie se foi, surpreendida que o número de Marco também estivesse ali.

Capítulo 12

— Não vou ligar.

Amara olhou o papel que Ellie tinha deixado e que estava preso com tachinhas na tabela de anúncios ao lado da geladeira.

— Não deveria ter se incomodado em deixar o número, porque não há nada neste mundo que me faça agarrar esse telefone.

Enquanto removia a massa na cozinha, não deixava de olhar o telefone. Não. Nem sequer ia pensar em agarrá-lo. Se queria vê-la, ele ia ter que fazer o primeiro movimento.

Tirando a panela do fogo, escorreu seu jantar no coador em cima da pia.

O telefone tocou e deixou cair a panela vazia na pilha e correu para ele, pegando-o ao segundo toque.

— Marco?

— Boa tarde, senhora, sou Jeff, ligando do...

Desligou bruscamente o telefone. Era o que lhe faltava, ser aporrinhada essa noite por vendedores. Resmungando, voltou sua atenção a sua comida.

— Tolo. Realmente é tão difícil pegar o condenado telefone e me ligar?

Descarregou suas frustrações enquanto triturava o alho e o manjericão. Quando acabou, tinha-o convertido em mingau.

Amaldiçoando, adicionou-os ao refogado na panela onde tinha esquentado o azeite. No momento em que o alho entrou em contato com o azeite de oliva, ficou com náuseas tão fortes que teve que apoiar-se no fogão. O que lhe acontecia? O cheiro da comida nunca a tinha incomodado antes. Estaria grávida?

Não. Isso não era possível. Seus ciclos eram muito confiáveis, e nunca tinha atrasos. Tinha que ser algo mais. Mas o que era, e como podia reparar para poder desfrutar de uma comida decente?

Depois que o molho ficou pronto, misturou com a massa e pôs um prato cheio na mesa. Ia comer a maldita comida mesmo se morresse no intento. Tinha estado um pouco atordoada ultimamente, e provavelmente era por não estar comendo bem. Uma vez que comesse um par de refeições, ficaria bem.

Dez minutos depois só tinha podido forçar um bocado, e isso tinha sido mais que suficiente. Esta era sua receita favorita. Agora não podia suportar o picante sabor. O cheiro simplesmente a fazia sentir mal. Como poderia comer todo o prato sem vomitar?

— Me alegre em te ver comendo.

A voz de Marco se ouviu de repente. Não tinha estado ali um momento antes.

Ela gritou e deixou cair seu garfo, o molho salpicou pela mesa e sua roupa. Seus olhos se fecharam quando compreendeu quem tinha falado. Saltando e

voltando-se para enfrentá-lo, pôs as mãos em seus quadris.

— Como se atreve a entrar furtivamente aqui como se tudo estivesse bem? Não te vi em dias. O que te dá direito para simplesmente se apresentar sem ligar ou algo? Não sabe o que é educação? A maneira educada de visitar alguém não é aparecer furtivamente enquanto está comendo sem se incomodar em ligar primeiro!

Ele não respondeu. Estava de pé na porta da cozinha, seu grande ombro apoiado contra o batente. Sua expressão era séria. Um pouco muito séria. Deixou-a nervosa. Mordeu o lábio inferior e esperou.

— Não podia ficar longe de você. — sua confissão a deixou gelada. — Tentei, Amara, por Deus que o fiz. Mas não podia parar de pensar em você.

— Poderia ter ligado.

Estava começando a parecer um disco furado. Um véu de lágrimas apareceu em seus olhos e os enxugou. Não estava disposta a admitir que um homem pudesse afetar tão facilmente à nova e melhorada Amara Daniels.

— Já tenho feito bastante mal. Não quis te machucar mais.

— Feriu-me se afastando de mim.

— Acredita que não sei?

Um olhar de genuína dor cruzou seu rosto.

— Virtualmente morri ao me afastar, mas não havia nada que pudesse fazer.

Ela sorriu fracamente.

— Quer jantar?

Ele agitou sua cabeça.

— Não come, né?

— Não é isso. Minhas necessidades são diferentes.

Não sabia.

— Sim, estou começando a pensar o mesmo.

— Não está comendo bem?

Ela balançou sua cabeça.

— Não. Não tive fome. Provavelmente é toda a tensão.

O silêncio que se fez entre eles foi mais incômodo, mas ela não sabia o que lhe dizer. Marco finalmente o rompeu.

— Acredito que te submeti a muita tensão desnecessária.

Ela encolheu os ombros.

— Não é nada. Sobreviverei.

Tentou sorrir para lhe mostrar que estava bem, mas era mais duro e mais

difícil por momentos. A este passo, estaria gritando a seus pés em seguida.

Ele agitou sua cabeça.

— Eu quase não o fiz.

Já não pôde deter as lágrimas. Caíam por seu rosto levando a maior parte de seu rímel com elas. Se não resolvesse rapidamente, ia terminar parecendo-se com um guaxinim.

Ele não se moveu, mas ela poderia jurar que o sentia mais perto. O calor de seu corpo se moveu por cima do dela, envolvendo-a como se estivesse só a uns centímetros. Fechou seus olhos e absorveu com mesquinhez seu calor. Tinha estado privada dele tanto tempo que doía.

Espera um segundo, só tinham sido um par de dias?

Sentia como se fosse uma eternidade. Não lhe importava mais que deveria odiá-lo por não ligar, por não mencionar assustá-la com sua súbita aparição. Poderia torturá-lo depois. Agora só queria se apoiar.

— O que estava fazendo aqui, afinal?

Ele dispensou sua pergunta com um movimento de sua cabeça.

— Não quis te ferir, Amara. Juro-o, nunca quis fazê-lo.

— A única coisa que me feriu foi quando me abandonou.

Ele cruzou a cozinha em três passos e ela estava em seus braços. Desta forma ela se fundiu nele. Beijou-a, profunda e desesperadamente, e soube que não era a única tinha estado sozinha. Gemeu em sua boca e se agarrou a ele, tinha medo que voltasse a ir embora. O homem era um vício, uma que ela nunca conseguiria romper. Só quando estava com ele se sentia inteira.

Quando se tinha convertido em alguém tão dependente?

Ele rompeu o beijo, mas não lhe permitiu afastar-se. Seus braços se fecharam tão hermeticamente a seu redor que lhe produziram problemas para respirar.

— Ei, poderia afrouxar um pouco antes de eu desmaie?

Ele riu uma vez e soltou um pouco seu abraço.

— Que tal assim?

— Melhor. Senti tanta saudade.

— Só foram uns dias.

Uns dias nos que tinha vivido seu próprio inferno pessoal, sem estar certa de onde pertencia.

— Me diga que sentiu o mesmo.

— Isto é muito forte. Não posso controlar.

Fechou seus olhos brevemente. Quando os reabriu, ela viu preocupação e o cru desejo em seu olhar.

— Deus, Amara. Tentei. Tentei me afastar de você, mas não consigo.

Ela passou suas unhas ao longo da linha de sua mandíbula, lhe produzindo um calafrio.

— Por que se incomoda tentando?

Capítulo 13

— Sei que há uma razão pela qual devo me afastar, mas não posso lembrar qual é.

Ele subiu sua camiseta e passou suas mãos por sua cintura nua antes de tirar a camiseta por sua cabeça e jogá-la a um lado.

— Você precisa refrescar minha memória.

E lhe dar uma razão para sair novamente de sua vida? Tinha que estar brincando.

— Em lugar de se concentrar nas razões pelas que deve partir, por que não nos concentramos nas razões pelas quais deve ficar?

Ele afagou seus seios com suas palmas e se inclinou para chupar seus mamilos através de seu sutiã. A combinação de sua boca quente e o tecido fez que seus joelhos tremessem. Sua língua se moveu sobre seus enrugados mamilos, empapando a malha.

— E quais seriam essas razões?

Pensar em algo se fazia todo um desafio.

— Essa é uma boa ideia, e seria insensato não aproveitá-la só porque não encontramos uma maneira mais ortodoxa de fazê-lo?

Ele levantou o olhar para ela e balançou sua cabeça.

— Suponho que tive sorte. Qualquer outra mulher teria corrido, enquanto gritava por um policial um segundo depois que te deixei livre. Por que não o fez?

— Porque sabia que não me faria mal, ao menos não depois do primeiro dia. E acredito que teria me deixado ir se tivesse protestado o bastante.

Ele suspirou.

— Tem razão. Embora eu tenha tentado me convencer do contrário, nunca pensei em te ferir.

— Isso significa que se preocupa comigo?

— Não insista, Amara;

Ele balançou sua cabeça, mas seus olhos lhe disseram tudo o que ela precisava saber.

Seus dedos subiram por suas costas, desabotoando seu sutiã e tirando-o fora de seus ombros. Ela estremeceu quando sua boca encontrou seus seios nus. Ele deu um golpe com sua língua na carne sensibilizada, enquanto usava seus lábios para chupar e chupar até que suas calcinhas ficaram molhadas.

Ela levantou suas mãos para seu cabelo e o agarrou apertadamente enquanto ele se amamentava primeiro em um mamilo, e logo no outro. Ela gritou quando suas presas roçaram seus seios brandamente.

— Não acredito que possa ficar de pé muito mais tempo.

Ele não respondeu. Deu uma cotovelada em suas pernas para que as abrisse e colocou seu joelho entre elas, sua coxa roçando contra seu dolorido clitóris. De repente ela se tornou muito consciente de que estavam muitos vestidos para a ocasião. Tirou sua camisa, mas não podia conseguir que seus dedos deixassem de tremer.

— Sairá desta roupa?

— Logo. — ele passou sua língua ao longo de seu pescoço enquanto desabotoava sua calça jeans. — Muito em breve.

Ele empurrou suas calças jeans por seus quadris e ela saiu deles. Então sua perna retornou entre as suas, sua coxa seguia esfregando de um lado para o outro seu clitóris, só separado pelo fino tecido de suas calcinhas. Ela se balançou descaradamente contra ele, precisando do alívio.

Não lhe permitiu o ter. Simplesmente quando ela pensava que em um segundo mais explodiria em um clímax, ele moveu sua perna e se separou dela. Suas pernas estavam tão débeis e cambaleantes que quase caiu. Ele levou suas mãos a seus quadris e a sustentou enquanto se ajoelhava diante dela.

— O que está fazendo?

Se ele tinha em mente o que ela pensava que lhe faria, não haveria maneira alguma em que suas pernas a sustentariam..

— Confia em mim.

— Confio em ti. É por mim por quem estou preocupada. Eu mal posso ficar de pé...

Ele tocou com seu nariz seu sexo através de suas calcinhas. Quando encontrou seus lábios vaginais e passou sobre eles a ponta de sua língua, ela quase morreu. Ele escorregou um dedo no elástico da perna e seguiu o mesmo caminho que sua língua tinha percorrido antes de rasgar as calcinhas de seu corpo.

Ela ofegou quando um pouco de ar fresco golpeou sua pele. Ficou arrepiada, mas não por muito tempo. Ele estendeu seus lábios com seus dedos e acariciou seu clitóris com a parte suave de sua língua. Ela se esqueceu do frio. Estava queimando.

Ela se arqueou para trás e se apoiou no balcão detrás dela. Ele aprofundou a língua em seu sexo, empurrando dentro e fora antes de retornar sua atenção a seu clitóris. Tomou o pequeno vulto de nervos em sua boca e o chupou com força. Isso foi tudo o que ela precisava para gozar, enquanto gritava apertando-se contra ele. Cada músculo de seu corpo estava tenso e ela não podia aguentar mais.

Entretanto, ele não se deteve. Continuou chupando e lambendo-a, enquanto acariciava com sua língua dentro dela até que teve dois orgasmos mais. Logo ficou de pé e a tomou em seus braços. Ela não poderia ficar de pé ainda tivesse querido.

Incrivelmente, sentiu o pênis de Marco, duro como a pedra, apertando-se

contra ela dentro de suas calças jeans, e isto a acendeu em outra onda de quente desejo. Gesticulou para abrir o zíper de suas calças, precisando-o dentro dela.

Trabalhosamente liberou seu pênis e envolveu sua mão ao redor de seu comprimento. Acariciou-lhe umas vezes antes de passar seus dedos por sobre sua cabeça. Marco gemeu, longo e baixo, e empurrou contra sua mão.

— Isso é tão bom.

— Esse é o propósito.

— Você tem que parar.

Ela acalmou sua mão.

— Por que parar quando se sente tão bem?

— Onde é o seu quarto?

— Vamos, primeira porta à direita.

Ela sorriu internamente quando Marco a levantou e se dirigiu para lá. Nenhum homem se incomodou jamais em fazer algo assim com ela. O fato de que ela não era realmente muito leve parecia ainda mais romântico.

Ele a estendeu na cama e tirou toda sua roupa antes de unir-se a ela. Tentou voltá-la de costas, mas ela não ia permitir lhe simplesmente tomá-la ainda. Ela sorriu, enquanto pensava que até uns dias atrás ele não se incomodou em reconhecer o fato de que ela estava viva.

Ela pôs sua mão em seu peito.

— Espere.

— Não é momento para jogos. Não acredito que possa esperar mais tempo.

— OH, acredito que vai se surpreender.

Ela lhe empurrou seus ombros.

— Espere.

Ele começou a protestar, mas então mudou de ideia e se reclinou no colchão. Seu olhar era cauteloso, e ela pensou em mudar aquilo. Ele não estava acostumado a mulheres que comandavam, pelo menos não no quarto. Ela ia mudar isso também. Estava divertindo-se muito para parar.

Além disso, ela queria que ele se acostumasse a lhe permitir seu momento. Poderia ser submissa, mas somente se fosse recíproco, em partes iguais. Marco já tinha tido sua vez de estar no comando, e agora ia ser ela quem saborearia cada segundo de tempo.

Ela estirou seus braços sobre sua cabeça e apertou seus pulsos sobre os travesseiros.

— Deixe-os aqui.

Ele balançou sua cabeça.

— De maneira nenhuma. Quero te tocar.

— Nada de tocar. Não ainda.

— Isso não é justo. — ele começou a subir seus braços.

Ela levantou uma sobrancelha.

— OH, e sequestrar foi justo?

Ele permitiu que seus braços caíssem para trás sobre os travesseiros com um suspiro dramático.

— Aí tem razão. Simplesmente seja boa.

Boa? Ela não tinha nenhuma intenção de ser, absolutamente.

Passou suas mãos por seu dorso, enquanto raspava suas unhas ao longo de sua pele com bastante pressão para deixar uma marca vermelha. Ele vaiou em uma respiração entrecortada e permitiu que sua cabeça caísse para trás contra o travesseiro. Ela viu sua beligerância quando encontrou seus olhos, lutava contra ela. Estava matando-o, mas pelo menos ele estava tentando lhe obedecer. Ela não sabia quanto tempo mais passaria antes que ele decidisse tomar o comando.

Apoiou-se nele e arrastou uma linha de beijos por seu peito. Lambeu seus mamilos e mergulhou sua língua em seu umbigo, querendo degustar cada polegada de sua exposta carne.

Sobretudo seu enorme pênis erguido.

Ela não tinha muita experiência em sexo oral e em como agradar a um homem. Não era algo que antes lhe tivesse interessado, por isso o tinha evitado na maioria das ocasiões. Mas por ele faria mais de uma exceção. Queria prová-lo. E só de pensar em sustentar seu palpitante membro entre seus lábios a fazia ter água na boca e pulsar seu sexo.

Ela lançou sua língua para molhar seus lábios repentinamente secos e Marco gemeu. Seus olhos se abriram quando ela viu a mescla de dor e calor em seus olhos.

— Me chupe, Amara. Preciso sentir sua boca em meu pênis.

Ela passou sua língua experimentalmente por seu comprimento. Ele era tão suave..., e ao mesmo tempo puro aço. Formou redemoinhos com sua língua sobre sua avermelhada cabeça e ele empurrou seus quadris para ela. A confiança a reforçou e lambeu a gota de pré-ejaculação que surgiu de sua diminuta abertura. Fechou seus olhos e suspirou suavemente.

— Tem um sabor incrível.

O gemido resultante de Marco foi áspero. Ela abaixou sua cabeça para esconder a risada que borbulhava dentro dela.

Tomando suas bolas em uma mão, ela acariciou sua pele da uma à outra. Ele deu um coice e começou a elevar seus braços de novo, mas ela agitou sua cabeça.

— Fique onde está ou me verei obrigada a te machucar.

— Deus, Amara. Simplesmente faça. Não posso suportar mais.

Ela o tomou dentro de sua boca, acariciando-o de acima abaixo. Ela

simplesmente estava conseguindo um bom ritmo quando ele a afastou.

Ela balbuciou um protesto.

— Ei, disse que não se movesse.

— Não tinha opção. Ia me fazer gozar.

Não lhe teria importado, mas ao que parece, ele tinha outras coisas na mente. Ficou detrás dela e empurrou sua barriga para o colchão, enquanto a cobria com seu corpo. Beijou-lhe o pescoço antes de mordê-la. Suas presas se afundaram no mais profundo de sua carne.

Ela gritou, quase preparada para gozar da dor e do prazer que lhe produzia. Parecia que cada vez que ele o fazia seu prazer era mais intenso. Não pôde pensar muito nisso porque uns segundos depois ele a atirou para trás. Estava a ponto de protestar quando ele elevou seus quadris no ar, deixando seu torso na cama. Ela se sentiu mais aberta, mais exposta do que jamais se havia sentido alguma vez em sua vida, mas não se sentiu vulnerável. Sentia-se segura com ele, não importasse o que lhe fizesse. Ele mergulhou seus dedos nela, empapou-os em seu sexo e os passou ao longo de seus lábios vaginais, enquanto estendia a umidade nela. Apertou a ponta de seu pênis contra ela, esfregando-o por seu clitóris. Cada nervo de seu corpo se sobressaltou.

— Deixou-me louco. — seu tom era acusatório, mas não ameaçador.

— Sei.

Ela gemeu brandamente enquanto ele continuava esfregando seu pênis ao longo de suas dobras.

— Penso que desfrutou da cada segundo.

Ele riu.

— Sim, provavelmente demais. Uma outra carícia dessa sua maravilhosa língua e eu teria gozado em seu rosto.

Esse pensamento enviou uma corrente de prazer através de seu corpo.

— Da próxima vez, faça.

Ele empurrou seu pênis em sua vagina, enchendo-a completamente em um golpe. Nem sequer fez uma pausa. Seus golpes eram duros e irregulares, suas bolas se chocavam contra sua carne. Ela agarrou os lençóis em suas mãos e as apertou esperando a borda de outro orgasmo incrível.

Algo dentro dela estava diferente esta vez. Sentiu como se não tivesse passado tempo da última vez que estiveram juntos, quando ela tinha sido tão frenética e selvagem. Sentia no mais profundo como se algo a estivesse tomando, uma parte dela sobre a que não tinha nenhum controle. Seu corpo inteiro se estremecia sentindo-o despertar das pontas dos dedos dos pés.

Ela estava tendo problemas para respirar. Ela necessitava... algo, não sabia o que, mas algo. Estava queimando e não sabia que é o que desatava esse fogo. Os dedos de Marco que tomaram seu clitóris foram tudo o que precisou para levá-la ao limite. Veio com um gemido, apertando hermeticamente com seus músculos internos seu pênis.

Sua errática respiração se converteu em um gemido quando ele parou e veio, esvaziando-se dentro dela. Quando ele saiu dela, derrubou-se na cama, saciada e débil para mover-se. Ele se reclinou ao seu lado, desenhando círculos pequenos em seu traseiro com as pontas de seus dedos.

Passou muito tempo antes que ela pudesse formar um pensamento completo, nem pensar em conversar. Quando finalmente pôde emitir uma palavra, só pôde dizer.

— Então, isso foi....

— Sim. Sei o que quer dizer.

— Você está bem?

Ela levantou um pouco sua cabeça para olhá-lo, mas achou muito esforço. Tombou para trás contra o suave sustento do travesseiro e suspirou.

Ele riu.

— Não sei. E você?

— Sim.

Ela estava bem, mas aquela sensação incrível ainda não se afastava. Tinha diminuído com o orgasmo, mas não partiu. Era um batimento de coração embotado sob seu ventre, um pouco como o desejo, mas não realmente. Ela diria que era similar ao que havia sentido aquela tarde quando tinha pensado no sangue de Robby, mas era muito horripilante para unir o que ela tinha com Marco a algo sobre o Robby.

Ainda, o sentimento estava ali e não partia.

— Amara?

— Mmm. — falar ainda era um esforço.

— Precisamos conversar.

Sua frase penetrou por sua névoa sensual.

— Qual é o assunto?

— Há algo que preciso te dizer. Não são precisamente boas notícias.

Capítulo 14

Ela se ergueu à cama, pronta para estrangulá-lo.

— Você não é gay, certo?

Ele riu, mas em sua expressão se mesclavam a incredulidade com o horror.

— Está louca? Depois do que acaba de acontecer, como pode ter alguma dúvida?

— Ok, sinto muito. É só que ultimamente parece que tenho algum problema com isso.

Ele suspirou.

— Não sou como seu ex.

Não, certamente não o era.

— Do que quer falar? — Se não era gay, o que era uma boa coisa, qual poderia ser o problema? — Vai me deixar, certo?

— Não. — ele parecia mais que irritado — Quer me escutar durante um minuto?

Ela assentiu.

Ele respirou profundamente antes de continuar.

— Não está sentindo melhor, certo?

Queria negar, lhe dizer que se sentia como antes, mas não era certo. Não podia lhe mentir quando a estava olhando com uma expressão tão preocupada.

— Sinto-me... de fato, sinto-me pior.

— Isto não deveria estar acontecendo. Droga. Por que deixei que isso acontecesse?

— Parece Royce. Vai me explicar qual é o problema?

Ele se sentou na cama, apoiando-se contra o cabeceira.

— É uma explicação muito longa e complexa.

Ela pestanejou.

— Deve-me uma explicação, complexa ou não.

— Ok, tentarei fazer o melhor possível. O que te disse antes sobre o compartilhamento de sangue não era completamente certo. Um vampiro é alguém com uma mutação genética em seu sangue. Não é compartilhar o sangue que o transforma. Não é exatamente uma enfermidade, mas eu diria que quase.

— Que diabos está tentando dizer? Cada vez está me confundindo mais.

Ele meneou sua cabeça.

— Só me escute. Estou tentando te dizer. Não precisa a troca de sangue. É o que acontece muito frequentemente, mas não é necessário. Se o sangue de um humano se infecta com sangue que contém o gene mudado, converte-se em vampiro.

— É uma infecção?

— Suponho que poderia ver dessa forma. Mas não uma que se possa curar.

— E por que está me dizendo isto?

— Me pediu uma explicação.

Tinha feito. Mas agora não estava certa de que queria saber.

— Deixe-me ver se entendi. Um humano pode se converter em vampiro se seu sangue for exposto ao sangue de um vampiro. Assim é como um agente patogênico que se encontra no sangue?

Ele assentiu.

— Exatamente.

Seu sangue gelou quando descobriu aonde ele queria chegar. Depois de tudo não era uma explicação inocente. Ela mordeu os lábios.

— É fácil que o sangue de alguém se infecte?

Ele falou com muito cuidado, muito devagar.

— Depende da quantidade de sangue e do sistema imunológico do humano. Com uma gota de sangue as probabilidades de que se produza a mutação são muito escassas.

— Mas é possível.

Ele deixou escapar a respiração.

— Sim. É possível.

— Isto está relacionado com minha mordida em seu lábio.

Ele assentiu.

— Você não acredita... que eu...

Ele assentiu de novo, muito lentamente. Estendeu a mão para tocá-la, mas ela se retirou balançando a cabeça.

— Está equivocado. Estou bem. Saberá se meu sangue estivesse mudando, certo?

— Você acredita?

Ela não disse nada. Não sabia o que dizer. O que estava lhe dizendo não era possível. Não podia acontecer com ela. Isto tinha que ser outro sonho ruim. Não, não um sonho ruim. Um pesadelo.

— Deve haver algo que possamos fazer para que eu volte ao normal.

— Não é como se houvesse uma medicação ou algo assim. Uma vez que está

infectado, é para toda a vida.

Ela sacudiu a cabeça, esperando fazer desaparecer de alguma forma o que ele estava dizendo.

— Não. Tem que haver uma forma.

— Há. Aprender a viver com isso.

Olhou para ele, ainda sacudindo sua cabeça como algum estúpido boneco com cabeça pendente.

— Ainda sou humana, não?

— Terá que usar essa descrição em um sentido amplo de agora em diante.

Ok, aquilo era realmente um pesadelo.

— Se me limitar a esperar, desaparecerá?

— Não vai conseguir. Isto não é um vírus, é uma mutação genética.

— Assim agora sou...

— Considerando que mudaste.

— Não. Eu não quero isto. Tudo o que quero é voltar para minha antiga vida. — ou a falta dela, em qualquer caso. Queria voltar a ser uma garota agradável, quase normal e desempregada. Aquilo eram tolices.

— O que posso fazer para mudar?

— Há mais. — ele estendeu a mão para tocá-la, mas ela golpeou com força suas mãos.

— Acaba de me dizer que sou um vampiro, e não vai dar-me mais más notícias esta noite. — ela tampou os ouvidos com as mãos e começou a cantarolar.

— Amara?

— Sinto muito. Não posso te escutar!

Ela afastou suas mãos dos ouvidos e seu cantarolar parou. Ela piscou algumas vezes, e grandes lágrimas caíram de seus olhos pela segunda vez essa noite. Ela não era assim. Nunca chorava.

Bom, não era exatamente todos os dias que seu amante contava que acidentalmente a transformou em vampiro.

— Vai ficar tudo bem.

Suas esperanças cresceram com essa frase. O seguinte a lhe dizer é que tudo isto era uma grande e perversa brincadeira. Ela estava bem, só muito estressada.. Não mais mutação de sangue para esta garota.

—Tem que se alimentar antes que adoeça.

E então suas esperanças se desabaram. Não só desabaram, mas também se fizeram em pedacinhos.

Desabadas e feitas em pedacinhos, levando a cidade inteira de Los Angeles com elas.

— Tenho o que? — sua voz se elevou e quis vomitar ou chorar. Ou golpear verdadeiramente forte algo.

Como a cara de Marco.

— A mutação toma certo tempo. Pode levar dias, ou inclusive semanas, mas uma vez que se completou, pode morrer se não se alimentar.

— Era só uma gota! Não sabia que aconteceria isto.

— Não deveria ter deixado nunca. — soprou ele — Se tivesse sabido o que faria, teria te detido.

Ela não duvidava. Era sua própria estúpida burrice por querer lhe forçar a estar com ela. Ela meneou sua cabeça.

— Não é sua culpa, sabe.

Ele suspirou.

— Bom, sim, sim, é. Se te tivesse deixado sozinha, nada disto teria acontecido.

Ela conteve a respiração.

— Nem sequer sei o que te dizer.

— Está sofrendo uma agonia.

Bom, ela não descreveria exatamente como agonia, mas tampouco era um dia no campo.

— Posso te ajudar com isso.

— Como? — quase dava medo perguntar.

— Te ajudando a se alimentar.

— OH, não. Não vou deixar que traga estranhos à casa para que possa chupar seus pescoços.

Dessa vez ele riu com vontade.

— Não quis dizer que bebesse de algum estranho. Queria dizer que te alimentasse de mim.

— Sério? — ela piscou. — Poderia fazer isso?

Seu sorriso era puramente diabólico.

— Eu adoraria que o fizesse. Desejei durante muito tempo.

Tragou saliva com força.

— Hum, não sei. Ajudará?

— Bom, não pode fazer mal. Além disso, precisa comer. A este ritmo vai se desgastar antes que tenha uma oportunidade de se acostumar.

Ela podia ver pela expressão de seu rosto que ele não queria que isso acontecesse. Maldito seja, nem ela. Independentemente do que lhe tivesse ocorrido, e de como esta merda de ser vampiro e subsistir a base de sangue afetasse a sua vida, não estava preparada para morrer.

Ela não podia esquecer a fascinação que tinha sentido pelo sangue de Marco. Agora entendia por que. Não tinha ficado louca, estava se convertendo em um monstro mutante.

Não importava, não quando quase podia sentir o sangue quente pulsando nas veias dele. Queria esse sangue. Queria prová-lo, deixá-lo fluir em sua boca...

Chupando os lábios, deu-se conta que estava se tornando uma necessidade. Seu pulso se acelerou e ela se surpreendeu de se encontrar excitada sexualmente inclusive, embora se fartou mais vezes que podia contar.

— Me diga algo, Marco. Sua espécie sempre se alimenta um do outro quando fazem o amor?

Ele encolheu os ombros, mas algo faiscou em seus olhos.

— É uma prática comum.

— Como você lida? Senti-me tão enjoada.

— Será diferente. Prometo-lhe isso.

— Não quero te fazer mal.

Ele riu.

— Por favor, me faça mal.

Ela deslizou sua língua sobre seus dentes. Seus agradáveis dentes, normais, humanos.

— Como acha que...?

— Tudo vai correr bem. Confie em mim.

* * * * *

Marco esperou durante uma eternidade, vendo nos olhos de Amara todas suas emoções em luta, do desejo ao medo passando pela negação e a indecisão. Seu pau já estava duro pela antecipação do que ela estava a ponto de fazer.

Ou o que ele esperava que estivesse a ponto de fazer.

Ela tinha medo e ele entendia esse medo. Sua própria conversão tinha sido muito diferente porque ele estava sangrando nesse momento. Como quase não tinha sangue no corpo, a mutação ocorreu quase imediatamente.

E ele quis. Praticamente tinha suplicado por ela. Estava morrendo. Amara era jovem e cheia de vida. Ainda não entendia que esta vida podia ser a mais incrível que lhe aconteceu.

Ele tinha outra razão para querer que ela se alimentasse dele. Isso acrescentaria o vínculo entre eles, que ele sabia que já era mais forte do que devia. Quando tinha lhe deixado, tinha sido uma tortura. Esta era uma forma de atá-los por toda a vida, com o qual ele nunca poderia afastá-la de novo.

Suspirou. Agora não havia nenhuma razão para afastá-la. Não tinha que temer perder o controle e convertê-la sem sua permissão. A ingestão de seu sangue por parte dela tinha sido um terrível acidente, mas algo bom tinha saído daí. Ele teria a sua mulher para toda a vida.

Só esperava que ela seguisse sendo tão compreensiva quando compreendesse a magnitude da situação em que se meteu. Podia aceitar tudo bem nesse momento, mas amanhã ou depois de amanhã, quando finalmente compreendesse o que era agora, provavelmente teria umas quantas coisas que lhe dizer.

Essa era a razão pela qual ele tinha a intenção de aproveitar ao máximo a noite. Se ele pudesse lhe mostrar quão incrível podia ser essa vida, era possível que ela não se afastasse dele quando finalmente entendesse o que lhe tinha feito.

— Veem aqui, Amara.

Ele meio que esperava que o rechaçasse, mas não o fez. Ela cruzou a cama e se sentou escarranchada em seu colo. Isso lhe deixou completamente louco. Lutou contra a urgência de empurrar contra ela, empurrar dentro dela. Tinha que deixar que tomasse por si mesmo o que necessitasse.

— Quero você, Marco. — sua voz era escassamente um sussurro, mas fez que um calafrio percorresse todo seu corpo. Ele tinha esperando uma mulher como ela toda sua vida. E considerando a duração de sua vida, aquilo queria dizer muito.

Decidiu aliviar o momento quando viu o medo em seus olhos.

— Faça comigo o que quiser mulher. — deixou cair sua cabeça para trás, lhe oferecendo seu pescoço em uma simulação de rendição. — Sou seu para que me tome.

Ela riu. Encantava-lhe o som de sua risada.

— Sabe como está bonita esta noite?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você é um pouco parcial.

Era sua vez de rir. Ela não sabia quão certa estava. Inclusive antes que a tivesse levado, tinha visto quão incrivelmente bela ela era. Não que fosse espantoso. Seus traços eram mais interessantes que dotados de beleza clássica. Sua beleza tinha muito que ver com a química entre eles, e também bastante com o fato de que era a primeira mulher em quatrocentos anos que tinha lhe desafiado varias vezes e ainda lhe excitava.

Ele levantou sua cabeça um pouco.

— O que está esperando? Não me deixe aqui pendurado.

Sua risada desta vez foi puro pecado. Rodeou seu pênis com a mão e lhe acariciou.

— Para mim pendura bastante bem.

Se ela não se alimentasse logo, ia lhe derrubar sobre suas costas e ia lhe foder. Então não iria pensar em alimentar-se durante um bom momento e não queria prolongá-lo mais tempo. Queria lhe dar a oportunidade de descobrir o que era alimentar-se rapidamente. Poderia lhe ajudar a aceitá-lo melhor mais tarde. Mas se ela não apressasse e...

Seus pensamentos finalizaram abruptamente quando ela tomou seu pênis em sua boca. Ele gemeu e empurrou dentro de sua boca, tendo ido muito longe para qualquer outra coisa. No último segundo recuperou a prudência. Tinha que pará-la antes que acabasse em sua boca. Essa primeira vez ia ser difícil, mas com sorte ela ia se alimentar regularmente dele em breve. Agarrando-a pelos ombros, levantou-a e a apoiou sobre ele.

Seus úmidos lábios se apertaram firmemente ao redor de seu pênis e seus mamilos duros se levantaram contra seu peito. Ele não ia durar nem um segundo mais.

— Preciso isto de você, Amara. Preciso.

Com uma mão na parte de trás de suas costas, ele a guiou para sua garganta. A princípio ela somente passou sua língua sobre a pele, lhe levando a loucura. Então seus dentes lhe beliscaram. Não foi suficientemente forte para romper a pele, mas seu pênis empurrou contra ela. Ele não pôde evitar. Gemeu, mais pela antecipação que pelas sensações do momento.

Só tinha convertido a um humano uma vez em sua vida, e os desastrosos resultados era algo que desejaria esquecer se pudesse. A maior parte de seu conhecimento sobre o tema provinha de Royce, que tinha estudado muito mais o assunto. Assim, de certa forma, esta era uma experiência nova para os dois.

Ele esperava uma grande quantidade de dor de seus incompletos dentes humanos. Surpreendeu-se quando a picada que sentiu foi aguda mas momentânea. Ela tinha se convertido muito mais do que ele esperava. Seu sangue devia ter se infectado imediatamente. Teria que mantê-la longe dos espelhos. Se ela visse as presas que ele sabia que agora possuía, receberia um choque.

O primeiro lambe de sua língua foi hesitante. Logo se tornou mais audaciosa. Finalmente se agarrou a ele e chupou com força. Ele não pôde resistir outro segundo. Levantando-a pelos quadris, empurrou seu pênis dentro de sua vagina. Ela ofegou contra ele, mas logo estava lhe montando com abandono.

Ela gritou, seu orgasmo golpeando-a com força. Deslizou sobre ele, sua boca afastando-se de seu pescoço. Ele a agarrou contra si para beijá-la, limpando o rastro de sangue dos cantos de sua boca com a língua. Saborear a si mesmo nela só incrementou seu prazer.

Soubesse ela ou não, Amara agora pertencia a ele. Para sempre.

E ele a ela também. Ainda tinham muito que falar, e ela tinha muitos pecados que lhe perdoar. Conheciam-se um ao outro no sentido físico, mas se pensasse bem, não a conhecia tanto, embora ainda assim a quieria. Planejava mudar isso. Logo. Mas por hora, teria que conformar-se com o que lhe desse. Se fosse só físico, aceitaria de forma temporária.

O último pensamento desapareceu quando estalou seu próprio orgasmo. Seus pensamentos saltaram em mil pedaços quando se derramou dentro dela. De sua mulher. Sua mulher. Nunca pensou que essa frase voltaria a aparecer em sua mente, mas tinha deslizado furtivamente dentro dele quando menos esperava.

Tinha que admiti-lo, inclusive gostava de um pouco como soava.

Amara se recostou no colchão, estendendo os braços.

— Uau!

Ele não pôde evitar a presunção que sentiu ante seu comentário.

— Você acha?

— OH, por favor. Eu sei que você sentiu isso também.

— Como sabe?

Ele se colocou ao lado dela, deslizando sua mão acima e abaixo de sua coxa.

— Isto vai soar estranho, mas senti o mesmo que você quando gozou. Eu, hum, podia sentir o que estava sentindo a maior parte do tempo.

Ela levantou sua sobrancelha.

— De qualquer maneira, isto provavelmente não soa tão estranho para você, certo?

Estranho nem sequer começava a descrevê-lo. Até onde ele sabia, os únicos vampiros que podiam ler as mentes eram os que tinham tido poderes mentais como humanos. Ele encolheu os ombros. O que sabia ele? Tinha passado a maior parte dos quatrocentos anos ignorando emocionalmente a qualquer vampiro que encontrou.

— Para ser honesto, isto é também bastante novo para mim.

— Como?

— Eu nunca me permiti sentir unido antes. — mentalmente, tinha preferido manter distâncias. Desde o começo não tinha conseguido fazer com Amara.

— Está unido agora?

— É melhor que acredite nisso.

Ele não quis lhe dizer o quão adorável lhe parecia com suas novas presas.

Ela pestanejou com força e passou a língua por seus dentes.

— Meus o que? Oh, Deus. Não posso acreditar.

Ele ficou olhando fixamente, sem saber o que pensar. Não tinha expressado esse pensamento em voz alta.

Sua sobrancelha se arqueou ainda mais.

— Acredito que havia dito que os vampiros não podiam ler mentes.

Ele sacudiu sua cabeça.

— Não. Disse que eu não podia ler mentes. Alguns podem, outros não. Depende de como eram quando eram humanos. — então o que ela estava dizendo lhe golpeou. — Está me dizendo que lê minha mente?

Ela assentiu lentamente.

— Isso eu suponho. Realmente é mais sentir seus pensamentos que lê-los. Não foi muito profundo, só um toque.

— Parece que sabe do que está falando.

— Sim. Minha avó era adivinha em uma dessas pequenas lojas da parte de atrás da casa. Era uma dessas atrações para turistas.

Ela girou os olhos.

— Fez isso durante anos. Como eu disse, fez algumas interpretações bastante boas.

— Sua avó tinha poderes psíquicos?

Amara riu.

— Não, tolo. Era uma leitora de mãos em uma pequena e excêntrica loja onde se lia a fortuna. De qualquer forma, isso é uma série de tolices.

— Como os vampiros?

Seus olhos se dilataram.

— Oh... Meu Deus.

Ele suspirou. Se ela tinha herdado mesmo que uma pequena quantidade de habilidades psíquicas seria um vampiro muito poderoso.

Capítulo 15

Ela tinha dormido no meio da discussão. Quando despertou, sua boca parecia cheia de algodão e sua cabeça palpitava. Mas não se sentia faminta.

Horripilante.

Encontrou Marco sentado na mesa da cozinha, lendo o jornal. Fazendo uma coisa tão normal para um homem. Suas próprias emoções estavam em desordem.

Ela golpeou com suas unhas sobre a mesa para conseguir sua atenção.

— Então, o que acontece agora?

Esperava que lhe dissesse que a noite anterior tinha sido um sonho. Não estava com toda segurança de que se convertera em um vampiro. Não poderia, sabia que vampiros não existiam. Marco era simplesmente um excêntrico que, embora fosse tão sexy como o demônio, precisava ajuda médica.

Poderia ignorar as presas, poderia ignorar por completo que bebia sangue (ouça, todo mundo era diferente), mas não podia ignorar o fato de que ele a tinha sequestrado e a tinha trancado em um quarto, quando deveria ter sido ele a estar encarcerado... Inferno, aquilo não estava funcionando. Sentia-se diferente, tinha presas, e não gostava disso.

Ele riu e piscou os olhos para ela.

— O que quer?

Um milhão de dólares, uma casa nova, um amante que não chupe sangue...

— Sabe o que quero dizer.

— Não sei. — ele suspirou e passou mão por seu cabelo, obviamente tentando se controlar e não parecer aborrecido.

— Está tudo bem?

Bem? Bem? Não só constatou que sua avó provavelmente não era uma fraude, fazendo-a parecer de uma espécie estranha, de outro mundo, também se transformara em um monstro. Que tipo de vida era esta?

Caminhou depressa ao redor da cozinha, tentando decidir se gritava com ele, ou simplesmente gritava. Tecnicamente, aquilo não era tuda culpa de Marco. Mordeu o lábio. Mas ele deveria ter lhe dito o que poderia acontecer. Se ele não existisse, ela nunca, nunca, teria pensado lhe fazer algo que poderia romper a pele.

Certo?

Suas mãos tremiam; de fato seu corpo inteiro tremia. Ela odiou a Marco, odiou-o por fazer aquilo. Por que ela tinha deixado ele ficar na mesma cama com ela em primeiro lugar? Ela deveria tê-lo jogado, o filho da puta, isso é o que ele era. Tinha bastante tensão em sua vida agora mesmo. Não precisava disto também.

— Quero que vá embora. — ela lutou para manter sua fúria sob controle.

Ele sacudiu sua cabeça.

— Não. Sinto muito. Nada disso. Não deixarei você sozinha agora. Não está a salvo.

— Foda. Por que não? — tentou conter sua voz, mas era inútil.

Marco a olhou impressionado.

— Escute. Sei que isto pode ser uma coisa assustadora. Não quero que tenha que passar por isso sozinha.

Ela olhou para ele com raiva.

— Eu gosto de estar sozinha. Gosto da solidão, o tempo que passo comigo e o ambiente. Além disso, você me deixou sozinha durante dias.

— Isso não vem ao caso. Faz algumas horas não queria ficar sozinha.

— Algumas horas atrás eu percebi que estava perdendo o juízo!

Ele agarrou seu pulso quando ela passou perto.

— Bem, bem. Fique tranquila, Amara. Gritos não vão resolver nada. Se você relaxar, passaremos por isso.

— E o que acontecerá se não fizer?

— A mudança de seu corpo é bastante difícil. Se você não se acalmar vai ser pior.

Aquilo deteve seu caminhar.

— Vai doer?

— Doeu até agora?

Não dor exatamente, somente uma sensação incômoda.

— Bom, ainda não. Mas doerá mais tarde?

— O que quer dizer?

Ah, Por Deus.

— Quando a mudança começa a passar.

Ele riu.

— Já passou.

— Mas disse que poderia levar semanas.

— Contava com isso, certo?

Ela piscou.

— Sim, acho que sim.

Não gostou do modo como ele vacilou. Suspirando, ela tirou seu pulso de sua

mão.

— O que quer de mim?

Ele a olhou como se estivesse louca.

— Tudo

— Tudo? — bom, não era realmente uma boa resposta?

— Eu não posso.

— É muito tarde.

— Foi um acidente.

Ele se encolheu.

— É indiferente, não há como voltar atrás.

— Não há nada que possa fazer?

— Poderia tentar aceitar. — ele já começava a se irritar. — Me aceitar.

O típico macho. Ali estava ela, preocupando-se com uma mudança radical em sua vida e ele tomava como algo pessoal.

— Deixa de dizer asneiras. Eu aceito, e você sabe disso.

— Como o quê?

Como um louco total que acha que é um vampiro.

Se aceitasse a Marco pelo que realmente era, teria que aceitar que ela também o era. Não estava pronta para isso. Já foi bastante ruim quando começou a notar as presas. Isto era muito.

Mas se não o aceitasse, ele ficaria feito migalhas emocionalmente. Passava uma imagem de tipo durão, mas a verdade era que ficaria devastado por sua rejeição.

Então, o que ela deveria fazer?

— Ei! Sr. Terrível. Você poderia ao menos ter me avisado sobre o que aconteceria se eu, você sabe, tirasse um pouco de seu sangue.

Ele riu.

— Isto é uma ocorrência comum para você, não?

— Tirar sangue? Fiquei conhecida por isso algumas vezes.

Seus olhos se alargaram com a surpresa.

— De verdade? Espero que não planeje fazê-lo outra vez.

— Isso depende.

— Do que?

— Se eu decidir te colocar em minha cama outra vez.

Os cantos de sua boca se elevaram um pouco.

— Não tem opção.

— Ah! Eu decido como vivo minha vida. Ou a não vida. Ou como se supõe que se chame isto.

— Você está errada sobre ambas as coisas, amor.

Ele levantou da cadeira e andou para ela, apoiando-a contra a parede.

— Os vampiros não estão mortos. Vivemos e respiramos igual à gente normal. Somente temos vidas mais longas, um código genético diferente.

— Ah, sim? E no que estou errada então?

— Você não pode escolher se me tem ou não. Você é minha mulher e ponto.

— Me desculpe? Onde me perdi na explicação? Posso tomar minhas próprias decisões, muito obrigado.

Marco deslizou seus dedos sobre seus seios, apenas ocultos pela camisa de tecido que colocou antes de descer. Ela piscou quando seus polegares acariciaram seus mamilos. Queria estar zangada com ele por seus comentários, mas não podia controlar a sensação. Ele a seduzia outra vez, brincava com ela, porque sabia que isto a irritava.

— Pare com isso!

— Por quê? Você gosta disto?

— Se eu gosto ou não, está fora de discussão, não te desejo...

Ele escorregou sua mão sob a barra de sua camisa e agarrou seus seios.

— Engraçado, parece que me deseja.

— Não me deixou terminar o que dizia. Não quero que se refira a mim como sua mulher. Sou a minha própria pessoa. Não preciso de alguém me dizendo o que posso e não posso fazer.

— Não penso fazer isso. Somente quero que entenda que esta é uma relação monógama. Não quero ver você correndo ao redor de outros homens, e eu não tocarei em outra mulher.

— Nunca?

— Nunca.

Ela tinha ouvido isso antes, mas de alguma forma sabia que era verdade. Monógamo? Podia lidar com isso, enquanto ambos tivessem as regras claras. Ele deslizou um dedo em sua vagina já molhada e ela perdeu totalmente o pensamento. Tentou lhe dar uma amostra de protesto, mas saiu soando suspeitamente como um gemido. Estava contente de que tivesse decidido não colocar calçinha essa manhã.

— Sim, isto é o que quero. — ele se inclinou mais perto e beliscou o lóbulo de sua orelha. Sua voz era um sussurro quente contra sua pele sensibilizada.

— Tem tanta paixão, está molhada. Eu gosto quão apertada é. Encaixa meu

pênis tão comodamente, como uma luva quente, molhada. Foi feita para mim, amor. Eu, e ninguém mais. Nenhum outro homem vai tocar em você. Você entendeu?

Ela assentiu. Prometeria tingir seu cabelo de verde e fazer uma tatuagem de dragão sobre sua testa se ele somente movesse seus dedos um pouco à esquerda...

Ele continuou.

— Vou fazer você vir, diretamente aqui contra a parede. Então vou te levar para a cama e passar o resto do dia te fodendo. Nós deveríamos estar dormindo, mas não posso dormir quando estou ao seu redor. Então passaremos o dia explorando nossos corpos. Quer isso?

Ela assentiu com a cabeça

Para sua consternação, ele deixou de mover sua mão.

— Quer que lhe foda, Amara?

— Sim.

— O que?

— Disse que sim! — ela gritou de frustração quando ele ainda se continha.

— Sim, o que?

Ela não sabia que brincadeira ele estava fazendo, mas não gostava muito. Tentou empurrá-lo, mas parecia como querer mover a Grande Muralha a China.

Ele a mordeu em seu pescoço.

— Me diga o que é o que quer.

— Quero você por muito tempo! — aspirou com força. — Quero que me foda!

— Sim, foi o que pensei.

Ele introduziu seu dedo nela. Não ia permitir que a torturasse fisicamente, não depois de como acabava de fazer. Ela arrastou suas unhas sobre suas costas, pressionando com tanta força que ele pôde sentir o arranhão por sua camisa. Ele gemeu e a pressionou mais forte contra a parede, seu fôlego escapando em um assobio. Ela riu de satisfação.

Sua satisfação foi efêmera. Marco a girou, colocando-a sobre a mesa facilmente, estendeu suas pernas amplamente e esfregou seu polegar através de seus clitoris. Quando ela estava a bordo do orgasmo, ele se retirou.

Ela gritou, tentando em vão empalar sobre ele. Foi inútil, sua posição era muito complicada.

— Já chega, Marco.

Ele riu. Ela quis lhe dar um murro no estômago. Forte. Aí estava ela, em absoluta agonia, e ele brincava.

— Me diga o que quer.

Ele começava a perder a paciência. É verdade que não o conhecia há muito tempo, mas o conhecia o bastante para saber quando estava perto de arrebentar. Pobre menino.

— Já te disse.

— Tenho que saber que é minha. Para sempre.

Ele deslizou seu pênis dentro dela uma vez antes de tirá-lo completamente.

— Tenho que ouvir você dizer isso.

— O que acontece? De repente tem um problema de segurança consigo mesmo?

— Diga, Amara.

Se ficasse em silêncio, seria abandonada quente pelo resto do dia. Se deixasse de torturá-lo e lhe dissesse o que queria ouvir, que era o que ela também queria, ambos estariam felizes.

— Sou sua. Sempre. Mas você é meu, também. Isto tem que ser igual.

Capítulo 16

— Eu não ia querer de nenhuma outra maneira.

Ele entrou nela, seu pênis de repente enchendo seu sexo até seu punho. Não havia nada melhor que isso.

— Para sempre, Amara — ele repetiu.

Ele não precisava. Ela sabia, como ele. Ela podia protestar tudo o que quisesse. Mas tudo se reduzia ao feito de que não queria estar de novo longe dele. A primeira vez tinha sido bastante ruim. Nem sequer podia pensar em uma próxima vez.

Seus golpes eram selvagens e profundos, levando-a rapidamente a borda. Haveria algo na vida com ele que fosse lento e fácil? Não estava se queixando. Sua vida sexual nunca tinha sido tão plena. Mas estava certa de que esse homem não era capaz de ter sexo de outra maneira que não fosse intensa.

Era muito forte... Assombrava-a que pudesse sustentá-la tanto tempo sem cair ou derrubar-se sob a pressão.

Seus lábios roçaram sua maçã do rosto, a linha do cabelo, e sua mandíbula enquanto continuava levando-a para um êxtase completo e total. Derek, e todos seus outros amantes deveriam receber de Marco uma ou duas lições sobre a matéria, sobre como assegurar que uma mulher fique satisfeita. Ela nunca o teve tão bom. Por que razão o deixaria? Pelo pequeno e tolo detalhe de que seu amante era um vampiro?

Espera um segundo... Ela também era.

Gemeu ante tal pensamento. Ia levar lhe um longo tempo para acostumar.

Ele roçou seu pescoço.

— Deve se alimentar de novo.

Não podia negar isso. Não quando estava começando ansiá-lo. Afundou os dentes em seu pescoço e bebeu brevemente, mas teve que largar quando eclodiu em seu clímax. Não podia governar o convulsionar de prazer e chupar ao mesmo tempo.

O clímax de Marco seguiu imediatamente ao dela. Ele se derramou dentro dela, enquanto gemia contra seu pescoço. Quando finalmente retornou ao mundo real, baixou-a a seus pés e lhe beijou o topo da cabeça.

— Realmente acredita que vai ser tão ruim ficar unida a mim para o resto de sua vida? Isso seria tão ruim?

Ela riu contra seu peito.

— Isso depende. Quanto tempo vai durar minha vida?

— Sua vida natural será de milhares de anos.

Ela franziu seus lábios e girou os olhos para o teto parecendo pensar nisso.

— Amara. — o tom em sua voz estava lhe advertindo.

Ela suspirou.

— Bem, suponho que posso aprender a viver contigo. Contanto que não tenha que correr ao redor de pescoços estranhos para mordê-los.

— Nunca se alimentará de ninguém exceto de mim. Eu cuidarei de você, e morderei pescoços estranhos para nós dois.

Finalmente, algo além de sexo para levar por diante.

* * * * *

Amara despertou em algum momento por causa do som de vozes. Vozes masculinas, e mais de uma. Royce estava de novo por perto? Esperava que não. Não tinha por que suportar sua atitude arrogante. Sentou na cama e esfregou seu rosto, perguntando-se como tinha chegado ao quarto. A última coisa que se lembrava era de ter caído nos braços de Marco depois do interlúdio na cozinha.

Inferno. Inclusive quando tinha vivido com Derek, nunca tinha feito tanto sexo em um dia. Não era de admirar que se sentisse tão cansada.

Vestiu-se rapidamente e desceu as escadas silenciosamente, tentado ouvir algo do que estavam dizendo. Saltou quando dobrou a esquina e literalmente tropeçou com Marco.

— Epa!

Ele parecia divertido, mas um pouco preocupado também.

— Isso lhe ensinará a não tentar ouvir furtivamente as pessoas.

Ela riu nervosamente, enquanto encolhia os ombros.

— O que faziam os dois aí? Falavam tão alto que parecia que estava tendo uma festa no pé da cama.

— Deixe disso.

Marco passou uma mão através de seu cabelo.

— Não falávamos alto.

— Quer apostar?

Ela entrou na cozinha e se serviu uma xícara de café. Provou-a, jogou quase a metade da xícara e a completou com leite até a borda.

— Muito forte?

Ela assentiu para Marco.

— Tudo parece ser assim ultimamente. Por isso não pude comer nada.

— Está se alimentando?

Isso veio de Royce que tinha entrado na cozinha. Seu cabelo loiro comprido fluía ao redor de seus ombros, e sua brilhante camisa floreada e calças cáqui tinham sido substituídos por uma camiseta preta e calça jeans bem desbotadas. Ele parecia diferente, melhor. Ele brilhava... igual a Marco, embora com o cabelo mais insignificante.

A última coisa que lhe faltava, dois sabujos, dois vampiros mal-humorados observando cada um de seus movimentos e lhe lembrando cada cinco minutos que comesse.

Amara girou os olhos.

— Por que se preocupa?

Ele levantou uma sobrancelha e por um segundo ela viu o erudito que Marco afirmava que era. Então sua máscara despreocupada ocupou seu lugar, e ela simplesmente se perguntou se realmente tinha visto o que tinha visto ou foi só alguma amável ilusão.

— Me preocupo. Não quero te ver morta por isso.

OH, certo. Primeiro se convertia em um vampiro e agora era uma suicida? Não era provável.

— Escute, amigo. Não me preocupa o que é para Marco ou quem é absolutamente. Quando tiver fome, comerei. Não antes nem em seguida, logo, assim, supere isso.

Royce se voltou para Marco.

— É sempre assim tão difícil?

Marco assentiu.

— Alimentou-se?

Ela pôs as mãos em seus quadris.

— Me desculpe, mas não é você que me meteu nessa bagunça, em primeiro lugar?

Marco fechou seus olhos e tomou uma respiração profunda, lenta. Quando os abriu, sua contida irritação era visível.

— Sim, Amara, e sim, Royce. Agora por que os dois não tentam se dar bem?

Sim, e possivelmente um macaco seja o próximo presidente, pensou ela.

Royce franziu sua sobrancelha e ela compreendeu que deve ter pensado em voz alta.

Teria ruborizado se lhe importasse o mínimo o que o idiota pensasse dela.

— Tem certeza de que a que quer? — perguntou a Marco.

Marco assentiu.

— Há muitas para escolher. Poderia te ajudar a encontrar uma moça boa. Uma que não seja um espinho na bunda.

Marco lhe dirigiu um sorriso torto.

— Não. Ela é perfeita da maneira que é.

Ela ofegou.

Royce franziu a sobrancelha de novo.

— OH, sim. Isso é tão dolorosamente óbvio.

Não gostou do tom sarcástico em sua voz.

— Marco, o que está acontecendo? — continuou. — Esteve quase quatrocentos anos sem cometer um engano. Como pode deixar que aconteça de novo?

Um fragmento de dor se acendeu nos olhos de Marco.

— Amara não é como Sarah, e o que aconteceu com Sarah não foi nenhum acidente. Ela pediu. Quando vai acreditar em mim?

— Sinto muito. Não entendo por que ela te pediu que a transformasse quando eu podia ter lhe dado tudo o que precisava.

Royce agitou sua cabeça.

— Não importa como aconteceu ou por que. Continua sendo um engano.

Ela clareou sua garganta.

— Quem demônios é Sarah?

— Sua esposa — Marco fez um gesto para o Royce. — Minha... companheira.

— Sua o que? — ela se enfureceu. — Acho melhor se explicar rápido porque está a ponto de ganhar uma dose de alho em seus olhos.

Royce riu.

— Alho?

Marco lhe lançou um estranho olhar.

— Já sabe, esses tolos filmes.

Ele ia alguma vez terminar com aquilo?

— Refere a esses filmes que me fizeram uma figura cultuada? Esses que me fizeram ganhar uma montanha de dinheiro?

Não quis mencionar como tinha gasto esse dinheiro.

Nenhum deles lhe prestou alguma atenção.

— Olá? Alguém está escutando?

Royce suspirou.

— Desgraçadamente, não temos muitas opções.

Ela tentou golpeá-lo, mas tomou seu punho facilmente. Agora ria.

— Bem, moços, me alegro que riam de mim pelas costas. Mas lhes fiz uma pergunta e se não conseguir minha resposta, alguém vai terminar machucado logo.

Provavelmente seria ela, e os três sabiam. Ela seguiu adiante de todo o modo.

— Então, meu caro Marco esqueceu mencionar o fato de que já teve uma companheira?

Ele segurou sua mão.

— Relaxe durante um minuto e me escute. Não te esforce. Não é saudável.

— Você acha que a preocupação não é saudável? — ela já estava incontrolável.

— Amara, por favor. Sarah não é nada. Simplesmente escute...

Ela pestanejou.

— Espere um segundo, isto não é algum tipo de negócio de harém pessoal, certo? Porque não quero formar parte dele. Estou aberta a novas coisas, mas não estou interessada em ser uma entre mil mulheres.

— Não há nenhum harém envolvido — lhe disse — Só você. Sarah está morta.

Capítulo 17

Royce foi bastante amável retirando-se enquanto Marco explicava a Amara suas insólitas circunstâncias. Não queria Royce contando suas faltas e enganos enquanto tentava tratar com a birra de Amara.

Empurrou-a e a sentou sobre a cama. Amara não lhe deu nenhuma oportunidade de falar.

— Por que não me disse que era casado?

Marco suspirou.

— Agora não estou casado. Isso foi há muito tempo, há quatrocentos anos. Sarah era a esposa de Royce, não a minha.

— Por que você ainda está aqui? — perguntou ela. Marco podia ver a cólera em seus olhos.

Tinha que dar veracidade a suas palavras; tinha estado com ela, como casal, nas semanas passadas. Teve sorte de que Amara não tivesse tentado assassiná-lo neste momento.

Suspirou e disse:

— No momento em que vi Sarah, soube que tinha que tê-la. Nada ia parar. Abusei e esse foi meu equívoco. Mas era jovem e estúpido.

Amara ofegou.

— Foi assim que você se transformou?

Marco riu.

— Não sou tão jovem. Entretanto, havia só dois problemas quando estive com Sarah. Um, não era precisamente humano, e dois, ela estava casada com meu irmão.

Deixou que pensasse naquela confusão um minuto.

Ela pestanejou.

— Espere um segundo, Royce é seu irmão?

Ele assentiu.

— E não se incomodou em mencionar? Merecem o que aconteceu com vocês.

— Roubar a esposa de seu irmão tende a romper a relação — ele suspirou. — Estamos resolvidos, mas nos levou a maior parte dos quatrocentos anos.

— Quanto tempo faz que aconteceu?

— Aproximadamente cinco anos depois de minha transformação.

Amara assentiu, e logo, sacudindo a cabeça, disse-lhe:

— Por que fez isso a seu irmão?

— Eu era vampiro somente há cinco anos, e ainda não tinha aprendido a controlar meus impulsos. Como sabe de primeira mão, ainda tenho problemas com tudo isso. Quando a vi, tive que tê-la, então fiz tudo o que pude para consegui-la.

— E ele permitiu que você perseguisse sua esposa sem intervir? Deu sua permissão?

— Nem sequer sabia que eu estava vivo — riu sem humor recordando. — Não quis que ninguém soubesse o que tinha feito. Precisamente não era algo que se aceitasse naquele tempo.

— Tampouco se aceita hoje em dia.

— Sim, posso dizer da popularidade de seus filmes. Entretanto, Royce foi um pouco covarde quando averiguou que Sarah o deixava. Também estava aborrecido comigo por não pedir sua ajuda quando fui transformado. Naquele tempo, era um curandeiro e pensou que poderia ter sido capaz de me curar. O problema foi que eu não procurava um padre.

Ela assentiu.

— Continue.

— Ele não viu o que eu lhe oferecia. Agora que o tempo passou e penso nisso, compreendo que tinha razão. — passou a mão pelo cabelo, distraído pelas lembranças. — Sarah me pediu que a transformasse, mas ela não passou bem a mudança. Matou-se no primeiro ano. Assim no decorrer de seis anos, tinha perdido a duas mulheres próximas a mim.

— Amou a Sarah?

Ele sacudiu sua cabeça.

— Não. Essa é a pior parte. Não a amei, absolutamente. Quis possuí-la, mas o amor naquele momento não entrava na equação, nem por um momento.

— Possuí-la? Como faz comigo? — sua voz era apenas um sussurro.

— Não. Nenhum homem poderia te possuir — tocou sua bochecha delicadamente. — O que sinto por você é diferente do que senti por qualquer outra mulher.

— Você se importa?

Ele riu.

— Não. Bem, não sempre.

Ela suspirou pesadamente olhando-o com irritação e confundida.

— Então, o que sente por mim?

Amor. Mas ainda não estava preparado para confessá-lo.

— Proteção. Afinal, a culpa é minha que você se encontra nesta situação.

— Proteção? Isso é tudo? — olhou-o duvidosa.

Encolheu os ombros, incomodado com a força de seus sentimentos para ela.

— Como poderia se sentir protetor em relação a mim? Sequestrou-me, arruinando minha vida, e me assustei com todas essas histórias de mulheres mortas. Que maneira de me proteger, Marco.

— Te assustei e sinto muito. Mas só quero ter o direito de cuidar de você e de não te machucar de novo.

— Direito. Com certeza que sim. — ela suspirou durante uns minutos, mas não pode conter a curiosidade.

— Então se Royce é seu irmão, significa que também tem quatrocentos anos.

— Tem alguns anos a mais. — piscou os olhos para ela. — Envelhecemos bastante bem, né?

Ela girou os olhos.

— Transformou-o também?

— Uh, não — ele riu. — Depois do que aconteceu com sua esposa, encontrou a alguém para transformá-lo.

— Por quê?

— Suspeito que para me torturar até o final da eternidade ou por um esforço para trazer de volta Sarah. Já era muito tarde.

— Teria dado permissão para voltar?

Ele encolheu os ombros.

— Já não estava comigo.

— Abandonou um novo vampiro sem possibilidade de defender-se? Por que fez algo assim? — seus olhos se alargaram, como se ela acabasse de recordar algo. — Disse-me que matou a sua esposa.

— Eu? — Marco sacudiu sua cabeça, divertido por sua hipótese. — Disse que fui acusado de seu assassinato. Não confessei tal crime e tampouco o faço agora.

— Não fez?

— Certamente que não — ela tinha tão pouca fé nele? — Nunca matei ninguém, a não ser em defesa própria. Elizabeth, apesar de seus assuntos, era sobretudo um ser indefeso.

Ela levantou suas sobrancelhas.

— Não matou a seu amante, tampouco?

— Qual deles?

— Tinha mais de um?

Ele assentiu.

— Que eu conhecesse, tinha dois. Desgraçadamente, um que resultou ser um demônio. Quando ela não me abandonou, Tomaz se zangou um pouco.

— Ele a matou?

Marco assentiu.

— Sim. E eu levei toda a culpa.

— Um demônio, hum?

Ele pôde ver o ceticismo em seus olhos e quase lhe fez rir.

— Sabe, Amara, deveria abrir um pouco sua mente.

Ela girou seus olhos.

— Sei, sei disso. De fato olhei um curso para estas coisas paranormais. O que aconteceu com Tomaz?

Ele encolheu os ombros.

— Não tenho ideia. Desapareceu pouco depois da morte da Elizabeth.

— Oh.

Marco poderia bloquear mentalmente a maioria da história. Poderia cuidar disso tudo mais tarde. Agora mesmo tinham outras coisas que tratar e com cuidado.

— Amara...

Marco se interrompeu ao escutar um golpe na porta. Em uma impressionante demonstração de velocidade, Amara se levantou de um salto da cama e se precipitou à porta. Marco se surpreendeu quando golpeou uma mesa e tirou um abajur de seu caminho para a porta.

Ele ouviu como Amara soltava o fôlego assim que abriu a porta.

— Derek!

Derek? Quem diabos era Derek e o que queria de sua mulher?

— Querida, sinto muito. Tem que voltar.

Certo, ia ter que dar umas porradas nesse imbecil. Ninguém tentava tomar a sua mulher e vivia para contá-lo.

Marco se levantou da cama e andou até a porta.

Amara se voltou para ele.

— Humm, Marco, este é Derek.

— Que diabos quer? — reconheceu em seguida ao Derek como ao co-protagonista junto com Amara daqueles horríveis filmes. Era seu antigo noivo. Não ia aguentar essa merda.

Derek se jogou para dentro.

— Quero a minha noiva de volta.

Marco sacudiu sua cabeça.

— Não faz muito tempo que a deixou. Agora ela é minha.

Derek se voltou para Amara.

— Tem que estar de brincadeira. Só se passaram uns meses desde que nos separamos.

— Chamou o que passou uma separação? — Amara apontou com um dedo no peito de Derek, empurrando-o. — Jogou tudo à lama, depois de me repreender por não querer filmar minha vida sexual e que todo mundo o visse. E se isso fosse pouco, em menos de dez minutos, te assisti em uma fita com um grupo de mulheres e em nosso quarto com o vizinho. Realmente pensa que vou cair em seguida em sua cama, assim simplesmente? Não nesta vida, companheiro.

— Pensa nisso um minuto, Amara. Poderíamos ganhar tanto dinheiro juntos. Nunca teria que desejar nada novo. Poderíamos viver assim para sempre.

— A única coisa que desejo agora mesmo é que seu pênis se enrugue e caia para que não possa foder a mais ninguém nessa vida, na cama ou fora dela. Incluído o Robby.

A boca de Derek se abriu e fechou, mas nenhuma palavra saiu dela. Então Marco notou as presas de Amara.

Merda. Perfeito, Derek parecia preparado para urinar em suas calças. Marco agarrou o braço de Amara e puxou para detrás dele. Então deu um murro na mandíbula de Derek e o homem caiu ao chão.

Capítulo 18

— O que fez? — Amara parecia escandalizada.

Marco sacudiu sua cabeça.

— Vá procurar Royce. Temos que tirar o corpo daqui.

— Você o matou! Disse-me que nunca mataria a ninguém, e o matou sem nenhuma razão.

— Não está morto. Simplesmente está inconsciente. — passou uma mão por seu cabelo — Vá buscar Royce. Agora. E puxe suas presas para trás no caso dele acordar.

— Presas? — levou uma mão a sua boca, roçando com seus dedos ao longo das pontas dos dentes. Seus olhos se arregalaram.

— Quando isso aconteceu?

— Quando estava gritando com Derek. Provavelmente deveria manter um melhor domínio de seu temperamento até que aprenda a controlar os dentes.

— Nem sequer notei.

— Tenho certeza que não. Essa é a razão pela qual não quis que saísse hoje. Agora, pela última vez, por favor, vá procurar Royce. Preciso de sua ajuda.

Ela assentiu e desceu correndo pelo vestibulo até o estúdio, onde Royce tinha ido ver televisão enquanto ela e Marco estavam conversado. Retornou alguns minutos mais tarde com Royce a reboque. Ele não parecia muito contente por ter sido incomodado no que Marco suspeitou tinha sido uma sesta.

— Que diabo fez desta vez, Marco?

Marco lançou um olhar assassino a Amara.

— Mostrou-lhe suas presas. Ele ficou um pouco nervoso.

— Não me culpe de tudo isto. Foi você o que lhe deu um murro.

— Preferia que corresse de um lado a outro dizendo a todo mundo que você é uma vampira? Estou certo que há um bom número de cientistas aí fora os quais ficariam encantados de conseguir te apanhar.

Amara franziu seus lábios, suas mãos em seus quadris.

— Oh, por favor. Isto é Los Angeles. Todo mundo aqui é louco. Há até um par de clubes no centro da cidade que fornece comida e bebidas às pessoas que pensa que são vampiros. Não teriam acreditado nele.

Ela tinha razão nisso. Ainda assim, ele não ia aceitar nenhum risco com sua vida, ou sua mulher.

Amara lhe arqueou uma sobrancelha.

— Não sou uma posse.

Ele piscou com força.

— Desculpe?

— Precisa deixar de pensar em mim como sua mulher. Não me possui, Marco.

Aquilo foi realmente assombroso.

— Fez isso toda a vida, ou é algo novo?

— Fazer o que? — ela franziu a sobrancelha. — Não sei do que me está falando.

— Ler as mentes.

Ela negou com a cabeça e suspirou, vendo-se muito incomodada.

— Já lhe disse isso. Não leio as mentes. Simplesmente recebo sentimentos uma vez ou outra. Como qualquer outro.

— Não, não como todos os outros. Não pensou alguma vez em sua vida que esta era uma habilidade incomum?

Royce os olhava, obviamente fascinado pela conversação.

— Ela lê a mente?

Marco encolheu os ombros.

— Parece que pode. Sua avó era psíquica.

— Então, é melhor ser mais cuidadosa do que os vampiros comuns.

— Por favor. Minha avó era uma cartomante em uma dessas lojas de onde se lê o futuro, que os turistas adoram lá por Vermont. Não é nada.

Royce a ignorou.

— Vamos colocá-lo no sofá antes que desperte.

Voltou para Amara.

— Pode exercer controle mental?

— Está brincando, certo? Ainda não posso pôr em ordem minha própria mente. Como acha que deveria fazer em outra pessoa?

— Pode tentar?

— Não pode fazer você? — perguntou ela.

— Realmente, não. Toma um tempo muito longo desenvolver esse tipo de habilidades, a menos que nasça com elas.

— Bem, com toda certeza não nasci com nada disso.

Marco se perguntou se ia ter que arrastá-la através de cada parte de sua nova vida chutando e gritando.

— Simplesmente tente, certo?

Ela encolheu os ombros.

— Por que não?

Ela se sentou no sofá ao lado de Derek, que começava a gemer e a mover-se. De repente seus olhos se abriram e ele olhou ao redor, seu olhar se instalou em Marco.

— Me deu um murro! Deveria te processar por isso!

Logo seu olhar se fixou em Amara.

— Que diabos foi isso? É algum tipo de brincadeira?

Ela encolheu os ombros, parecendo aborrecida.

— Não sei o que está falando.

— Tinha presas!

— Deve estar confundido a vida real com a dos filmes outra vez, querido.

Falou como se estivesse falando com um menino pequeno, lenta e cuidadosamente, pronunciando cada sílaba.

— Tenho presas quando estou no trabalho porque meu personagem é um vampiro. Como humana, na vida real, meus dentes são absolutamente normais. Vê? — apresentou-lhe um largo sorriso.

Derek inclinou a cabeça, mas não parecia muito convencido.

— Está usando drogas outra vez, querido? — agitou seus cílios e ele pestanejou.

Marco estava assombrado com semelhante desdobramento. Ela não precisava exercer nenhum controle mental. Bastava querer realizar a tarefa.

Derek começou a negar com a cabeça, mas então recuou.

— Sinto muito, querida. Sei que prometi deixar, e fiz durante um tempo. Mas quando me deixou, não pude suportar. Precisei tomar algo que me tirasse a afiada dor de te perder.

— Sabe o que, Derek? É um idiota. Te chutei, e foi a melhor decisão da minha vida. Fez-me um grande favor sendo um imbecil infiel sem princípios morais. Se não tivesse estragado completamente minha vida, então nunca teria encontrado Marco, que me faz mais feliz na cama do que alguma vez poderia esperar de você.

Derek piscou e se voltou para Marco.

— Está dormindo com minha noiva?

— Ela não é mais sua noiva.

Derek se lançou sobre Marco, mas o veloz soco de Amara em seu estômago o enviou contra o chão, dobrado pela dor.

— Saia da minha casa, Derek, antes que eu chame à polícia e eles lhe prendam por perseguição.

— Não pode fazer isso. Está dizendo tolices.

— Além disso, poderia lhes contar sobre a cocaína que leva no bolso. Estou certa que gostariam de te prender de novo por posse.

Ela golpeou ligeiramente com suas unhas em cima do telefone que estava colocado em um dos lados da mesa.

— O que acha querido?

Os olhos de Derek se encheram de medo e correu fora dali antes que Amara pudesse emitir outra ameaça.

Royce riu depois que Derek deu uma portada atrás dele.

— Realmente sabe onde golpear para doer.

Ela encolheu os ombros.

— Ele já foi detido muitas vezes. Uma vez mais e irá preso.

Marco verdadeiramente podia imaginar o que aconteceria a alguém como Derek Sanders na prisão. Tinha que admitir que a ideia era muito atrativa.

— Deixe de pensar nisso. — Amara lhe olhou furiosamente.

Ele riu.

— Nem em sonho, querida.

* * * * *

Marco despertou de sua longa sesta um pouco depois das dez da noite. Moveu sua cabeça de um lado para o outro e se esticou, perguntando-se por que Amara não estava na cama com ele. Ia ter que lhe propor um melhor horário para dormir antes que ficasse louco por falta de sonho.

Farejando o café recentemente preparado, a única coisa que ainda podia tolerar em pequenas doses, Marco vagou até a cozinha. Amara estava de pé na cozinha, cozinhando de tudo. O aroma da carne fritando na frigideira o golpeou, lhe fazendo perder seu apetite.

— O que está fazendo?

— Royce saiu para conseguir uma garrafa de vinho. Pensei em fazer algo para acompanhá-lo.

O mais provável era que Royce tivesse saído para se alimentar e não tinha querido alertar Amara com esse conhecimento.

— Por que se incomoda em cozinhar? Não precisa comer.

Ela encolheu os ombros.

— É o costume, certo? Me dê um pouco de tempo para aceitar esta mudança.

Ele podia entender como se sentia. Havia sentido o mesmo fazia muitos anos.

— Certo. O que está fazendo?

— Frango.

Ela tirou o frango da frigideira e o pôs em um prato. Cortando-o em pequenas partes, soprou em cima disso antes de levar-lhe à boca.

— Realmente, não está ruim.

— O que você colocou?

— Nada. — parecia surpreendida. — Pensei que estaria insípido.

— Seus sentidos estão muitos aumentados para desfrutar com uma comida condimentada. Se ainda sente a necessidade de comer comida real, então simplesmente continue fazendo e não será tão ruim — disse — Claro, você não precisa de alimento para sobreviver enquanto você se alimentar regularmente.

Ela franziu o cenho, sua expressão era insegura. Mas então sorriu e ignorou seu comentário.

— Quer algo?

Ele negou com a cabeça.

— Prefiro continuar com minha dieta líquida.

Ela piscou.

— Não falava do frango.

Ela colocou o prato sobre o balcão e fez gestos para que se aproximasse. Esquecendo-se que estava prestes a sair furtivamente para se alimentar, caminhou para ela e a atraiu junto a ele.

— Sim, poderia me decidir por uma pequena quantidade de você agora mesmo.

Colocando as mãos em seus quadris, atraiu-a apertadamente contra ele antes de beijá-la. Amara gemeu e se derreteu contra ele. Era tão condenadamente receptiva e ele estava encantado por isso. Estremeceu, regozijando-se por isso, ela seria sua para o resto de sua vida. E esse era um tempo muito longo.

Ele estava onde pertencia. Sequestra-la tinha sido uma ideia estúpida, mais que estúpida, mas Ellie estava equivocada a respeito de uma coisa. Algo bom se originou disso. Tinha encontrado a mulher com quem queria passar a eternidade.

Simplesmente esperava que Amara sentisse o mesmo.

Ela se aborreceria dele em cem anos? Antes que isso? O abandonaria quando aprendesse a cuidar de si mesma e já não precisasse dele? Ele esperava que não. Não queria viver sem ela. Já tinha perdido duas mulheres, e elas não tinham significado para ele o que Amara significava. Se o abandonasse, já não queria viver.

Whoa. Espera um segundo, em que minuto se tornou tão fatalista?

Amara o empurrou e o olhou fixamente.

— Por onde anda?

— Estou justo aqui.

Tentou beijá-la de novo, mas ela o deteve com uma mão em cima de sua boca.

— Não, não está. Seu corpo está aqui, mas sua mente anda em alguma outra parte. Se não se concentrar em mim, então possivelmente devemos nos esquecer de tudo isto.

Ele balançou sua cabeça.

— Estou focado em você, mas você está me distraindo.

— E de que forma?

— Cada vez que penso em estar com você, termino me preocupando a respeito da possibilidade de que me abandone no futuro.

Ela o golpeou alegremente no ombro.

— Não vou a nenhuma parte, grande idiota.

— Não irá? — ele agitou sua cabeça. — Pensava que não queria esta vida.

Ela girou os olhos.

— Não é como se tivesse de escolher, certo? Além disso, já tinha decidido que queria ficar contigo antes de averiguar que me tinha convertido em um monstro chupa-sangue.

— Já o tinha mencionado. Ainda não entendo por que.

— Bem, eh. Eu te amo. Realmente, dou minha palavra de que às vezes os homens podem ser uns perfeitos retardados.

— Você me ama?

— Sim. Cômico, né? Apenas te conheço. Não me dou bem com sua família. Você não gosta de como cozinheiro, mas ao que parece, não posso ter o bastante de você. É estranho como a vida funciona às vezes.

— Sim, estranho.

Ela o amava. Sabia que estava sorrindo como um idiota, mas não podia parar. Ele tinha estado tantos anos sem amor, e agora iria se permitir desfrutar plenamente dele.

— Ok, não tem nada a dizer?

Ele pestanejou e apertou seu corpo contra o dela.

— O que quer que diga? — apoiou-se nela e beliscou seu pescoço. Ela gemeu, mas tentou empurrá-lo longe.

— É você o que estava ficando mole com essa história de "futuro sem mim". E agora simplesmente vai me ignorar?

— Isto se parece como se estivesse te ignorando? — empurrou seu quadril contra a dela, assegurando-se de que ela sentisse de como duro estava.

— acredite-me, doçura, que não estou planejando te ignorar. De fato, decidi fazer justamente o contrário.

Ele embalou seus seios, cobertos apenas pelo fino roupão que ela usava, e roçou seus polegares em seus mamilos. Instantaneamente ficaram duros. Esperava que ela continuasse dando voltas pela casa virtualmente nua, inclusive depois que estivessem juntos uns poucos milhares de anos.

Seu pênis empurrou contra os limites de seu jeans. Empurrou de novo contra ela, desfrutando da doce agonia de estar tão perto, mas não realmente tocando-se. Sabia que ela não havia se rendido totalmente, mas quando sua raiva tivesse terminado, planejava levá-la diretamente para a cama. Primeiro para ter muito sexo, depois para dormir um pouco.

Amara clareou sua garganta.

— Então vai simplesmente fingir que não te disse que eu te amo?

Ele riu. Por que ele não podia resistir a aporrinhá-la? Lambeu seu maxilar.

— Querida? Do que se trata esta discussão?

Afastou seu roupão e deslizou suas mãos ao longo de sua quente pele. Seu corpo inteiro tremeu e quase se acabou ali mesmo quando ela abriu o zíper de suas calças e colocou seus dedos dentro. Ela deslizou sua mão ao longo de seu pênis e ele estremeceu, quase se esquecendo do que precisava dizer.

— Sim, meu amor. — ela esfregou as pontas de seus dedos por cima da cabeça de seu pênis. Ele quase saltou fora de sua pele. Agarrou seus pulsos, mas ela se livrou de seu aperto.

— Se quiser que isto vá mais longe, eu começaria a falar agora mesmo, companheiro.

— Sim, acho que eu também te amo.

Ela ofegou.

— Acha?

Torturou-lhe com seus dedos durante cinco segundos até que ele cedeu.

— Ok, ok. Eu te amo. Eu amei você desde que me bateu no rosto com o bule. Sempre te amarei. Simplesmente não se esqueça disso, ok?

— Por que me esqueceria? — o olhar perplexo em seu rosto era doce.

— Poderia se aborrecer de mim depois de um tempo. Acredita que pode despertar ao meu lado todos os dias e não querer, eventualmente no futuro, sair e encontrar a alguém novo?

Ele manteve seu tom leve, mas estava realmente preocupado com isso. Tinha acontecido uma vez, e o matrimônio não tinha durado centenas de anos quando tinha acontecido.

— Poderia dizer o mesmo sobre você. Você já viajou pelo mundo e viu tantas coisas. Viveu por tanto tempo. Como poderia se contentar comigo? — ela mordeu o lábio. — Sou suficiente para mantê-lo feliz?

— Não há nenhuma garantia na vida, mas uma coisa que posso prometer é que te amarei pelo resto de minha vida — ele encolheu os ombros. — Se isso

significa uns poucos anos ou milhares, quem pode dizer? Entretanto, vou te dar tudo o que tenho enquanto estiver com você.

Marco ouviu que a maçaneta da porta se abria e decidiu que era tempo de subir as escadas. Começou a dirigir Amara para fora da cozinha, mas ela o deteve.

— O que aconteceu com Royce? Foi buscar...

— Acredito que entenderá.

Sem esperar que ela continuasse protestando, levantou-a em seus braços e a levou pelos degraus a seu quarto.

Ou era o quarto de ambos? Havia ainda muita coisa que precisavam falar.

— Onde quer morar?

— O que tem de errado morar aqui mesmo?

Ela desabotoou sua camisa e a empurrou fora de seus ombros. Deixou-a cair ao chão. Seu roupão caiu junto da camisa, seguido pelo resto de sua roupa.

— É esse ruído todo. Realmente não estou certo de querer morar na cidade.

— Não é como se estivéssemos no coração da cidade. Este é um bom lugar para viver.

— Muitos vizinhos. Eu gosto de minha privacidade.

Ele se inclinou para deslizar sua língua por seus endurecidos mamilos. Ela estremeceu.

— Onde gostaria de viver?

Ele fez uma pausa.

— Estava pensando que o meu lugar seria bom.

— Lá fora, no meio do mato?

— Sim. É tranquilo. — a tranquilidade era uma boa coisa. — Não há nenhum vizinho intrometido nem ex-noivos aborrecidos.

Ele mergulhou seus dedos profundamente em sua vagina, esperando convencê-la de uma maneira ou outra que seu lugar seria a melhor opção. Ela balançou seus quadris e choramingou.

Quando ela falou sua voz não foi mais que um sussurro.

— Estou gostando tanto esta discussão. Não poderíamos deixá-la para outro momento? Em vez disso, preferiria me concentrar em te levar para a cama, e negociar onde vamos viver mais tarde.

— Mas vai morar comigo, certo?

— Sim. — sua resposta não foi mais que um silvo quando ele deu um golpe em seus clitóris com o dedo polegar. — Agora cale a boca e faça amor comigo.

Ele não resistiria a esse tipo de oferta. Nunca. Recostou-a na cama e cobriu

seu corpo com o seu. Olhou-a profundamente nos olhos. Era tão bonita, e não sabia o que tinha feito para merecê-la. Mas não ia questionar isso, e não ia afastar-se dela. Ela era sua, maldição, e nunca iria permitir que se fosse.

Acariciou seu cabelo enquanto a beijava profundamente, tentando lhe mostrar quanto a amava. Nunca seria capaz de expressar plenamente em palavras, a profundidade de seus sentimentos por ela. Não tinha em seu interior essa poesia. Teria que lhe demonstrar de outras maneiras o que significava para ele.

Talvez até tentasse gostar desses estúpidos filmes, se isso a agradava. Ele tinha que admitir, ela parecia realmente lasciva vestida de couro preto.

Amara mordeu sua orelha.

— Você está longe de novo.

— Sinto muito.

— Eu não posso deixar que faça isso. Preciso que esteja aqui comigo.

Ele assentiu e a beijou de novo. Seus lábios se afastaram e ele pôs sua língua dentro de sua boca. Ela correspondeu, chupando a sua. Era incrível. Ela era incrível.

Sem aviso, Amara o arremessou sobre suas costas. Montou-o e se empalou em seu quente pau. Ela começou a se mover, mas ele a manteve quieta com as mãos em seus quadris, tentando saborear o sentimento de estar conectado com ela. Quando estava com ela, sentia-se como se fossem um.

Nunca havia sentido uma conexão como esta com uma mulher antes, vampiro ou não. Possivelmente tinha algo que ver com sua herança psíquica.

Evidentemente cansada de esperar, Amara retirou suas mãos e se levantou até que somente a cabeça de seu pênis estava dentro dela. Ele gemeu quando escorregou para baixo, tomando-o inteiro. Ela era tão boa. Ele mordeu seu ombro, enquanto degustava seu sabor.

Ele se moveu e acariciou seus clitóris. Ela suspirou e se moveu mais rapidamente, levando ambos em uma cavalgada assombrosa. Ela gozou em minutos, se dobrando e gritando, que o enviou para seu próprio e brilhante gozo.

Depois, ele segurou-a firmemente, não querendo deixá-la ir.

— Ei. — ela acariciou seu cabelo, seu peito nu, e sua mandíbula bem delineada.

— Sente-se melhor agora?

Ele riu.

— OH, sim. Não acredito que possa me sentir melhor que isto.

— Vamos ver... — ela riu com ele. — Já decidi onde quero viver.

Epílogo

— Ainda penso que você é um idiota.

Marco dirigiu a Ellie um olhar venenoso.

— Essa parece ser uma opinião comum por aqui.

Olhou para Amara procurando ajuda, mas ela só encolheu os ombros.

— O que posso dizer? Eu tenho que concordar com Ellie sobre este assunto.

— Sequestrar mulheres não é a forma de encontrar uma companheira, embora tudo acabe bem.

Ele girou seus olhos. Não podia entender por que tinha encorajado Amara a passar mais tempo com o Ellie. Agora, em vez de ter uma mulher em cima dele, tinha cinco. Entre Amara, Ellie e sua manada de parentes femininos, ele não teve descanso.

— Chega de conspirar contra mim, senhoras. Certamente vocês tem coisas melhores para fazer com seu tempo.

Ellie encolheu os ombros.

— Realmente, não. Se por acaso não notou, minha vida não é muito interessante.

Talvez devesse encontrar uma forma de mudar isso. Ellie estava passando muito tempo na casa deles em vez de estar em sua própria casa com sua família. Poderia até ter uma boa solução. Definitivamente era algo sobre o que pensar.

Ele riu para si mesmo. Para um cara que tinha jurado que nunca se comprometeria de novo, a mudança tinha sido total. Não só tinha uma companheira, uma esposa, nada menos, já que Amara tinha insistido em ter um casamento de verdade, mas também tinham gasto uma grande quantidade de dinheiro para comprar e renovar uma velha mansão na costa da Nova Inglaterra, na pequena cidade em que tinha encontrado pela primeira vez Ellie e sua família.

Ele e Royce estavam começando a resolver sua relação de uma maneira hesitante, e Amara tinha deixado para trás Hollywood e seus tolos filmes permanentemente.

— Ok, senhor introspectivo — Amara chamou sua atenção. — Tenho uma proposta para você.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Sério?

— Estive pensando muito a respeito da Los Angeles e meu antigo trabalho.

Ele assentiu, não tendo certeza se gostava do rumo que tomava aquilo.

— Você sente saudades?

— Bom, realmente não sinto falta da cidade. Mas sim do trabalho. Eu gostava

dos filmes de terror.

Ele gemeu.

— Por favor, não me diga que está pensando em voltar.

— Por favor. Só a viagem de ida e volta me mataria. — um malévolo brilho apareceu em seus olhos. — Em lugar disso estou pensando em escrever um livro.

Ele suspirou.

— Espero que não seja uma excêntrica história de vampiros.

— De fato, é exatamente isso o que quero fazer —riu— Acredito que seria verdadeiramente boa. Depois de tudo, tenho certa experiência.

Ellie se animou.

— Isso soa bem. Eu amei todos os filmes da série Midnight.

Marco gemeu.

— Pelo amor de Deus, Ellie, não a anime.

— Não comece. — Amara divertidamente lhe afagou o braço. — Não sei por que você tem que nos colocar contra você. Não faria mal se você relaxar um pouco.

— Relaxarei quando abandonar essa estúpida ideia — se queixou.

— Vá se acostumando. Além disso, escrever me dará algo que fazer quando ficar em casa com os meninos.

Ele abriu sua boca, mas passou quase um minuto antes que pudesse emitir algum som.

— Está tentando me dizer algo?

Amara riu.

— Não, não estou grávida ainda. Mas a expressão de puro terror em seu rosto não tem preço.

Ele parou de prender a respiração e enxugou a testa. Aquilo tinha sido perto. Estava começando a se acostumar à ideia de estar casado. Não estava nem de longe preparado para começar a pensar em crianças.

— Talvez em umas centenas de anos possamos tentar ter uma família.

Ela sacudiu sua cabeça, com uma expressão diabólica.

— Você está brincando? Não quero esperar um par de centenas de anos. Quero uma família antes dos quarenta anos.

Era uma boa coisa amar Amara, porque ia ser uma vida bem longa.

FIM